LÍVIA MARIA TURRA BASSETTO

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO REFERENCIAL NAS CRÔNICAS DE TEMAS POLÍTICOS ESCRITAS POR CARLOS HEITOR CONY.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2008

LÍVIA MARIA TURRA BASSETTO

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO REFERENCIAL NAS CRÔNICAS DE TEMAS POLÍTICOS ESCRITAS POR CARLOS HEITOR CONY.

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística).

Orientadora: Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2008

Bassetto, Lívia Maria Turra.
O processo de construção referencial nas crônicas de temas políticos escritas por Carlos Heitor Cony / Lívia Maria Turra Bassetto. – São José do Rio Preto: [s.n.], 2008.
158 f. : il. ; 30cm.

Orientador: Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Análise lingüística (Lingüística). 2. Lingüística. 3. Lingüística Textual. 4. Referência (Lingüística). 5. Análise do discurso. I. Jubran, Clélia Cândida Abreu Spinardi. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU - 81’42

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran
Universidade Estadual Paulista – UNESP

Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi
Universidade Estadual Paulista – UNESP

Suplentes

Profa. Dra. Edwiges Maria Morato
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Àquele, que pela mera lembrança me fortalece; e àquela, que pelo exemplo me determina: meu pai e minha mãe.

AGRADECIMENTOS

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas.
(Gonzaguinha)

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram nesse período de eterna (re)construção. Àquelas que são partes da minha formação e eterna transformação, devo um pequeno espaço para os meus sinceros agradecimentos:

Primeiramente, a Deus, minha referência maior, por fortalecer-me, guiar-me e cuidar-me;

À minha orientadora, Profª. Dra. Clélia S. Jubran, por confiar em mim, por me fazer crescer e por compreender minhas dificuldades e limites. A ela, meus eternos agradecimentos;

À Profª. Dra. Ingedore G. Villaça Koch, por se disponibilizar à leitura e discussão desse trabalho, contribuindo para que ele fosse aprimorado;

À Profª. Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi, pela atenciosa leitura e pela grande contribuição dada tanto no exame de qualificação quanto na defesa.

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pelas importantes sugestões e contribuições dadas no exame de qualificação.

À Profa. Dra. Anna Christina Bentes, pelas contribuições dadas a este trabalho no VI Seminário de Estudos Lingüísticos;

À minha mãe Santina, referência de fortaleza, que, no seu abraço caloroso e terno, me gerou, me criou e me fez crescer.

A meu pai Nivaldo, que mesmo distanciado pela eternidade, foi minha referência plena de carinho e afeto. A ele, devo os meus agradecimentos pela belíssima infância, que colaborou para o que sou hoje. A ele tudo o que sou, pois há, no meu coração, a certeza de seu orgulho e felicidade pela minha construção diária.

A meus queridos irmãos Luiz Carlos e Renato, pela referência de amor e amizade sempre presente entre nós.

Ao meu amado Paulinho, referência de amor, paciência e paz, com quem tenho compartilhado todos os meus sonhos. A ele, por ser meu maior presente e meu melhor futuro.

A todos os meus eternos amigos, referência de companheirismo e irmandade, por tornarem meus dias mais alegres e amenos. Em especial, meu querido Bruno e minha querida Luciana, por me incentivarem e me suportarem nos desânimos da vida; às minhas amigas-irmãs Vania, Ludimila e Vanessa, por dividirem comigo sorrisos e lágrimas; à Cíntia e ao Denílson, por sempre estarem presentes e me trazerem alegria; à Emilia, por compartilhar tantos momentos e se manter fiel; ao Paulo e à Jacicarla, por terem convivido comigo e se fazerem presentes; e a tantos outros amigos que dividem comigo a vida, mas que o limite de páginas não me permite declarar...

“O mais precioso de nós é o que permanece não-formulado”.
(André Gide)

RESUMO

O presente trabalho tem como base teórica a concepção de referente apresentada pela Lingüística Textual de linha sócio-cognitivo-interacionista. Para esta, a referenciação, não mais vista como uma relação de espelhamento entre linguagem e realidade, passa a ser considerada como um processo de construção referencial dada no interior do discurso e, portanto, sem relação especular com o objeto-de-mundo. Assim, para essa perspectiva teórica, o referente, também denominado de objeto-de-discurso, é construído sócio-culturalmente a partir das práticas sociais e remodelado, no interior do discurso, em função dos propósitos comunicativos dos parceiros da interlocução verbal. Com base nesse aparato teórico, esse trabalho buscou analisar os recursos lingüísticos empregados por Carlos Heitor Cony na construção de referentes em suas crônicas de temas políticos publicadas entre 2004 e 2005. A partir dos dados encontrados no corpus, esta dissertação demonstra que, além das estratégias de progressão referencial já previstas pela literatura da área, a predicação – tanto nominal quanto verbal – e o que foi denominado de "jogo de instauração de referentes" podem atuar, em conjunto com o contexto discursivo, para a construção referencial. Como objetivo mais específico, tal pesquisa voltou-se à construção referencial de Lula, com destaque para as transformações sofridas por esse referente no decorrer das crônicas selecionadas e não apenas em cada uma delas isoladamente. De acordo com os dados analisados, esse trabalho constatou uma mudança na construção do referente Lula, que, de início, se voltava a aspectos positivos do presidente, sendo esses, em alguns casos, mesclados a aspectos negativos. No entanto, no decorrer das crônicas, houve uma intensificação dos aspectos negativos atribuídos a tal referente, o que se deveu à influência do contexto sócio-político-econômico da produção textual, marcado, principalmente, pela crise política do governo Lula em 2005.

PALAVRAS CHAVE: Referenciação, processos de construção referencial, referente Lula, crônica.

ABSTRACT

The present work has as theoretical base the conception of referent presented by Textual Linguistics of socio-cognitive-interactionist base line. According to it, the referenciation is no longer seen as a relation of mirroring between language and reality, but it is considered as a process of referential construction that occurs in the discourse and, therefore, without a specular relation with the "object of world". Like this, to this theoretical perspective, the referent, also denominated "object of discourse", is constructed socio-culturally starting from the social practices and remolded, in the interior of the discourse, in the function of the verbal interlocutors' comunicative purposes. Grounded on this theoretical support, this work aimed to analyse the linguistic means used by Carlos Heitor Cony in the construction of the referents in his chronicles of political themes published between 2004 and 2005. With base on the data found in the corpus, this dissertation demonstrate that, besides the estrategies of referential progression already foreseen by the bibliography about referenciation, the predicate – both nominal and verbal – and what was denominated instauration of referents game are able to act, with the discoursive context, to promote the referential construction. As a more especific objective, this research turned to the referential construction of Lula, with emphasis on the transformations suffered by this referent in the course of the selected chronicles and not only in each one of them separately. Starting from the analysed data, this work verified a change in the referent Lula's construction, which, in the beggining, turned to the president's positive aspects, in some cases, mixed with the negative ones. However, in the course of the chronicles, there was an intensification of negative aspects atributed to that referent. This was due to the influence of socio-political-economic context of textual production, marked, mainly, by the political crisis of govern Lula in 2005.

KEYWORDS: Referenciation, proccesses of referential construction, referent Lula and chronicles.

LISTA DE SIGLAS

As siglas empregadas por nós, nos exemplos dos capítulos, estão postas a seguir em ordem alfabética e acompanhadas dos títulos das crônicas e das datas de publicação. Todos os textos são de autoria de Carlos Heitor Cony e foram publicados no jornal Folha de S. Paulo.

ADI – “A degola dos inocentes” (06 de janeiro de 2004).

AEA – “Aqui e agora” (28 de abril de 2004).

AGF – “A grande festa” (14 de junho de 2004).

AVR – “Água vem do ribeirão” (10 de maio de 2004).

BEB – “Bonzos e bonzerias” (13 de outubro de 2005).

CDB – “Casca de banana” (27 de março de 2004).

CEC – “Cara e coragem” (29 de janeiro de 2004).

CPV – “A canoa pode virar” (30 de março de 2004).

CSM – “Considerações sobre a Máfia” (20 de setembro de 2005).

FLV – “FHC, Lula e Vespasiano” (23 de março de 2004).

HDG – “A hora do grito” (05 de abril de 2004).

LAB – “Lula e a base” (03 de outubro de 2005).

LOB – “Lula e o Brasil” (25 de abril de 2004).

OMM – “O ministro-monstro” (21 de janeiro de 2004).

OPN – “O país e a nação” (16 de agosto de 2005).

OV – “Ouvindo vozes” (10 de junho de 2004).

PED – “O pão e o diabo” (13 de abril de 2004).

TFL – “Túnel no fim da Luz” (04 de janeiro de 2004).

VEM – “Verdades e mentiras” (13 de setembro de 2005).

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS..... 08

INTRODUÇÃO..... 11

CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS..... 20

1.1. A relação linguagem – mundo..... 20

1.2. Referenciação..... 28

1.3. Referenciação e predicação..... 36

CAPÍTULO II – PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO REFERENCIAL NAS CRÔNICAS DE CONY..... 41

2.1. Estratégias de progressão referencial..... 41

2.1.1. Modalidades de estratégias de progressão referencial..... 45

2.1.1.1. Descrição definida..... 45

2.1.1.2. Descrição indefinida..... 53

2.1.1.3. Nominalização..... 56

2.1.1.4. Associação..... 58

2.1.1.5. Pronominalização..... 61

2.1.2. As funções exercidas pelas estratégias de progressão referencial..... 64

2.1.2.1. Argumentação..... 64

2.1.2.2. Encapsulamento..... 66

2.2. Predicação..... 72

2.2.1. Orações de predicado nominal..... 73

2.2.2. Orações de predicado verbal..... 77

2.3. Jogo de instauração de referentes..... 83

CAPÍTULO III - A CONSTRUÇÃO REFERENCIAL DE LULA..... 87

3.1. Os modos de expressão do referente Lula..... 88

3.2. A valorização de Lula nas crônicas de 2004..... 96

3.2.1. A atribuição de características positivas..... 96

3.2.2. A retirada de atributos negativos..... 108

3.3. A desvalorização de Lula nas crônicas de 2004..... 112

3.3.1. A atribuição mais amena de características negativas..... 113

3.3.2. A atribuição mais áspera de características negativas..... 118

3.4. A intensificação de atributos negativos nas crônicas de 2005..... 130

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 139

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 144

ANEXOS..... 147

INTRODUÇÃO

Considerando a relevância atribuída à relação linguagem e mundo, que tem sido posta, há muito tempo, como objeto de pesquisa em vários campos de estudo, esse trabalho também tem como foco tal questão. No entanto, nossa pesquisa leva em conta a perspectiva de referência – e, conseqüentemente, de referente – tomada pela Lingüística Textual de linha sócio-cognitivo-interacionista, diferenciando-se da concepção tradicional de referência, na qual esta – a referência – tem sido considerada como um reflexo do mundo extralingüístico, ou seja, as formas lingüísticas são utilizadas para designar os elementos do "mundo real", numa relação de espelhamento entre linguagem e mundo.

Para a visão sócio-cognitivo-interacionista de referência, o referente é construído sócio-culturalmente, nas práticas sociais, e remodelado de forma interativa entre os parceiros do processo textual, em função de propósitos comunicativos específicos de uma interlocução verbal. Desse modo, o referente, também denominado de objeto-de-discurso, não mantém relação especular com o objeto-de-mundo.

Portanto, é com base nessa teoria lingüística que desenvolvemos nosso estudo, visando à análise do processo de referenciação em crônicas. No entanto, diferentemente das pesquisas realizadas na área, que têm mantido estreita ligação entre o processo de referenciação e os gêneros textuais – como o trabalho do Grupo *Protexto* de Pesquisa em Lingüística –, não enfatizamos as influências do gênero sobre o processo de construção referencial[1].

Para realização de nosso estudo, selecionamos, como material de análise, algumas crônicas de temas políticos escritas por Carlos Heitor Cony. Para uma delimitação maior de

[1] Convém destacar que, embora não exploremos, nesse trabalho, a estreita relação existente entre o processo de referenciação e gênero textual, isso não significa que não concordamos com tal idéia. Ao contrário, compartilhamos do mesmo pensamento do Grupo *Protexto*, para o qual o processo de construção referencial também recebe influências do gênero textual em que ele se dá.

nosso corpus, efetuamos, além desse recorte temático, também um recorte temporal, limitando-nos às crônicas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* nos anos de 2004 e 2005.

Entre essas crônicas, buscamos encontrar um referente bastante destacado pelo autor. Para isso, partimos da leitura de diversas delas, voltando nossa atenção para a recorrência de referentes nos textos de Carlos Heitor Cony.

Como pudemos notar, as crônicas de Cony, publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* no mencionado período, enfocavam freqüentemente, entre tantas outras personagens, a figura do presidente Lula, visto que, dentro do recorte temporal efetuado, ele ocupa o cargo de maior poder no Brasil e, conseqüentemente, é sempre alvo de muitos comentários no campo político.

Apoiando-nos nesse fato, nosso corpus passou a ser constituído apenas por crônicas de Cony, escritas no período de 2004 a 2005, nas quais encontramos o referente posto em destaque em nossa pesquisa, Lula. Com isso, somamos um total de dezenove crônicas, sendo catorze delas do ano de 2004 e apenas cinco de 2005. Vale ressaltar que essa desproporção não poderia ser prevista por nós, já que a escrita sobre um dos temas do cotidiano – ponto característico desse gênero textual, a crônica – é escolha do cronista, que enfatiza sempre o que lhe parecer mais apropriado para a publicação diária no jornal.

As crônicas[2] por nós selecionadas para a constituição de nosso corpus são:

Crônicas de 2004

“Túnel no fim da luz” (04 de janeiro de 2004)

“A degola dos inocentes” (06 de janeiro de 2004)

“O ministro-monstro” (21 de janeiro de 2004)

[2] Os títulos das crônicas estão ordenados a partir da data de publicação dos textos.

“Cara e coragem” (29 de janeiro de 2004)

“FHC, Lula e Vespasiano” (23 de março de 2004)

“Casca de banana” (27 de março de 2004)

“A canoa pode virar” (30 de março de 2004)

“A hora do grito” (05 de abril de 2004)

“O pão e o diabo” (13 de abril de 2004)

“Lula e o Brasil” (25 de abril de 2004)

“Aqui e agora” (28 de abril de 2004)

“Água vem do ribeirão” (10 de maio de 2004)

“Ouvindo vozes” (10 de junho de 2004)

“A grande festa” (14 de junho de 2004)

Crônicas de 2005

“O país e a nação” (16 de agosto de 2005)

“Verdades e mentiras” (13 de setembro de 2005)

“Considerações sobre a Máfia” (20 de setembro de 2005)

“Lula e a base” (03 de outubro de 2005)

“Bonzos e bonzerias” (13 de outubro de 2005)

Uma vez que, como dissemos, trabalharemos com o processo de referenciação em crônicas, é importante ressaltar, a respeito desse gênero textual, que ele é de terreno bastante vasto, o que não nos permite ser reducionistas em sua definição. Mas cabe destacar, de forma geral, que a crônica, em especial a jornalística, na atualidade, tem como características

bastante marcantes a sua criticidade e ironia, servindo como meio para a exposição de idéias, argumentos e críticas, e, em conseqüência, estimulando reflexões em seu interlocutor.

Em relação às crônicas políticas, com as quais trabalhamos nessa pesquisa, sua classificação é marcada pela sua temática, uma vez que sua produção se volta aos atos e fatos políticos do cotidiano, o que não impede de esses serem correlacionados a tantos outros já realizados. Com isso, o cronista visa à reflexão e à postura crítica do seu leitor.

Quanto ao estilo, o autor pode se sentir mais livre ao produzir uma crônica e, assim, levar à impressão de diálogo entre ele e seus leitores. Já sobre a sua estrutura, a crônica é geralmente um texto breve, em prosa, com também uma certa liberdade quanto à linguagem empregada.

Sobre Carlos Heitor Cony, autor das crônicas constituintes de nosso *corpus*, é considerado um importante e diferenciado escritor contemporâneo, que trabalha a crônica com grande destreza e que, também romancista, produz textos nos quais se evidenciam um convívio íntimo com as palavras e uma tal elaboração da linguagem, que seus leitores podem sentir a poetização do cotidiano.

No jornal *Folha de S. Paulo*, para o qual Cony escreve diariamente, encontramos, em cada uma de suas crônicas – dos mais variados temas –, a apresentação de sua genialidade no exercício desse gênero, o que nos levou à admiração pelo trabalho do autor e à seleção de seus textos como *corpus* dessa dissertação.

Assim, apresentada a escolha de nosso *corpus*, convém destacar os nossos objetivos em relação a esse estudo.

Em âmbito geral, nosso intuito é a análise dos recursos lingüísticos empregados por Cony para a construção referencial no interior de suas crônicas, voltando nossos olhos, mais especificamente, para o referente Lula, figura em destaque nessa pesquisa. Entretanto, é importante esclarecer que, embora analisemos cada uma das crônicas de Cony, nosso

principal objetivo não é nos voltar à construção referencial em cada texto isoladamente, mas demonstrar as transformações do referente no decorrer de todas as crônicas. Esse ponto acaba por diferenciar esse trabalho dos demais realizados na área.

Além disso, em relação à análise dos dados, excedemos às estratégias referenciais presentes na literatura sobre Referenciação, incluindo, como contribuintes no processo de construção referencial, também a predicação – tanto nominal quanto verbal – e o que denominamos "jogo de instauração de referentes".

Entretanto, vale ressaltar que, antes de começarmos a análise do *corpus*, tínhamos como hipótese inicial o fato de que encontraríamos nele uma mudança na referenciação de Lula, partindo de um pólo positivo e se dirigindo, na ordem cronológica das crônicas, a um pólo mais negativo. Ou seja, acreditávamos que a visão dos brasileiros a respeito de Lula – representada pelo discurso de Cony –, atrelada ao contexto de publicação das crônicas, demonstrar-se-ia cada vez mais decepcionada.

Tal hipótese está ligada ao fato de que a crônica, por tratar de acontecimentos cotidianos – no caso, políticos –, acabaria por representar, de início, ainda a aura de esperança e transformação que havia em torno do governo Lula. E que, diante da crise política ocorrida no ano de 2005, teríamos uma mudança no imaginário brasileiro a respeito do então presidente da República e de demais governantes, o que levaria a transformações também no modo como Cony construiria o referente Lula no interior de suas crônicas.

Assim, acreditávamos que, nas primeiras das crônicas de nosso *corpus*, publicadas no ano de 2004 (segundo ano do primeiro mandato de Lula), encontraríamos o referente presidente da República ainda construído como um mito, como operário e, principalmente, como o primeiro presidente de origem popular, "imagens" essas tão ressaltadas pela imprensa nacional e internacional.

Em um artigo de Silva (2006), justamente sobre o governo Lula, temos corroborada essa idéia construída, não só pela imprensa, mas pelo próprio povo, sobre o então presidente da República. Silva traz-nos a apresentação de Lula, presente no trecho cujo subtítulo é “A vitória do mito”, por meio das seguintes palavras:

> Luiz Inácio Lula da Silva – o antigo operário, o ex-sindicalista, o homem que emerge da ditadura militar como o grande líder brasileiro de esquerda, fundador, em 1980, ainda na época da transição para a democracia, do Partido dos Trabalhadores (PT), foi eleito presidente da República Federativa do Brasil em 2002, depois de três derrotas consecutivas (1989, 1994 e 1998).
> Transformado em mito e em representante máximo da suprema utopia de esquerda, um governo popular, sua missão era começar a acabar com o poder das chamadas elites. (p. 7)

No entanto, acreditamos que essa aura em torno de Lula tenha sido mais intensificada em crônicas de 2003, o ano em que temos ainda a celebração e o otimismo da vitória, tanto por parte do próprio presidente, quanto do povo que nele votou. Talvez, se tivéssemos analisado textos desse ano – 2003 –, poderíamos encontrar, mais notadamente, a transformação que supomos haver em relação à referenciação de Lula.

Em 2004, embora ainda esteja presente esse tipo de visão sobre Lula, surgem as primeiras sensações de estranheza no público, principalmente ligadas às constantes promessas do espetáculo do crescimento – não cumpridas – e ao aparecimento dos primeiros escândalos envolvendo o PT (Partido dos Trabalhadores).

Com isso, nossa hipótese de pesquisa confirmou-se apenas parcialmente, visto que as crônicas iniciais – referentes ao começo de 2004 – já continham construções do referente Lula que apontavam os seus aspectos negativos decorrentes do contexto da época.

No entanto, pudemos notar a partir do corpus que, mesmo presentes os aspectos negativos em relação à figura de Lula, nas crônicas iniciais, esses aspectos são apresentados de forma mais amena ou, pelo menos, mesclados com atributos positivos do referente.

Desse modo, no ano de 2004, temos uma visão acerca de Lula que vai do filho da pobreza, do migrante nordestino, do ex-operário ao político com muitas promessas e poucas ações, com falhas em seu governo e com as primeiras acusações de corrupção feitas ao seu partido.

Com isso, acreditamos que se justifique a mistura existente entre a exaltação de Lula e a crítica a ele nas crônicas de Cony do ano de 2004.

Já nas crônicas de 2005, observamos que o referente Lula é construído de forma mais austera, o que está relacionado ao fato de que, em tal ano, temos o que poderíamos denominar de crise política do governo Lula, caracterizada principalmente pelo escândalo do "mensalão"[3], escândalo esse que acabou por se refletir negativamente na figura de Lula.

Acontecimentos como esse serão explorados no desenvolvimento de nossas análises.

Assim, para apoiar teoricamente nossa pesquisa e demonstrar as transformações tidas na figura de Lula no decorrer das crônicas, nossa dissertação foi estruturada em três capítulos. O primeiro deles, denominado **Fundamentos teóricos**, foi desdobrado em três seções. Na primeira, apresentamos as diferentes concepções de referência e referente e o percurso pelo qual essas passaram, desde a perspectiva tradicional de referência até a noção de "fabricação da realidade", instituída por Blikstein (1983). Na segunda seção, introduzimos a teoria da Referenciação e suas perspectivas de referência/ referente e de linguagem, levantando os aspectos conceituais de relevância para essa pesquisa, dentre eles os de categorização e recategorização. Na terceira seção, abrimos espaço para nossa proposta de relação entre o processo de referenciação e predicação.

Já o segundo capítulo, intitulado **Processos de construção referencial nas crônicas de Cony**, traz a exposição das estratégias de progressão referencial seguidas de reflexões

[3] O esquema do "mensalão" foi denunciado pelo presidente do PTB da época, Roberto Jefferson, que dizia haver um pagamento de uma mesada a parlamentares do PP e do PL em troca de apoio ao Congresso. Esse dinheiro, segundo o deputado, provinha de estatais e empresas privadas. Tal fato provocou grandes turbulências no governo naquele período.

teóricas e de exemplos retirados de nosso *corpus*. Convém ressaltar que, nesse capítulo, buscamos dar ênfase à construção de outros referentes presentes no discurso de Cony, deixando o referente Lula para o terceiro capítulo. Assim, dentro da seção de estratégias de progressão referencial (seção **2.1**), apresentamos as modalidades de tais estratégias (**2.1.1.**), dividindo-as em: descrição definida (**2.1.1.1**), descrição indefinida (**2.1.1.2**), nominalização (**2.1.1.3**), associação (**2.1.1.4**) e pronominalização (**2.1.1.5**). Em seguida, apresentamos na seção **2.1.2.** as funções exercidas pelas estratégias de progressão referencial, sendo estas divididas também em subseções: argumentação (**2.1.2.1**) e encapsulamento (**2.1.2.2**), essas acompanhadas de exemplos do nosso *corpus*. Na seção **2.2** desse mesmo capítulo, retomamos brevemente a relação existente entre referenciação e predicação, demonstrando a importância dos predicados nominal e verbal, atrelados ao contexto discursivo, para a construção referencial nas crônicas de Cony. E, por fim, outro recurso utilizado pelo cronista para a construção referencial, o "jogo de instauração de referentes" – como denominamos –, é posto na seção **2.3**, sendo caracterizado e exemplificado também pelo nosso *corpus*.

O terceiro capítulo, **A construção referencial de Lula**, é voltado ao processo de construção do referente Lula, foco de nossa pesquisa. Para a apresentação da referenciação de Lula, dividimos o capítulo em quatro seções. A primeira delas traz, de forma geral, os recursos mais recorrentes no nosso material de análise, empregados por Cony, para referir-se a Lula ou retomá-lo. Na segunda, com ênfase nos textos de 2004, demonstramos os meios dos quais o cronista se valeu para a valorização de Lula. Dentro dessa seção, efetuamos ainda subdivisões, sendo elas: **3.2.1. A atribuição de características positivas**; e **3.2.2. A retirada de atributos negativos**. Já na terceira seção, exploramos a desvalorização de Lula nas crônicas de 2004, de acordo com a atribuição mais amena de características negativas (subseção **3.3.1**) e a atribuição mais áspera (subseção **3.3.2**). E, na seção **3.4**, demos destaque à intensificação dos atributos negativos relacionados ao referente Lula, nas crônicas de 2005.

Por fim, nas **Considerações finais** desse trabalho, retomamos brevemente os resultados de nossa pesquisa e as reflexões suscitadas em nós a partir deles.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1. A relação linguagem-mundo

As relações entre linguagem e realidade, que implicam a concepção de referente, têm sido, há muito tempo, objeto de várias pesquisas, em diferentes campos de conhecimento. Como nos dizem Koch et al. (2005, p. 7):

> Entre os temas que têm perpassado as reflexões sobre a linguagem, a questão da referência é, sem dúvida, um dos mais recorrentes e instigantes, como nos têm apontado com agudeza filósofos, lingüistas, lógicos, semioticistas, analistas do discurso, psicólogos, sociólogos.

No entanto, vale ressaltar que, entre as pesquisas realizadas a esse respeito, há uma distinção na concepção de referência, de acordo com a perspectiva de linguagem por elas utilizada. Sendo assim, vale retomar brevemente, entre os estudos lingüísticos, a sempre presente questão do objeto da Lingüística.

Segundo Saussure, é o ponto de vista que cria o objeto. Isso equivale a dizer que a Lingüística não é uma ciência de um objeto dado, mas criado a partir dos objetivos de estudo, ou seja, "a lingüística está orientada para o seu próprio discurso, na constituição do seu objeto, nos questionamentos acerca de seus fundamentos, processos, modelos, pressupostos, etc". (CARDOSO, 2003, p. 2)

Dessa forma, pode-se dizer que a Lingüística não se manteve estável, mas foi se distinguindo de acordo com a visão de língua/linguagem tida em determinado período. Assim, levando em conta a instabilidade na definição do objeto da Lingüística, e as decorrentes correlações com a abordagem da questão do referente, faremos um breve percurso pelos principais estudos da linguagem que nos pareceram relevantes para a apresentação do

desenvolvimento do conceito de referente formulado pela teoria sóciocognitivo-interacional, base de nossa pesquisa.

Retomando, sucintamente, o período da considerada cultura clássica, desde Aristóteles e Santo Agostinho, tomamos conhecimento de que reflexões filosóficas sobre como conhecemos o mundo através da linguagem verbal já estavam presentes na agenda teórica do pensamento ocidental. Estando, portanto, a questão da referência já posta em voga nesse momento, encontramos uma perspectiva de referência tida como uma relação intralingüística, uma vez que se acreditava que as palavras não possuíam significado isoladamente, mas apenas quando relacionadas a um processo de predicação verbal. Dessa forma, o conceito de língua era de um sistema cuja função era organizar a realidade e, dessa forma, representá-la. É a essa visão teórica sobre a relação existente entre realidade e linguagem que se atribui a denominação de “relação de espelhamento” ou de “representação”, já que a idéia defendida durante esse período é de que a linguagem seria o reflexo da realidade em si.

Mas, a partir dos estudos realizados sobre a questão da referência, sabemos que essa foi alvo de muitas discordâncias teóricas, que levaram a diversas ponderações sobre o assunto, fazendo com que surgissem mudanças na concepção tanto de linguagem quanto de referente e referência. Dentre as discussões teóricas, muitas contribuíram para o desenvolvimento do conceito de referência, tanto que Silva (2004), em sua tese de doutorado, apresenta-nos o caminho percorrido por vários estudiosos de diferentes campos de conhecimento (como Kant, Durkheim, Moscovici, Sacks e Rosch), que, direta ou indiretamente, deram subsídios teóricos para as reflexões no campo da Lingüística.

No entanto, apesar de termos várias formulações a respeito da visão de linguagem e sua relação com a realidade, não é sobre essas que recai o ponto de partida para os estudos lingüísticos, mas sim sobre os estudos realizados por Saussure.

Visando a alcançar a cientificidade da Lingüística, sempre posta em questão por pesquisadores de outras áreas, Saussure, ao selecionar o objeto de seus estudos sobre a linguagem, toma a língua como tal. Para isso, ao realizar essa seleção, Saussure exclui tudo o que possa haver de particular na linguagem, já que sua concepção de língua é de um sistema supra-individual, formado por signos arbitrários, constituídos por duas faces – conceito e imagem acústica – unidas por convenção social. Desse modo, Saussure deixa de lado nos seus estudos a fala, vista como individual, dependente da vontade e da inteligência do indivíduo, assistemática e ocasional, o que faz com que seja marginalizada nesse momento dos estudos lingüísticos.

Para ele, o único objeto suscetível de uma definição autônoma é a língua, cujo conceito está ligado à sua teoria do valor lingüístico, para a qual a língua é um sistema de valores puros, diferenciais e relacionais, independentemente de uma relação com a "coisa" ou o objeto de mundo. Ou seja, o valor de um signo lingüístico não se encontra em relação à idéia por ele representada, mas se dá justamente pelo jogo de oposições existentes entre os conceitos, assim como entre os seus elementos fônicos no interior do sistema lingüístico. É, portanto, a partir da teoria do valor lingüístico que se assegura a idéia de língua apenas enquanto forma e independente de substância, sendo estas – forma e substância – separadas por uma fronteira posta entre língua e realidade, que não deve ser ultrapassada pelos lingüistas. Vale lembrar, nesse momento, que a chamada substância, para Saussure, corresponderia ao referente da linguagem visto como a realidade pura, como objeto-de-mundo, extraditado dos estudos saussureanos.

Essa extradição referencial pode ser constatada também, por meio de seus estudos, no princípio da arbitrariedade dos signos, segundo o qual o signo, concebido sem referente, é constituído apenas de significante e significado e estando estes numa relação de arbitrariedade.

No entanto, apesar de Saussure buscar um estudo da língua sem a introdução da relação desta com a realidade, questionamentos teóricos começaram a surgir, por parte de alguns lingüistas como Benveniste e Hjelmslev, em relação às teorias saussureanas, em especial à questão da arbitrariedade do signo lingüístico.

Isso se deveu ao fato de que esses lingüistas, com destaque para Benveniste, acreditavam que Saussure, mesmo não desejando, levou em conta o referente de mundo na elaboração do princípio da arbitrariedade, conforme Benveniste (1988) alega:

> Acabamos de ver que Saussure toma o signo lingüístico como constituído por um significante e um significado. Ora – isto é essencial – ele entende por "significado" o conceito. Declara literalmente (pág. 100) que o "signo lingüístico une não uma coisa a um nome mas um conceito a uma imagem acústica". Garante, logo depois, que a natureza do signo é arbitrária porque não tem com o significado "nenhuma ligação natural com a realidade". Está claro que o raciocínio é falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Esse terceiro termo é a própria coisa, a realidade. Saussure cansou-se de dizer que a idéia de "soeur" não está ligada ao significante s-ö-r, porém não pensa menos na realidade do que na noção. Quando fala a diferença entre b-ö-f e o-k-s, refere-se, contra a vontade, ao fato de que esses termos se aplicam à mesma realidade. Eis aí, pois, a coisa, a princípio expressamente excluída da definição de signo, e que nela se introduz como um desvio e aí se instala para sempre a contradição. (p. 54)

A partir dessa observação sobre a teoria saussureana, Benveniste incluirá no caráter semiótico da língua, apresentado por Saussure, o caráter semântico que, segundo Benveniste, é produtor da mensagem e portador de referência. É importante salientar que o denominado aspecto semiótico, para Saussure, está relacionado à forma lingüística, ou seja, à língua enquanto independente de toda referência, formada de signos, sem história e sem contexto, enquanto o semântico, para Benveniste, está ligado ao funcionamento da língua, ao "sentido resultante do encadeamento, da apropriação da circunstância e da adaptação dos signos entre si, manifestando-se na enunciação", que essa sim contém referência a uma determinada situação. (CARDOSO, 2003, p. 70-71)

Essa distinção entre o semiótico e o semântico, instituída por Benveniste, resultará em duas lingüísticas, com a necessidade da elaboração de métodos e conceitos apropriados para o seu objeto. Não pretendemos nos deter no desenvolvimento desse assunto, uma vez que nosso enfoque é a questão da referência.

Vale ressaltar que, segundo Benveniste, apesar de a linguagem ser constituída do semiótico e do semântico, a questão da referência está ligada apenas ao semântico e não ao semiótico, uma vez que este é a base na qual se organizam os signos, dos quais aquele – o semântico – se servirá para colocar a língua em funcionamento, na sua função mediadora entre a linguagem e o mundo.

Essa concepção de linguagem, composta de forma e substância, toma essas – forma e substância –, respectivamente, como uma propriedade da língua e um produto de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. A substância, segundo Benveniste (1989, p. 230), é o "sentido", a idéia que a língua exprime, mantendo, assim, a sua relação com a realidade.

Com base nessa sua perspectiva teórica, Benveniste buscará reformular a questão da arbitrariedade instituída por Saussure, considerando arbitrária não a relação entre o significante e o significado, mas a relação entre o signo e o objeto, relação essa que diz respeito à língua em funcionamento. (CARDOSO, 2003, p. 72) Dessa forma, Benveniste inclui a questão da referência em seus estudos, entendendo o referente como "o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso". (BENVENISTE, *ibidem*, p. 231)

No entanto, com a exclusão da referência ou mesmo com sua introdução nos estudos lingüísticos, não tivemos, nessa ocasião, por parte dos lingüistas até então apresentados, preocupação em relação ao processo de construção do significado.

Se pensarmos em exemplos como de Kaspar Hauser, personagem do filme alemão *Jeder für sich und Gott gegen alle de Werner Herzog* ou mesmo do menino mais velho da obra Vidas Secas de Graciliano Ramos, isso para não falarmos de tantos outros casos que conhecemos, observamos que a significação não eclode da linguagem por si só. No primeiro desses casos, Kaspar Hauser se vê como peça integrante de uma realidade totalmente explicada pela linguagem, mas da qual ele não consegue abstrair sentido. O mesmo podemos dizer sobre o clássico trecho da obra de Graciliano, no qual o menino mais velho se vê maravilhado diante da beleza da palavra "inferno", cujo significado não faz parte de seu repertório e, se passasse a fazer, poderia lhe causar decepção, devido ao caráter negativo do significado de tal palavra, instituído culturalmente.

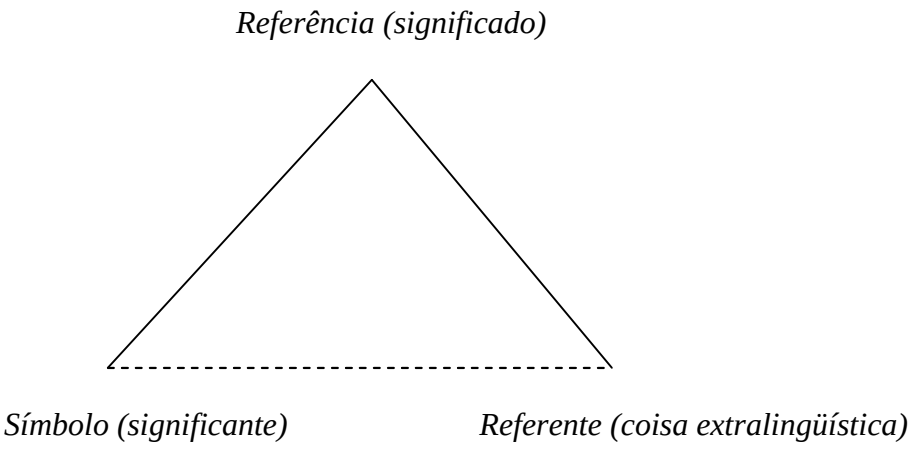
Em relação a pontos como esses, surge a preocupação, por parte da Lingüística, de entender o processo de significação e a natureza do acontecimento semântico, acarretando, dessa forma, estudos sobre a significação e, posteriormente, sobre o processo de cognição.

A respeito da significação, encontramos, na literatura da área, trabalhos como o de Ogden e Richards (1972), cujo objetivo primordial era o de definir "o significado de significado". Esses autores merecem espaço também em nosso trabalho, devido ao triângulo que fará história no campo da semântica, dando subsídios teóricos para demais pensamentos sobre a questão da significação na área da Lingüística.

No conhecido triângulo intitulado com os seus próprios nomes, Ogden e Richards fazem distinção entre a coisa extralingüística – chamada de referente – e o significado lingüístico – a referência –, com a finalidade de se levar em questão o processo de significação, ou seja, o processo de construção do significado dos símbolos lingüísticos.

Dessa forma, o processo de significação, determinado por uma espécie de contrato estabelecido entre sujeitos de uma mesma comunidade, passa a ser apresentado numa relação

triádica entre o símbolo (significante para Saussure), a referência (ou significado) e o referente, como observamos no gráfico a seguir:



Por meio desse gráfico, podemos notar que símbolo e referente não mantém nenhuma relação direta, importando, no processo de significação, apenas a relação entre símbolo e referência dada a partir de um contrato social. Isso mostra que a realidade extralingüística não seria decisiva para a articulação do significado dos signos. Dessa forma, as observações de Ogden e Richards levarão à expulsão do referente – enquanto objeto-de-mundo – da teoria do significado lingüístico, limitando-se sempre ao lado esquerdo do triângulo.

Entretanto, a semiologia, entendendo o processo de construção do significado lingüístico como situado na dimensão perceptivo-cognitiva e, portanto, tomando o referente, não mais como coisa extralingüística, mas como construção sócio-cognitiva da realidade, se voltará para o lado direito do triângulo de Ogden e Richards.

Assim, com a destruição da concepção anterior de referente enquanto exterior à língua e, conseqüentemente, sem relação com a significação, temos a captura do referente, entendido em nova acepção: ele passa de objeto-de-mundo para a realidade “fabricada” a partir de nossa percepção-cognição. Essa denominação “percepção-cognição” se deve aos traços

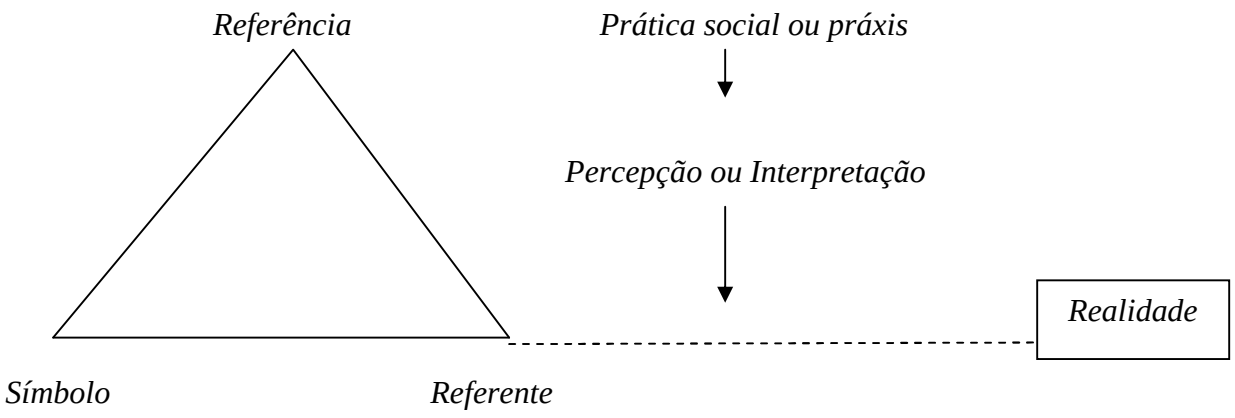
fundamentais implicados no processo de percepção/interpretação, sendo eles: a captação ou percepção da realidade e o conhecimento adquirido por ação da prática social.

A nova acepção de referente, apresentada acima, é explicitada nos estudos realizados por Blikstein sobre a já citada personagem Kaspar Hauser, na obra *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*.

Kaspar Hauser faz parte de uma história verídica de um homem que, estando isolado da sociedade por dezoito anos, ao se deparar com um mundo apenas explicado pela linguagem, se vê bastante confuso e perplexo por lhe faltar conhecimento sobre ele. Ou seja, apesar da aquisição da linguagem por parte dessa personagem, essa decodifica de modo sempre aberrante a significação do mundo. Isso faz com que se note uma lacuna no conhecimento realizado apenas por meio da linguagem, indicando que o processo de percepção e cognição se daria antes mesmo da codificação lingüística.

Conforme nos apresenta Blikstein (1983), esse déficit cognitivo, presente em Kaspar Hauser, seria "um índice de que os elementos que modelam a percepção do mundo e as configurações conceituais podem ser capturados não só na linguagem, mas sobretudo na dimensão da práxis" (p. 55).

É com base nessa personagem que Blikstein discute a "fabricação" da realidade dada por meio da interpretação e cognição, que pode ser representada pelo seguinte gráfico:



Vale destacar, a respeito desse gráfico, a distinção entre referência e referente, sendo este a realidade interpretada e transformada em referência, a partir da ação da práxis. É com essa concepção de referente, e não mais com a de objeto-de-mundo, que temos a captura do referente pelos estudos lingüísticos.

Diante de tal modificação em relação aos signos lingüísticos e à conseqüente transformação na visão de referente, podemos observar, a respeito do processo de percepção e cognição, que esses necessitam estar ligados a um contexto ou à chamada prática social, que geraria o mecanismo do sistema perceptual.

Isso também pode ser constatado por meio do estudo sobre Kaspar Hauser, uma vez que se considera que este não é capaz de captar o mundo como o faz a sociedade que o cerca, apontando, dessa forma, para o fato de que "o seu sistema perceptual está desemparelhado de uma prática social. E é nessa *prática social* ou *práxis* que residiria o mecanismo gerador do sistema perceptual que, a seu turno, vai 'fabricar' o referente". (BLIKSTEIN, 1983, p. 53)

Vale lembrar que o conceito de práxis, em Blikstein (*idem, ibidem*), está relacionado ao sentido consagrado pelo marxismo, de "conjunto de atividades humanas que engendram não só as condições de produção, mas de um modo geral, as condições de existência de uma sociedade". (p. 54)

Em síntese, essa idéia de "fabricação" da realidade implicaria dizer que, sem prática social, não haveria significação. Assim, temos uma concepção sócio-cognitivista de referente, ponto de partida para os estudos realizados pela teoria sócio-cognitivo-interacional da Lingüística Textual.

1.2. Referenciação

Como pudemos observar, os próprios conceitos de referência e referente sofreram algumas modificações no decorrer das pesquisas em estudos lingüísticos.

Embora ainda hoje a noção tradicional de linguagem – como reflexo da realidade extralingüística ou correspondência direta com o mundo, de modo que as formas lingüísticas designariam os objetos mundanos, numa relação de espelhamento entre palavras e coisas – encontre defensores, essa já é bastante questionada e posta de lado nas pesquisas contemporâneas.

Alguns trabalhos relativos à questão da referência realizados por autores como Koch, Mondada, Dubois, Marcuschi, entre outros, na área da Lingüística Textual sócio-cognitivo-interacionista, contribuem para o desenvolvimento de uma nova perspectiva de referência, uma vez que, como nos dizem Marcuschi e Koch (2006, p. 381),

> Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Nosso cérebro não é uma "polaróide semântica". Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Por isso, não postulamos também uma reelaboração subjetiva, individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições do processamento decorrentes do uso da língua.

Com isso, podemos notar que a teoria sócio-cognitivo-interacionista apresenta uma concepção de língua/linguagem e, conseqüentemente, de referente diferente das demais teorias introduzidas até o momento. Para ela, a língua é constituída pela sua parte estrutural, não negando por completo o estruturalismo e acreditando, até mesmo, que a língua, enquanto sistema, impõe-nos alguns limites na construção e reelaboração textual. No entanto, para os teóricos dessa perspectiva, a linguagem vai além da sua estrutura. Para eles, a linguagem é a integração entre a estrutura e a idéia apresentada por Blikstein de "fabricação da realidade" a

partir da práxis, mantendo a linguagem, desse modo, relação com o social e o culturalmente construído.

Convém destacar que, nessa perspectiva teórica,

> a língua é, em essência, ação pública realizada e negociada discursivamente no âmbito das relações sociais que se constituem por partilhamento, refutação, desqualificação e modificação de sentidos, experiências e conhecimentos de várias ordens, para que se possa opinar, interferir, rejeitar, chamar atenção e persuadir, entre outras ações, nesse mundo polifônico. (CORTEZ, 2005, p. 320).

Em acréscimo a essa visão de linguagem, a teoria sócio-cognitivo-interacionista, como o próprio nome diz, além da consideração da estrutura e da prática social como constituintes lingüísticos, acredita que essas práticas sócio-cognitivas, realizadas no discurso, ocorrem no intermédio entre os indivíduos em situação de interação comunicativa, isto é, a construção dos objetos que enunciamos é dada na relação que estabelecemos com o outro por meio da linguagem.

Dessa forma, poderíamos citar aqui o conceito de linguagem dada por Hanks (1996): um sistema de símbolos convencionais, falados ou escritos, por meio dos quais os seres humanos, como membros de um grupo social e participantes de sua cultura, se comunicam. Para definir a linguagem, Hanks apóia-se nas idéias das áreas de antropologia cultural, pragmática, sociologia interpretativa e semântica cognitiva, conforme encontramos na apresentação de sua obra *Referential Practice: Language and Lived Space among the May*a, de 1990.

A partir, portanto, dessa observação sobre a linguagem, a construção referencial é considerada como realização dada a partir do uso da linguagem, por meio de um processo que envolve o social, o cognitivo e também o interativo.

Sendo assim, os trabalhos mais recentes da Lingüística Textual de linha sócio-cognitivo-interacionista têm focalizado essa questão referencial, substituindo a noção de

referência pela de referenciação, por ressaltarem que o ato de referir é um processo dinâmico, intersubjetivo e suscetível de transformação no curso dos desenvolvimentos de construção dos referentes, em uma dada situação de interlocução verbal.

Zamponi (2005), em relação ao processo de referenciação, define-o como uma atividade de construção colaborativa, isto é, uma "operação colaborativa dos parceiros da interação, que constroem os referentes ***no*** e ***pelo*** discurso, atividade lingüística e sócio-cognitiva, ligada, acima de tudo, à interação e à intersubjetividade". (p. 173).

Nesse instante, vale destacar que, devido às contingências de produção face a face do texto falado, nele, a construção de referentes se dá no momento da interação, em um processo de co-autoria imediata dos interlocutores. No texto escrito, com o qual trabalhamos nessa pesquisa, por termos um distanciamento não só físico, mas também temporal entre os interlocutores – já que a produção textual e sua recepção não se dão de forma sincrônica – a construção do referente se dá interativa e colaborativamente a partir de pressuposições que o autor faz sobre o conhecimento do seu leitor, que o conduzem na elaboração textual.

Desse modo, o referente passa a ser visto como objeto-de-discurso, construído de forma discursiva e interativa entre os parceiros do processo textual, diferenciando-se do objeto-de-mundo ou objeto extralingüístico, que não exerce influência especular no processo discursivo.

De acordo com essa visão de construção em constante processo, temos em relação aos referentes, objetos-de-discurso, uma dinamicidade que faz com que, uma vez introduzidos, possam ser modificados, desativados, reativados, recategorizados, contribuindo para (re)construir o sentido no curso da progressão textual (Koch, 2002), em função dos propósitos interacionais do autor.

Contudo, não podemos deixar de destacar que há algumas restrições em relação a essa construção referencial local, visto que essa implica não só a construção interativa, mas

também a sócio-cognitiva, na qual, como nos dizem Marcuschi e Koch, devemos nos ater às condições culturais, sociais, históricas e até mesmo lingüísticas. Mesmo não vivendo mais num período de ditadura e tendo garantido o direito à liberdade de expressão, sabemos que nem tudo nos é permitido e que, por vivermos em sociedade, temos nossas limitações e não podemos ignorá-las. O mesmo ocorre em relação à língua. Não podemos relegar o seu caráter formal e as restrições que esse nos impõe.

Portanto, por haver aspectos de várias ordens – como sociais, culturais, históricos – que nos ditam determinadas normas a serem seguidas, conforme veremos no desenvolvimento de nosso trabalho, a construção referencial não pode ser considerada como um processo livre, subjetivo e individual. Como nos dizem Mondada e Dubois (2003, p. 17):

> Existem, todavia, práticas que exercem um efeito estabilizador observável, por exemplo, na sedimentação das categorias em protótipo e em estereótipos, nos procedimentos para fixar a referência no discurso, ou no recurso às técnicas de inscrição como a escrita ou as visualizações que permitem manter e 'solidificar' categorias e objetos de discurso.

Assim, em relação à referenciação, podemos dizer que as categorias referenciais podem ser consideradas, sem contradição, instáveis e estáveis.

A instabilidade referencial se apóia nas mudanças sofridas pelo objeto-de-discurso no decorrer do discurso, em função dos itens lexicais que denominam e qualificam o objeto-de-discurso, sendo esses itens lexicais escolhidos pelos interlocutores de determinado discurso de acordo com seu ponto de vista ou intenção. Como nos diz Neves (2006, p.102), "a categorização representa o ponto de vista do falante naquele determinado momento da construção do discurso". Além disso, não podemos deixar de lado os fatores sociais, culturais e históricos que trazem instabilidade às categorias, visto que, como nos apontam Mondada e Dubois (2003), as categorias estão situadas tanto em práticas dependentes dos processos

enunciativos, como em práticas do sujeito, nas quais os interlocutores “negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo”. (p. 29)

Para confirmar, temos nas palavras das autoras acima citadas – Mondada e Dubois – a síntese da considerada instabilidade categorial:

> [...] a discretização do mundo em categorias não é dada absolutamente a priori, mas varia segundo as atividades cognitivas dos sujeitos que operam com elas. Em outros termos, ao nível elementar da segmentação do mundo em categorias, os objetos não são dados segundo ‘as propriedades intrínsecas do mundo’, mas construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo concebido como um fluxo contínuo de estímulos. O reconhecimento do objeto, mesmo dentro de sua compreensão ‘infralingüística’, não pode ser considerado como a extração de propriedades de um mundo já discretizado, mas como a construção de categorias flexíveis e instáveis, através dos processos complexos de categorização produzindo as categorias potencialmente memorizadas e lexicalizadas. [grifo nosso] (p. 34-35)

E completam ainda:

> As instabilidades não são simplesmente um caso de variações individuais que poderiam ser remediadas e estabilizadas por uma aprendizagem convencional de ‘valores de verdade’; elas são ligadas à dimensão constitutivamente intersubjetiva das atividades cognitivas. É com relação a isto que insistiremos, nesta parte, na referenciação concebida como uma construção colaborativa de objetos de discurso – quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas. (MONDADA, 1994, *apud* MONDADA *et* DUBOIS, 2003, p. 35)

O que podemos, resumidamente, entender sobre a instabilidade das categorias se pauta pela questão da dependência dessas em relação ao contexto, levando-nos a fazer escolhas adequadas tanto à situação enunciativa quanto à intenção do locutor. Além disso, não podemos desconsiderar o interlocutor e as pressuposições que são feitas a seu respeito, o que leva também à preocupação com a construção do objeto-de-discurso, pois sabemos que determinadas palavras podem ser consideradas ofensivas, preconceituosas ou pejorativas de acordo com o ponto de vista de determinado interlocutor, mas “neutras” de um outro.

Além da não universalidade e unicidade das categorias, também temos que levar em consideração o fato de que os referentes ou objetos-de-discurso sofrem modificações durante o processamento discursivo, como já apontamos acima.

Vale ressalvar, portanto, nesse momento, o que denominamos *recategorização*. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) descrevem a recategorização como um recurso referencial pelo qual uma entidade já introduzida no universo do discurso sofre transformações que são perceptíveis pelo emprego de expressões referenciais renomeadoras. Em outras palavras, para esses autores, a recategorização é o processo a partir do qual se têm alterações em relação às categorias ou designações dos objetos-de-discurso realizadas a partir das intenções comunicativas do locutor, sendo essas alterações não só lingüísticas, mas também cognitivas.

Entretanto, é importante destacar que, sob o nosso ponto de vista, além da concepção de recategorização referencial apresentada acima, há outros recursos empregados pelo locutor textual para a construção e transformação dos referentes, conforme elucidaremos mais adiante.

Desse modo, para concluir a questão da instabilidade categorial, voltamos a citar Mondada e Dubois (2003, p. 40):

> [...] a indicialidade da linguagem e do discurso quebra a ilusão de dar uma descrição única e estável do mundo e sublinha sua necessária dependência contextual. No lugar de ser atribuível a uma falta de eficácia do sistema lingüístico e cognitivo, esta dimensão manifesta sua capacidade de tratar a variabilidade das situações através de uma categorização adaptativa. O fato de que as descrições do mundo são necessariamente incompletas e de que a categorização evolui de modo flexível torna a sua produção indissociável do trabalho de interpretação pelo qual o interlocutor as completa e as ajusta ao contexto. Isto não significa que as descrições são caóticas e desordenadas: os sujeitos possuem estruturas cognitivas, notadamente memoriais, que permitem dar uma estabilidade a seu mundo, assim como procedimentos sistemáticos para organizar a co-construção dos objetos de discurso.

Assim, como dissemos anteriormente, além de instáveis, as categorias são concomitantemente estáveis, ou seja, existem meios de se estabilizar as instabilidades. Mondada e Dubois (2003), em seu artigo “Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação”, focalizam os processos de estabilização das categorias em um nível psicológico, através da prototipicidade, e em um nível lingüístico, com a lexicalização e os estereótipos. Além disso, as autoras expõem brevemente a importância das técnicas de escrita, de impressão, de visualização de entidades cognitivas e simbólicas na estabilização das categorias. (p. 41-48)

Quanto à prototipicidade, Rosch (1978) considera que as categorias são delineadas prototipicamente em espaços categoriais heterogêneos e culturalmente sensíveis. Para ela, o mundo é categorizado por nossas experiências de modo prototípico, ou seja, a realidade é traduzida por protótipos que criamos a partir de situações específicas pelas quais passamos.

Portanto, o que poderíamos denominar protótipo são os nomes ou rótulos dados a construções psicológicas e individuais que contribuem para a estabilidade das categorias, garantindo certa invariância através dos contextos. A partir da lexicalização e compartilhamento entre os indivíduos, o protótipo é estabilizado no seio de um grupo de sujeitos e evoluído a estereótipo.

No entanto, é importante destacar que a autora relega, nesse seu estudo, a interação e a relação entre a categorização e a ação discursiva, tanto valorizada pela teoria sócio-cognitivo-interacionista.

Assim, sob essa perspectiva, a evolução de protótipos para estereótipos não se baseia em valores de verdade, mas na codificação social da forma de se ver e construir o mundo, o que reforça mais uma vez a presença da idéia de “fabricação da realidade”, instituída por Blikstein.

Em síntese, para a teoria da Referenciação, o referente é posto como objeto-de-discurso construído discursivamente em situação de interação entre os interlocutores; estando envolvidos, nesse processo, os conhecimentos lingüísticos, assim como os conhecimentos de mundo adquiridos social e culturalmente por esses interlocutores. Além disso, conforme vimos, o referente tem como característica uma certa dinamicidade, que permite que ele sofra transformações no decorrer do discurso.

1.3. Referenciação e predicação

Em seu artigo, "Construir o texto com a gramática. Ou: O inter-relacionamento dos processos de constituição do enunciado", Neves (2006) busca uma reflexão sobre a relação existente entre predicação, referenciação, modalização e polarização. Com base nesse estudo, daremos destaque ao que nos interessa nesse ponto de nosso trabalho, a relação entre referenciação e predicação.

Primeiramente, a esse respeito, a autora nos apresenta a predicação como o processo básico de constituição dos enunciados[4], por meio do qual os termos se associam a um predicado; e a referenciação como processo pelo qual esses termos guiam o destinatário para as entidades – os *constructos* mentais, segundo a autora, – envolvidas na predicação (p. 272). Em outras palavras, a ligação existente entre esses processos fica marcada, de acordo com Neves, basicamente porque a construção do referente ocorre conjuntamente com o processo de predicação, uma vez que a construção referencial é dada no interior do discurso e a predicação é peça fundamental da organização textual. Embora este último ponto possa ser

[4] Entretanto, convém destacar que, segundo Neves (2006, p. 35), "essa afirmação não é de aceitação tão óbvia, podendo ser invocado como objeção a ela o fato de que vários enunciados não constituem predicações, e até trechos de textos ou textos inteiros (não canônicos, convenhamos) se constroem sem predicações. Sabemos, por exemplo, que a literatura está povoada de textos que abrigam, em posição nuclear, as tradicionalmente denominadas **frases nominais** [...]".

questionado (cf. nota de rodapé 4), de acordo com as palavras de Neves (2006, p. 36), “os predicados são raramente dispensados” na produção discursiva.

Ainda sobre essa relação – predicação e referenciação –, a autora sintetiza:

> Predicação e referenciação governam, em inter-relacionamento, a construção de objetos-de-discurso e sua manutenção no texto, bem como a natureza referencial desses *constructos*, que constituem os termos que formam as predicações, e, portanto, os argumentos que ficam disponíveis no discurso – com um determinado estatuto referencial – para o rastreamento coesivo no fazer do texto. (NEVES, 2006, p. 286)

Essas observações sobre a estreita relação entre referenciação e predicação constituem-se como um ponto de partida para a consideração, nesta pesquisa, da atuação da predicação na construção referencial.

Com base no apoio teórico apresentado anteriormente, passamos a refletir a respeito dos processos de construção referencial, tomando, assim, não apenas os processos de categorização e recategorização, vistos, respectivamente, como nomeação e renomeação referencial, mas também aqueles que levam o referente a sofrer modificações no interior do discurso, incluindo, nesse caso, a predicação.

Assim, com a categorização referencial, o referente é introduzido no discurso já com características intencionalmente postas, que podem sofrer modificações, seja por meio do emprego de uma nova categoria atribuída a esse referente, seja por meio de atribuição, retirada ou negação de novas características ou até mesmo pela confirmação de características já dadas.

Portanto, sob esse ponto de vista, acreditamos que a recategorização de referentes pode ser realizada, com base em relações anafóricas que promovem progressão referencial, pelas estratégias, apresentadas pela teoria da Referenciação, as quais têm como base os sintagmas nominais e os pronomes. Mas pensamos ser necessário tratar também dessas

estratégias no âmbito da predicação, visto que esta está relacionada ao processo de referenciação e pode levar, a nosso ver, à transformação[5] de referentes.

Para tratarmos da predicação, tomamos por base as seguintes colocações de Neves (2000, p. 25):

> [...] Os **predicados** designam as propriedades ou relações que estão na base das **predicações** que se formam quando eles se constroem com seus **argumentos** (os **participantes** da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado.
> A **predicação** constitui, pois, o resultado da aplicação de um certo número de **termos** (que designam entidades) a um **predicado** (que designa propriedades ou relações). A construção de uma **oração** requer, portanto, antes de mais nada, um **predicado**, representado basicamente pela categoria **verbo**, ou, ainda pela categoria **adjetivo**[6] (construído com **verbo de ligação**). (p. 25)

A predicação tem por escopo o sujeito da oração, ou seja, é em referência a ele que se estabelece a predicação, no sentido de "falar de ... e dizer que ..." (NEVES, 2006, p. 40). Assim, esse sujeito é posto em relação a outros termos por meio do predicado, sendo que este pode ser dividido, fundamentalmente, em três tipos, classificados segundo a categoria nuclear que os atualiza: o verbal, o verbo-nominal e o nominal.

O predicado nominal é construído com um verbo de ligação e é assim denominado por ter como núcleo um nome, que funciona como predicativo do sujeito. Por meio desse predicativo, é atribuída ao sujeito uma determinada característica – o que faz do predicado nominal, a nosso ver, um recurso de transformação referencial. Com efeito, dos três tipos de predicado mencionados, o nominal, pela sua natureza atributiva, é aquele mais facilmente aceito como capaz de modificar o referente sobre o qual incide.

---

[5] É importante enfatizar que, nesse ponto, fazemos distinção entre "recategorização" e "transformação", sendo a primeira promovida a partir do emprego de expressões nominais e, em alguns casos, de expressões pronominais, já a segunda pode ser promovida por demais recursos lingüísticos que levem o referente a ser modificado no interior do discurso.

[6] Convém ressaltar que não apenas o adjetivo pode funcionar como núcleo de um predicado, mas também o substantivo ou o pronome, como a própria autora destaca nesse seu mesmo trabalho (p. 59-60), que apresentaremos no Capítulo II desta pesquisa.

Sobre esse ponto de vista, encontramos um artigo escrito pela pesquisadora do *Grupo Protexto*, Vicência Maria Freitas Jaguaribe (2004), no qual a autora inclui, entre outros recursos, as orações de predicado nominal – empregadas metaforicamente ou não – como expressões atributivas, pensamento este do qual compartilhamos. Vejamos o que diz Jaguaribe:

> Postulamos, aqui, que as recategorizações possam se dar, no texto literário e no texto não-literário, não só pelo emprego de expressões referenciais, como sugere a literatura sobre o assunto, mas também pelo emprego de expressões atributivas. A recategorização, como processo, não estaria circunscrita aos lindes das expressões referenciais, muito embora se realize bastante por essa estratégia textualizadora. Referido um objeto-do-mundo e transformado esse objeto em objeto-de-discurso, tudo o que se acrescentar sobre ele e o que se suprimir dele, quer seja por um elemento referencial, quer seja por uma expressão atributiva, alterará seu estatuto no discurso, interferirá na maneira como ele será trabalhado cognitivamente pelo interlocutor, devendo ser tratado, portanto, como um processo de recategorização. (2004, [s.p.])

Para reforçar, ainda sobre o predicado nominal, Neves (2006, p. 60) diz: “De todo modo, sempre se faz uma atribuição, ao fazer-se uma predicação (no caso, nominal)”. E concluímos, portanto, que, conseqüentemente, se tem a transformação referencial com o emprego de tal predicado ligado ao referente-sujeito.

O mesmo pode ser dito em relação ao predicado verbo-nominal, pois nele também temos a presença de um predicativo, ocupando a posição nuclear em conjunto com um verbo, que não é de ligação. E, assim como no predicado nominal, esse predicativo exerce a função de atributo do referente em questão, o que também nos leva a tomar esse tipo de predicado como capaz de modificar o referente no interior do discurso. No entanto, no caso do predicado verbo-nominal, há restrições em relação à modificação do referente, visto que, geralmente, encontramos, em estruturas como essa, verbos que encerram modalização[7].

[7] Não pretendemos explorar tal questão nesse trabalho, uma vez que esse não é nosso enfoque. Buscamos apenas atentar para tal fato, deixando-o para ser aprofundado em futuras pesquisas.

Já em relação ao predicado verbal, este tem como núcleo um verbo que não é de ligação. Ou seja, esse tipo de predicado não apresenta predicativo e, conseqüentemente, não há um atributo acrescido ao referente de forma direta, como ocorre nos predicados nominal e verbo-nominal. O predicado verbal é formado por verbos transitivos – direto, indireto ou direto e indireto – ou intransitivos, conforme a classificação da gramática normativa. Por meio do predicado verbal, aquilo que é enunciado sobre o sujeito representa um acréscimo informacional que incide sobre a construção do referente-sujeito.

Assim, dependendo do acréscimo informacional feito em relação ao referente e, principalmente, do contexto discursivo em que ele está inserido, podemos ter, a nosso ver, uma transformação referencial por meio também do predicado verbal.

Dessa maneira, com base no exposto acima, podemos observar que os predicados que contém base nominal são mais comumente empregados para a atribuição de características aos objetos-de-discurso ou, no caso do emprego de orações negativas, para a retirada delas – das características – dos referentes. Já os predicados de base verbal têm maior dependência em relação ao contexto para podermos dizer se eles operam ou não a modificação referencial.

CAPÍTULO II – PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO REFERENCIAL NAS CRÔNICAS DE CONY

Com base nos fundamentos teóricos expostos no Capítulo I, complementados por leituras sobre procedimentos de construção de referentes, identificamos os seguintes processos usados por Cony em suas crônicas: estratégias de progressão referencial, predicação e jogo de instauração de referentes. Na seqüência, passamos a detalhar cada um desses processos, caracterizando-os e exemplificando-os com dados de nosso *corpus.*

2.1. Estratégias de progressão referencial

A partir de nossas leituras sobre Referenciação, pudemos repensar um pouco mais os processos referenciais e os estudos já realizados sobre o assunto. Esse aprofundamento teórico na área nos levou a observar que os processos referenciais, envolvidos na introdução, manutenção, reativação e reformulação de referentes, são analisados tanto em relação às estratégias de progressão referencial, quanto em relação à sua função dentro do próprio discurso.

Sendo assim, resolvemos apresentar, num primeiro momento, as estratégias de progressão referencial (seção **2.1.1.**), para depois expormos as funções exercidas por essas mesmas estratégias referenciais (seção **2.1.2.**).

No entanto, já que essas estratégias referenciais estão relacionadas aos processos anafóricos e catafóricos, essenciais para que haja progressão referencial no interior do discurso, abriremos espaço para uma breve apresentação a respeito desses fenômenos coesivos.

No âmbito geral, entende-se que a anáfora e a catáfora promovem coesão textual pelo fato de estabelecerem relações entre elementos presentes no texto: um elemento faz remissão retrospectiva a um referente-fonte já posto no discurso, no caso do processo anafórico; por outro lado, um elemento faz remissão prospectiva a um referente colocado posteriormente no discurso, quando o processo é catafórico.

A concepção de anáfora acima recobre parcialmente esse fenômeno coesivo, pois diz respeito apenas ao que se denomina anáfora direta. A anáfora direta realmente pressupõe a ocorrência de um elemento identificável no texto, um referente já introduzido no texto, ao qual o termo anafórico remete por retroação, mantendo-o na continuidade textual.

No entanto, não podemos relegar que, além da função de retomada referencial, papel da anáfora denominada direta, há também processo anafórico nos casos em que informações inferíveis do co(n)texto servem de âncora para a introdução de um novo referente. A esse tipo de anáfora damos o nome de anáfora indireta ou associativa, já que a relação anafórica que sustenta a introdução do referente novo baseia-se em inferências.

Em síntese, para melhor definir a anáfora, vale tomarmos a concepção mais ampla de Marcuschi (2005, p. 54-55), na qual ele diz que o termo “anáfora” “é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial”.

Neste ponto, para exemplificar o fenômeno da anáfora, retiramos de nosso corpus os seguintes trechos, em que nos deparamos com o emprego de expressões anafóricas, sendo os dois casos de anáfora direta. Na seção **2.1.1.4**., sobre a estratégia de Associação, trataremos da anáfora indireta, analisando segmentos do *corpus* em que ela ocorre.

1. Parece que FHC inaugurou um novo tipo de comunidade ideológica. Ao assumir o governo, recomendou que dele esperassem o contrário do que

> sempre prometera ao eleitorado. Mas justiça seja feita ao professor: ele dividiu sua biografia em antes e durante o poder. [grifo nosso] (FLV)

> 2. O Zé Dirceu está sendo vítima de uma choradeira geral. Ministros, ex-ministros e interessados nisso ou naquilo reclamam que o chefe da Casa Civil é quem está realmente mandando. [grifo nosso] (CEC)

No primeiro exemplo, podemos observar que a expressão introdutória do referente Fernando Henrique Cardoso se dá pelo uso da sigla, social e culturalmente conhecida, "FHC". Para a manutenção de tal referente no interior do discurso, o cronista se vale do emprego de um elemento de coesão, o pronome pessoal do caso reto "ele", com a finalidade de retomar e manter o referente no discurso. Dessa forma, temos em "FHC" a expressão-fonte do elemento anafórico "ele", cuja interpretação depende de aspectos formais das expressões envolvidas na anáfora, assim como do próprio contexto em que essas são empregadas.

É importante também observar que ainda há retomada referencial por meio da expressão nominal "o professor" e novamente por meio do pronome "ele".

No segundo exemplo, a introdução referencial se dá pelo emprego da expressão nominal "O Zé Dirceu" que, em seguida, será retomada por outra expressão nominal "o chefe da Casa Civil". Com isso, a relação anafórica existente é de retomada de um nome próprio – que se refere a uma figura política – por meio de uma expressão que traz a função exercida por tal figura no governo, no período de publicação do texto.

A partir de tais dados, observamos que a anáfora tem como característica a retrospecção em relação ao referente-fonte do processo anafórico. Já o outro fenômeno coesivo, a catáfora, ao contrário, é projetiva, ou seja, para que se efetue a relação catafórica entre as expressões referenciais, uma delas deve remeter para outra que aparecerá posteriormente no mesmo texto. Sobre a catáfora, Koch (2000, p. 37) diz que "a remissão para frente – a catáfora – realiza-se preferencialmente através de pronomes demonstrativos ou

indefinidos neutros (isto, isso, aquilo, tudo, nada) ou de nomes genéricos, mas também por meio de demais espécies de pronomes, de numerais e de advérbios pronominais".

É esse processo que podemos notar nos trechos a seguir, também retirados de nosso material de análise:

> 3. Pressionado pelos últimos acontecimentos, sobretudo pelo escândalo Waldomiro, que lhe tirou pontos no índice de popularidade, o presidente da República, que já não sabia bem o que fazer para governar, parece desorientado diante dos reclames da sociedade, seja no que diz respeito ao desemprego, seja na questão agrária. [grifo nosso] (AHG)

> 4. Foram necessários 12 meses e alguns dias para que o presidente da República descobrisse o que estava faltando a seu governo: um ministro que fosse ministro dos demais, um núcleo de poder e de ação que fizesse a máquina funcionar, um super-ministro enfim. [grifo nosso] (OMM)

> 5. Limitei-me a rezar o responsário: "Quem milagres quer achar, busque logo santo Antônio que os há de encontrar". [grifo nosso] (AGF)

No exemplo de número (3), deparamo-nos com a presença do pronome oblíquo "lhe", antecedendo a expressão referencial "o presidente da República", o que caracteriza o processo entre tais expressões como catafórico.

É o que também observamos no exemplo (4), no qual o emprego do pronome demonstrativo "o" + o pronome relativo "que" antecede as expressões referenciais a que fará remissão ("um ministro que fosse ministro dos demais, um núcleo de poder e de ação que fizesse a máquina funcionar, um super-ministro enfim").

Já, no último caso, a expressão catafórica não é um pronome, como ocorreu nos trechos anteriores, mas um sintagma nominal, "o responsário". Essa expressão nominal remete ao fragmento textual que a segue, sendo ele: "Quem milagres quer achar, busque logo santo Antônio que os há de encontrar", cuja relação catafórica fica até mesmo marcada textualmente pelo uso dos dois pontos.

Após termos exposto rapidamente os processos de anáfora e catáfora, nos quais as estratégias referenciais estão envolvidas, apresentaremos, nesse momento, as classificações das estratégias de progressão referencial.

2.1.1. Modalidades de estratégias de progressão referencial

As estratégias de progressão referencial, segundo os estudos realizados por autores como Marcuschi, Koch, Mondada, Dubois e Cavalcante, entre outros trabalhos realizados na área da Lingüística Textual sócio-cognitivo-interacionista – como do Grupo *Protexto* –, são divididas, de acordo com a sua materialização lingüística, em expressões nominais e pronomes.

As expressões nominais atualizam as estratégias de descrição definida, descrição indefinida, nominalização e associação, cabendo aos pronomes a estratégia de pronominalização, conforme mostraremos a seguir, por meio de exemplos de nosso *corpus*.

2.1.1.1. Descrição definida

A descrição definida particulariza-se por uma seleção de determinada característica do referente, considerada relevante na situação de interação, de acordo com o propósito do locutor. É formalmente constituída por um nome, antecedido por um determinante, o artigo definido, e, em algumas situações, acompanhado por um ou mais modificadores – adjetivo, locução adjetiva ou oração relativa. Vale destacar que, embora o artigo definido seja a marca mais enfatizada nessa estratégia de referenciação devido à sua considerada definitude, em alguns casos ele pode vir substituído por um pronome possessivo ou demonstrativo, ou mesmo pelo determinante zero (0).

A descrição definida, segundo Neves (2006, p.133), “diz respeito aos objetos únicos para uma determinada situação de enunciação”. Essa unicidade do objeto-de-discurso instaurado no texto é garantida pelo autor e pelo leitor por meio de seus conhecimentos partilhados, que permitem com que ambos reconheçam, pela seleção lexical efetuada, o referente em questão. Vale ainda ressaltar, sobre essa estratégia referencial, que ela pode ser empregada tanto para introdução como para retomada de referentes.

Observemos algumas demonstrações dessa estratégia referencial, retiradas de nosso *corpus*:

> 6. Deu no “New York Times”, “NYT” para os íntimos, que os brasileiros estão preocupados com o “presidente Da Silva”, Lula para nós outros. [...]
> O principal jornal dos Estados Unidos garante que Da Silva tem tido problemas e que vem apelando para “bebidas fortes”, aquelas que são destiladas em alambiques de boa procedência e que não podem ser confundidas com as águas que todos bebemos.[...]
>
> O “NYT” cita Leonel Brizola, companheiro de antigas jornadas de Da Silva. [...]
>
> O jornal nova-iorquino lembra que o Brasil já teve um precedente, não faz tanto tempo assim, por coincidência também um senhor Da Silva, pois seu nome completo era Jânio da Silva Quadros. [grifo nosso] (AVR)

A primeira das expressões nominais presente no fragmento acima, “o ‘New York Times’”, formada pelo determinante definido “o” + nome – substantivo próprio “New York Times”, tem a finalidade de introduzir tal referente.

O emprego do sintagma nominal acompanhado de um determinante definido é, como pudemos observar ao longo de nossa pesquisa, muito comum no gênero textual do qual o fragmento faz parte, a crônica, inclusive para introdução de referentes.

Nesse caso, além da presença do determinante definido, que, segundo Givón (1984, p. 399), é usado pelo locutor quando ele supõe que o interlocutor seja capaz de atribuir a essa expressão referência única, essa expressão definida é constituída também de um nome

próprio. E o nome próprio, segundo Neves (2006, p. 84), em geral, é empregado pelo produtor do texto numa pressuposição de que o seu interlocutor seja capaz de identificar tal referente.

No entanto, apesar de termos em "o 'New York Times'" uma expressão nominal definida[8], essa se diferencia da descrição definida, uma vez que se constitui por nome próprio. Conforme observamos no decorrer de nossa pesquisa, o nome próprio não traz, como ocorre com as descrições definidas, uma característica do referente em questão, mas apenas uma nomeação individual instituída socialmente.

Vejamos como Bechara (2004, p. 113) nos define, seguindo a gramática normativa, os nomes próprios:

> SUBSTANTIVO PRÓPRIO é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome *João*, *Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identificam como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada inconfundível para as demais. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes.

Ou seja, o nome próprio não atribui a um referente uma característica relevante no contexto, mas apenas uma nomeação já instituída e concretizada. Claro que não podemos relegar que um nome próprio suscita várias informações a respeito de determinado referente,

[8] A respeito da presença/ ausência de determinante definido diante de nome próprio, segundo Müller et Negrão (1989, p.531), numa primeira instância, tal fato parece independer da posição sintática ocupada pelo sintagma nominal e parece estar associado a variáveis sociolingüísticas, tanto variantes regionais, quanto variantes de registro (formal/ informal; escrito/ oral). Nesses casos, as autoras dizem não ocorrer mudança de significado, mas apenas a indicação da região de onde os falantes procedem ou do registro utilizado.
Todavia, em um estudo mais aprofundado sobre o assunto, as autoras observaram, dentro de um mesmo registro lingüístico e de um mesmo dialeto, que há contextos em que a presença e a ausência do artigo podem se alternar e que, em outros contextos, apenas uma delas é permitida. Além disso, a presença ou a ausência do artigo, em determinados contextos, pode levar a interpretações distintas. A partir dos exemplos apresentados pelas autoras, elas fazem a distinção entre o nome próprio empregado para se referir a um indivíduo e o nome próprio enquanto entidade lingüística, considerando apenas a primeira como referencial.
Seguindo tal distinção, poderíamos dizer que, diante da expressão "o 'New York Times'", temos um nome próprio empregado para se referir ao jornal assim denominado e não à etiqueta lingüística, ou seja, à palavra em si. Vale lembrar que, no dialeto da região sudeste – região onde se encontram os maiores veículos informacionais do Brasil, incluindo o jornal *Folha de S. Paulo*, do qual retiramos os textos em análise – é comum o uso do artigo definido antes de nomes próprios, em especial em relação aos nomes de jornais e revistas (ex.: "a *Veja*", "a *Folha de S. Paulo*", "a *Isto É*", entre outros). A esse respeito, ver Neves (2000, p. 113).

caso este seja culturalmente conhecido, no entanto essas informações estão mais ligadas às inferências do interlocutor do que propriamente à expressão utilizada.

Assim, diante de um nome próprio, só teríamos uma categorização ou recategorização no sentido mais estrito do termo, ou seja, o de apresentação do referente sob uma determinada categoria, tanto na introdução quanto na retomada. Entretanto, não consideramos que um nome próprio possa operar transformações no referente como uma descrição definida, a menos que esse nome próprio esteja em um contexto que lhe possibilite tal operação ou venha acompanhado de um modificador.

Por isso, incluir todo emprego de nome próprio como se ele tivesse as mesmas características de uma descrição definida parece-nos problemático, uma vez que, nem sempre, ele exercerá a função de (re)categorização referencial no sentido mais amplo da palavra, conforme apresentamos no Capítulo I, seção **1.2**.

Porém, apesar de distinguirmos descrição definida de nomes próprios, ao invés de abrirmos um tópico especificamente para os nomes próprios, incluímo-os dentro da seção de descrição definida por, além de se aproximarem formal e sintaticamente das descrições definidas[9], deparamo-nos, em nosso *corpus*, com nomes próprios carregados de história e que, portanto, exercem grande relevância no processo de construção referencial.

Desse modo, cabe reforçar a importância do contexto para o emprego do nome próprio enquanto (re)categorizador referencial e mesmo do nome próprio em si, havendo casos em que ele poderá levar a transformações no referente.

Em relação ao nosso *corpus*, vale lembrar que por tratar, geralmente, de figuras públicas, os nomes próprios estão associados a características dos referentes apreendidas social e culturalmente. Desses casos trataremos no Capítulo III, dando destaque para Lula.

[9] De acordo com Muller *et* Negrão (1989, p. 530-531), essa aproximação formal entre descrições definidas e nomes próprios está ligada à possibilidade de haver, em alguns casos, assim como ocorre com as descrições definidas, a presença de determinante e/ou modificador diante do nome próprio. Quanto à proximidade sintática, tanto as descrições definidas quanto os nomes próprios podem ocorrer, no interior de uma frase, em posições sintáticas diferentes.

Ainda sobre o exemplo (6), observemos agora a diferença existente entre a expressão introdutora do referente (“o ‘New York Times’”) com as descrições definidas de retomada deste que, ao recategorizarem o referente, dão maiores informações sobre o referente em foco.

É o que podemos notar a partir de “O principal jornal dos Estados Unidos” e “O jornal nova-iorquino”.

A primeira dessas descrições definidas retoma anaforicamente o referente já introduzido na crônica, “o ‘New York Times’”. Convém destacar, nela, a importância da seleção lexical do nome “jornal” para a construção referencial, uma vez que o locutor apresenta tal objeto-de-discurso por meio de sua principal propriedade, indicando que o nome próprio “New York Times” trata de um jornal, mais especificamente, “o principal jornal dos Estados Unidos”. Esta expressão anafórica – “o principal jornal dos Estados Unidos” –, além de trazer a particularidade de se tratar de um jornal, reforça também um atributo positivo, de proeminência desse jornal no contexto do país – por meio do modificador “principal” – e sua procedência – por meio do modificador “dos Estados Unidos”.

Com isso, reconhecemos a importância de cada um dos constituintes das descrições definidas, visto que todos contribuem, conjuntamente, para a construção referencial.

Outra expressão, presente no exemplo em questão, utilizada para a progressão referencial, “O NYT”, é constituída pelo determinante definido “o” + sigla[10] “NYT”, que, como o próprio autor diz, é usada pelos “íntimos” do jornal, o que é apresentado no aposto à expressão introdutora do referente, “O ‘New York Times’”.

Além dessas expressões descritas, há também a última ocorrência de descrição definida usada para a construção referencial do jornal *New York Times*, sendo ela “O jornal nova-iorquino”. É importante observar como essa expressão recategoriza mais uma vez o

[10] Segundo Neves (2000, p.107), as siglas também se comportam como nomes próprios, visto que, geralmente, são formadas, como nesse caso, pelas iniciais dos nomes que as compõem.

referente em foco, fornecendo mais subsídios para a sua identificação, ao confirmar a cidade de origem do jornal, expressa em seu nome.

Ainda sobre o nome próprio, assim como tivemos a utilização de New York Times para a referenciação de tal jornal, no seguinte exemplo também nos deparamos com um caso semelhante.

> 7. Em momentos de crise, costuma-se ouvir vozes. Em 1964, o general Mourão Filho, passando pela via Dutra, ouviu a voz de Nossa Senhora Aparecida pedindo-lhe que salvasse o Brasil do comunismo. [grifo nosso] (OV)

A respeito do uso de nomes próprios, Givón (1984, p. 399) nos explica que ele é mais ocorrente quando as entidades ou referentes apresentados no discurso estão permanentemente registrados na memória dos membros de uma comunidade, e podem ser acessados. Claro que não podemos nos esquecer de que isso parte das pressuposições feitas pelo autor do discurso em relação ao conhecimento de seu interlocutor sobre o referente designado pelo nome próprio.

Caso o nome próprio empregado por um locutor não seja acessível ao conhecimento do interlocutor, este, segundo Ilari (2005, p. 114), para compreender essa ocorrência, precisará recorrer a informações presentes em outras passagens do texto. Se o texto não as expuser, o interlocutor terá que buscar conhecimentos em outras fontes.

Em relação à expressão “o ‘New York Times’”, por exemplo, o interlocutor poderia se valer das demais informações apresentadas pelas estratégias de progressão de tal referente atualizadas na própria crônica.

Não é o que ocorre no caso do exemplo (7), em que temos a introdução de um referente feita por meio de expressão nominal definida, “o general Mourão Filho”. Essa expressão é assim apresentada como se o referente em questão fizesse parte do conhecimento de mundo do interlocutor. Entretanto, diferentemente da expressão “o ‘New York Times’”,

esse nome próprio vem acompanhado de um modificador – "general" – que adiciona ao referente uma característica.

Em outras palavras, podemos pensar a respeito do nome próprio como uma expressão nominal argumentativamente mais "neutra"[11] do que as descrições definidas comuns e, portanto, para que tenha caráter argumentativo, dependerá da presença de um modificador.

Mas vale lembrar que os nomes próprios serão utilizados de acordo com a intenção interacional do autor, já que ele pode operar seleções que levem a uma construção referencial ora mais neutra, ora mais positiva, ora mais negativa em relação à argumentatividade. Além disso, esse tipo de expressão pode ser mais, ou menos, empregado dependendo do gênero textual no qual ele se encontra, uma vez que acreditamos que referenciação e gênero textual estejam entrelaçados.

Retomando os empregos de descrição definida, tantos outros exemplos são encontrados em nosso *corpus,* como se essa estratégia referencial fosse quase uma norma dos textos jornalísticos, em destaque, a crônica.

> 8. Implicaram com a festa junina que o presidente da República armou em Brasília para festejar, ao mesmo tempo, seu aniversário de casamento, o Dia de Santo Antônio e o salário mínimo de 260, motivos de grande júbilo, sem dúvida. [grifo nosso] (AGF)

> 9. Houve tempo em que havia reis magos. Para falar a verdade, ainda existem reis e magos. [grifo nosso] (ADI)

Nesses dois exemplos, temos casos do emprego das descrições definidas "a festa junina que o presidente da República armou em Brasília" e "reis magos" para a introdução referencial, sendo que ambas as expressões apresentam respectivamente um evento popular e figuras culturais que servirão de "gancho" para o desenvolvimento de toda a crônica.

[11] É importante ressaltar mais uma vez que não pretendemos, de forma alguma, generalizar. Ao contrário, há empregos de nomes próprios diferenciados e, como dissemos anteriormente, já com atributos associados social e culturalmente.

O fragmento a seguir exige a ativação de conhecimentos mais específicos, no caso, sobre política, o que tornaria mais acessível a interpretação da crônica e a identificação referencial:

> 10. Com o caso Waldomiro, que arrastou consigo o número 2 da atual nomenclatura, formou-se a primeira tempestade, que ainda não se transformou em um furacão, mas fez estragos generalizados na imagem do PT e do governo.
> Analisadas friamente, as trapalhadas do ex-assessor da Casa Civil, por mais condenáveis que sejam, e merecedoras de punição, apenas respingaram no todo poderoso titular daquele cargo, que parece ser o mais importante depois da Presidência.
>
> Mais cedo ou mais tarde, a menos que apareçam fatos novos e provados, o escândalo em si não tem proporções apocalípticas, resume-se na pisada de bola do Zé Dirceu, que devia ser mais rigoroso na escolha de seus homens de confiança. [grifo nosso] (CDB)

Observemos como se dá a introdução referencial e suas recategorizações no decorrer desse trecho.

A categorização do referente é feita, num primeiro momento, a partir da descrição definida “o número 2 da atual nomenclatura”. A anáfora que levará à recategorização referencial é instituída por meio da descrição definida “o todo poderoso titular daquele cargo, que parece ser o mais importante depois da Presidência”, cuja fonte é a expressão mencionada, “o número 2 da atual nomenclatura”. Com o uso dessas duas descrições definidas, temos marcada, no discurso, a posição hierárquica do referente.

Por fim, a retomada referencial se dá pela utilização do nome próprio “O Zé Dirceu”, acompanhado da oração relativa “que deveria ser mais rigoroso na escolha de seus homens de confiança”. Essa oração, por se constituir como uma espécie de explicativa, de natureza apositiva, acaba também por conferir características ao referente em questão.

Sobre esses empregos das descrições definidas, vale ressaltar a intenção do cronista em enfatizar ironicamente a importância do cargo e, conseqüentemente, do referente em foco,

o que comprova o quanto a escolha lexical, na (re)categorização referencial, é de grande relevância.

2.1.1.2. Descrição indefinida

Assim como a descrição definida, a descrição indefinida é caracterizada pela seleção de determinada propriedade do referente de acordo com a intenção do locutor em determinada situação de interação, distinguindo-se da descrição definida pela indefinitude com que o referente é colocado na interação. Essa indefinitude é marcada lingüisticamente por determinante indefinido, que pode ser o artigo indefinido (um, uma, uns, umas) ou os pronomes indefinidos (algum, alguma, alguns, algumas).

Segundo Neves (2006, p. 126), o emprego desse tipo de expressão referencial, ao contrário da descrição definida, não pressupõe unicidade de referente e não leva o interlocutor a identificar o referente do mesmo modo como ocorreria se fosse um sintagma nominal definido. Isso se deve ao fato de termos, com o emprego de um determinante indefinido, a pressuposição de que existe mais de um objeto potencial na circunstância da interação. É o que podemos notar a partir dos seguintes exemplos de nosso *corpus*:

> 11. Quem nunca chegará a lugar nenhum é <u>um sujeito que prega diariamente o fim do mundo no largo da Carioca, das 9h às 14h</u>, horário de expediente dos consulados aqui do Rio, que dão vistos para aqueles que desejam ir a algum lugar. [grifo nosso] (VEM)

> 12. Sempre que <u>um presidente</u> não está preparado para o ofício de governar, que despreza a papelada burocrática e os fuxicos da engrenagem política, o chefe da Casa Civil ocupa o espaço vazio. [grifo nosso] (CEC)

Nesses trechos, o emprego de descrições indefinidas não permite, num primeiro momento, a identificação dos referentes introduzidos pelo autor, uma vez que há neles a possibilidade de serem preenchidos por mais de um objeto potencial.

Esse tipo de expressão nominal também pode ser usado pelo locutor de acordo com o efeito de sentido desejado por ele em seu discurso. Dessa forma, há empregos em que o interlocutor poderá, por meios de seus conhecimentos de mundo, identificar facilmente o referente em foco. Por isso, é importante até mesmo destacar Hawkins (1978, p. 173), que diz não ser correto entender que um determinante indefinido é usado apenas para indicar que o objeto referido não existe em nenhum conjunto compartilhado pelos interlocutores, e que, portanto, a referência feita por meio de uma expressão indefinida nunca resulta da exploração de um conhecimento ou uma situação compartilhados por falante e ouvinte.

Vejamos mais alguns casos de emprego da descrição indefinida. Observemos, neles, que a seleção dessa estratégia referencial está relacionada ao propósito comunicacional do autor. Além disso, notemos que o locutor conta com a ativação do conhecimento partilhado pelos leitores da crônica no processo de construção do referente:

> 13. O jornal nova-iorquino lembra que o Brasil já teve <u>um precedente</u>, não faz tanto tempo assim, por coincidência <u>um senhor Da Silva</u>, pois seu nome completo era Jânio da Silva Quadros. [grifo nosso] (AVR)

No primeiro caso (exemplo (13)), temos a introdução referencial feita por “um precedente”. Assim posto o objeto-de-discurso, o autor parece ter o propósito de garantir o suspense ao seu interlocutor e alcançar uma maior atenção por parte deste, uma vez que, diante de tal expressão, não há um reconhecimento imediato do referente.

Em seguida, esse mesmo referente é recategorizado pela descrição também indefinida “um senhor Da Silva”, mantendo com a fonte (“um precedente”) relação anafórica.

Sobre essa ocorrência, cabe ressaltar que o fato de termos o emprego da descrição indefinida anafórica comprova mais uma vez as pesquisas realizadas por Maria Luiza Cunha Lima (2005, p. 199) a respeito desse assunto, já que, segundo a autora, durante muito tempo, abordagens tradicionais da semântica e mesmo análises da lingüística cognitiva ignoraram ou até mesmo ativamente negaram que o artigo indefinido pudesse servir para retomar um referente introduzido previamente.

A descrição indefinida anafórica "um senhor Da Silva", apesar de acrescentar mais informações sobre o referente em foco, não permite total identificação referencial, visto que tal expressão é composta pelo uso de um sobrenome – "Da Silva" – que é socialmente comum no Brasil. No entanto, a especificação referencial será realizada pela expressão definida que retoma esse referente por meio de um nome próprio "Jânio da Silva Quadros".

Mas é importante destacar que todo o processo de construção referencial é marcado pela intenção do autor em enfocar justamente o sobrenome Da Silva, já que, no contexto, há aproximação entre Jânio e Lula, levando o autor a ressaltar a presença do mesmo sobrenome em ambos os referentes.

Ainda sobre o emprego de descrições indefinidas, temos também a seguir a introdução e a retomada do referente por meio dessa estratégia referencial, cuja seleção está sempre ligada à intenção do autor em gerar um determinado efeito de sentido, seja ele irônico, cômico, pejorativo, valorativo, ou até mesmo mais neutro. Vejamos mais esse exemplo:

> 14. [...] O fato é que viram uma estrela no Oriente e foram, *cum muneribus*, isto é, com presentes, adorar <u>um menino que nascera numa manjedoura em Belém</u>.
> Apesar da estrela que os guiava, perguntaram onde ficava a tal manjedoura, pois queriam adorar <u>um rei que acabara de nascer</u>. [grifo nosso] (ADI)

No trecho acima, a introdução do referente "um menino que nascera numa manjedoura em Belém", bem como a sua recategorização anafórica ("um rei que acabara de nascer") são

feitas sob forma de descrição indefinida. Por meio delas, o autor pressupõe que haja facilmente o reconhecimento da figura de Jesus em tais expressões, o que é também garantido, conforme dissemos, pelo próprio contexto apresentado. Isso se deve ao fato de termos, pelo contexto, a introdução de um referente já estereotipado, ou seja, social e culturalmente reconhecido.

A partir de tais exemplos, buscamos mostrar alguns casos de descrição indefinida, inclusive em situação anafórica, demonstrando que a acessibilidade ao referente introduzido ou recategorizado por descrição indefinida pode assentar-se em conhecimentos socialmente partilhados.

2.1.1.3. Nominalização

Por meio de expressões nominais, informações precedentes contidas no texto, que não se encontravam sob estatuto nominal, são encapsuladas, ou seja, condensadas em objetos-de-discurso com condição nominal. Portanto, a nominalização é considerada um processo anafórico, pois retoma a informação-suporte, passando-a à condição de objeto-de-discurso pelo emprego de um nome.

A respeito dessa estratégia referencial, é importante enfatizar a intenção do autor no momento da seleção de determinado nome, uma vez que, com isso, ele pode indicar um ponto de vista e orientar seu interlocutor a ter conclusões avaliativas sobre a informação-suporte, afinal diferentes seleções lexicais podem levar a diferentes efeitos argumentativos.

Para ilustração desse tipo de estratégia referencial, selecionamos os seguintes trechos:

> 15. Os índices de popularidade de Lula e do governo caíram semana passada. A queda foi saudada com foguetório pela oposição e minimizada pela situação – até aí nenhuma novidade. [grifo nosso] (CPV)

> 16. Sua Excelência declarou, na semana passada, que é a favor da reforma política e, sobretudo, que é necessário, para início dos trabalhos, "moralizar a base". [...]
> Lendo a declaração presidencial com atenção, verifiquei que estava errado, mas o presidente também estava errado. [grifo nosso] (LAB)

Observemos, pelos exemplos acima, que essas ocorrências da estratégia em foco fazem parte do tipo de nominalização, no qual a expressão nominal em uso tem como núcleo um nome derivado do verbo presente na oração encapsulada. Assim, no trecho (15), do verbo "cair" – presente no sintagma oracional "Os índices de popularidade de Lula e do governo caíram semana passada" – temos a criação do objeto-de-discurso "a queda", constituída por uma expressão nominal definida.

O mesmo processo ocorre com a informação contida na oração "Sua Excelência declarou, na semana passada, que é a favor da reforma política e, sobretudo, que é necessário, para início dos trabalhos, 'moralizar a base'", que é concentrada na expressão nominal "a declaração presidencial".

Com isso, podemos perceber a estreita relação existente entre a nominalização e a predicação, uma vez que o nome predicativo – como denomina Neves (2006) – pode preservar a estrutura argumental do predicado do qual ele deriva, podendo os argumentos se realizarem ou não na estrutura de nominalização. Para esclarecermos esse fato, no exemplo (16), a nominalização "a declaração presidencial" mantém, implicitamente, a estrutura argumental da oração encapsulada, sendo subentendida "a declaração presidencial de que é a favor da reforma política e, sobretudo, de que é necessário, para início dos trabalhos, 'moralizar a base'". No exemplo (15), ao nos deparamos com a nominalização em "a queda", já está subentendida a complementação desse nome com itens que integram o sujeito da oração encapsulada: "a queda dos índices de popularidade de Lula e do governo".

Além de casos como esses, não podemos deixar de demonstrar aquele em que temos a nominalização realizada a partir de nomes que não são derivados dos verbos presentes na

oração encapsulada. Isso pode ocorrer devido à inexistência, na língua, de um derivado do verbo em questão ou a uma escolha lexical do autor do discurso, que pode pretender, com isso, a obtenção de determinado efeito argumentativo.

Dentre essas possibilidades, podemos citar a sentença de número (17), na qual o autor, ao invés de se valer do nome derivado do verbo "amaldiçoar" ("amaldiçoando a sobrinha em seu nome, em nome da família e de todo o Japão com seus milênios de história"), que poderia levar à nominalização "a maldição", opta pela utilização da expressão nominal "sua abominação".

> 17. Logo após o casamento, surge o tio dela, um bonzo ortodoxo e furimbundo, amaldiçoando a sobrinha em seu nome, em nome da família e de todo o Japão com seus milênios de história. O bonzo tanto se exalta em sua abominação que [...]. [grifo nosso] (BEB)

A partir dos modelos citados, conseguimos entender um pouco mais sobre a nominalização como sendo mais do que uma nomeação, mas uma transformação, como já dito anteriormente, da informação-suporte em nome, sendo esse processo anafórico.

2.1.1.4. Associação

A estratégia de associação manifesta-se por meio da anáfora associativa ou indireta, assim denominada porque, por meio de expressões nominais, introduz um referente novo[12] no texto, apreendido com base em inferências feitas a partir de informações textuais, que servem então de âncora para a instauração do novo referente. Portanto, para que haja associação, é

[12] Convém ressalvar que o que chamamos de "referente novo", nessa perspectiva teórica, não tem relação com o conceito de informação dada e informação nova. O que aqui se denomina "referente novo" é, do ponto de vista do analista, o referente que não foi mencionado até então no texto, ou seja, aquele que aparece pela primeira vez no discurso. No entanto, não questionamos o fato de que, do ponto de vista do interlocutor, esse referente pode já estar disponível a partir do acionamento de informações textuais anteriores, afinal ele – o referente – é associado a outro já posto antes no discurso.

necessária a relação anafórica, não para a retomada referencial, mas para a introdução de um novo referente a partir da âncora.

Conforme define Neves (2006, p. 106), “com ela, introduz-se como conhecido um referente que ainda não foi explicitamente mencionado no contexto anterior, mas que pode ser identificado com base em informação introduzida previamente no universo de discurso, configurada em outro referente disponível no contexto”. Ou seja, esse tipo de estratégia referencial tem dependência do conhecimento compartilhado entre os interlocutores, assim como dos “estereótipos culturais” que cercam a interlocução.

Para exemplificar, selecionamos dois fragmentos textuais. O primeiro deles traz como contexto central as festas juninas:

> 18. Implicaram com a festa junina que o presidente da República armou em Brasília para festejar, ao mesmo tempo, seu aniversário de casamento, o Dia de Santo Antônio e o salário mínimo de 260 reais, motivos de grande júbilo, sem dúvida. E foi comovente saber que o próprio Lula, pessoalmente, passou a manhã colocando bandeirinhas de papel fino para enfeitar o arraial promovido na Granja do Torto.
> Quando eu era criança, eu também adorava colar bandeirinhas [...]
>
> [...] Não sou muito chegado a arraiais, a casamentos celebrados por padres caipiras [...] [grifo nosso] (AGF)

Como podemos observar nesse primeiro exemplo, a associação é um processo pelo qual a seqüência de elementos que se encadeiam está vinculada associativamente a um contexto central. Nesse caso, a associação ocorre entre as expressões em destaque, “a festa junina que o presidente da República armou em Brasília”, “bandeirinhas de papel fino”, “o arraial promovido na Granja do Torto”, “bandeirinhas”, “arraiais” e “casamentos celebrados por padres caipiras”.

Assim, temos, a partir da introdução de um referente, a pressuposição por parte do autor de que tal referente promova a ativação de um *frame*, ou seja, a ativação de um contexto

em que os demais referentes introduzidos na seqüência possam ser inferidos e associados ao primeiro.

Embora, num âmbito geral, haja autores que apresentem a marca de definitude do sintagma nominal associado como característica dessa estratégia referencial, por considerarem que o referente novo é introduzido sob o modo do conhecido, observamos, em nossos dados, além de leituras da bibliografia em questão, que a expressão nominal indefinida também pode ocorrer.

Marcuschi e Koch (2006, p. 388-389), em seu texto "Referenciação", apontam as seguintes características da associação ou, como denominada pelos autores, da anáfora associativa (AA):

> a) introdução de um novo referente pela expressão em AA mediante um artigo definido, formando um sintagma nominal definido (SNdef.) como se fosse algo conhecido. Esse modo de introduzir deixa supor que dispomos dos conhecimentos necessários para a saturação semântica que leva à compreensão;
> b) menção prévia de um referente diferente daquele fornecido pela AA e que serve de fonte para a saturação desse anafórico sob o aspecto referencial, o que torna a AA uma anáfora textual e não-correferencial;
> c) caráter inferencial, tendo em vista a relação entre a AA e seu antecedente;
> d) as marcas de definitude dos dois SNdef. são essenciais para caracterizar o aspecto formal da relação. [grifo nosso]

No entanto, o mesmo autor – Marcuschi (2005) –, em seu texto "Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras", relativiza essa afirmação, dando a possibilidade de haver associação por meio do sintagma nominal indefinido.

Sobre essa questão do indefinido, o autor cita o trabalho de Maria Luiza Cunha Lima, "Anáfora e Indefinido" (*Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 2003), no qual a autora comprova que também os indefinidos podem operar na condição de anáfora associativa.

Para fazer uma demonstração de descrições indefinidas empregadas em anáfora associativa, selecionamos o seguinte fragmento textual:

> 19. Até aqui, como nos minutos iniciais de uma partida de futebol (Lula gosta, usa e abusa de metáforas assim, parece que são as que melhor entende), ele não passou de um aquecimento, um estudo da tática do adversário. Botou em campo um time experimental, para dar início aos trabalhos, mas somente agora entrarão os titulares para valer.
> Evidente que para não curtir um placar adverso nesses primeiros instantes, levar dois ou três gols de saída, ele plantou um trio que será o núcleo do time inteiro. [grifo nosso] (TFL)

Nesse exemplo, podemos encontrar a associação existente entre sintagmas nominais indefinidos, o que descarta a questão da definitude como característica essencial dessa estratégia de referenciação.

Para a associação estabelecida acima, é necessário que o *frame* de um jogo de futebol seja ativado. Para isso, há a introdução do referente "uma partida de futebol" que servirá de fonte para as demais anáforas associativas, eliminando qualquer tipo de estranhamento em relação à introdução dos demais referentes, sejam eles expressos por expressões nominais indefinidas ("um aquecimento", "um estudo tático do adversário", "um time experimental", "um placar adverso") ou definidas ("dois ou três gols" e "o time inteiro").

2.1.1.5. Pronominalização

A pronominalização, enquanto estratégia de progressão referencial, é caracterizada pelo uso de pronomes como forma de retomada de um referente apresentado anteriormente ou mesmo subentendido pelo contexto. Assim como a nominalização é a transformação de uma informação precedente, que não se encontrava sob o estatuto nominal, em nome, a pronominalização é um processo que retoma um referente, cujo estatuto não era pronominal, e que passa a ser.

Vale lembrar que a função principal de tal estratégia é a progressão textual e não a recategorização de referente. No entanto, há casos em que o emprego pronominal poderá

promover também a recategorização, como veremos com o emprego dos pronomes de tratamento no item **3.1.** do Capítulo III.

Algumas demonstrações do processo de pronominalização:

> 20. Costumo lembrar o imperador Vespasiano: o dinheiro não fede. "Pecunia non olet". Ele tributou os mictórios em Roma. [grifo nosso] (FLV)

> 21. Tenho atração por esses pregadores de rua. Eles dizem verdades que não leio nos jornais e, quando dizem mentiras, levantam o moral dos oprimidos e criam embaraços de consciência para os opressores. [grifo nosso] (VEM)

Por meio de tais exemplos, podemos notar o emprego, num primeiro momento, das expressões nominais definidas "o imperador Vespasiano" e "esses pregadores de rua", que, na seqüência, são retomadas por pronomes pessoais do caso reto, ele/eles.

No entanto, há também pronominalização com o emprego de pronomes pessoais do caso oblíquo. Isso pode ser visto nos trechos abaixo:

> 22. Jânio não apreciava os alambiques nacionais, preferia os da Escócia, que lhe alertaram contra as forças terríveis que o fizeram renunciar. [grifo nosso] (AVR)

> 23. O bonzo tanto se exalta em sua abominação que Pinkerton, o oficial norte-americano e recém-marido, o expulsa gritando: em casa minha, nada de bonzos nem de bonzerias! [grifo nosso] (BEB)

Observemos a relação anafórica – de retomada – presente entre as expressões nominais e os pronomes. No primeiro caso, há a retomada do referente "Jânio" pelo pronome "lhe"; e, no segundo, o de número (23), a pronominalização ocorre em relação à descrição definida "o bonzo", que passa ao estatuto pronominal por meio do pronome pessoal do caso oblíquo "o".

Embora a teoria da referenciação considere como pronominalização apenas a retomada por pronome de referente explícito ou implícito no discurso, acreditamos que,

mesmo quando a fonte da anáfora é posta sob o estatuto oracional e recuperada por um pronome, temos um caso de pronominalização.

Nos estudos realizados na área, encontramos alguns exemplos em que o emprego do pronome demonstrativo e do pronome relativo, em retomadas de informações, é classificado como nominalização. (Como pode ser visto no texto de Apothéloz e Chanet (2003, p. 135))

No entanto, preferimos classificar esses casos como pronominalização, afinal a informação-suporte passa não ao estatuto de um nome – como ocorreria em uma nominalização – mas ao estatuto de pronome.

Algumas demonstrações dessas ocorrências:

> 24. O Da Silva atual passou uma noite discutindo com os ministros o fechamento dos bingos. A água que vem do ribeirão nada tem a ver com isso. [grifo nosso] (AVR)

> 25. Bem verdade que o índice de aprovação ao presidente continua alto. Mas caiu nove pontos e isso me parece perigoso. [grifo nosso] (CPV)

> 26. [...] A única tia milionária que possuíamos, dona de várias padarias na Tijuca, modificou às pressas seu testamento (ela não tinha filhos) e tornou-o seu herdeiro universal.
> O que mostra que a burrice dele não era tão grande assim – nunca me passou pela cabeça ouvir a santa nos bambuais. [grifo nosso] (OV)

Nesses três fragmentos, temos a retomada de informação – esta apresentada sob o estatuto oracional – por meio de pronomes. Nos dois primeiros, as informações-suportes, contidas, respectivamente, nas orações “O Da Silva atual passou uma noite discutindo com os ministros o fechamento dos bingos” e “[...] caiu nove pontos”, passam, ambas, à condição de pronome demonstrativo “isso”.

Já no exemplo (26), a informação-suporte (“A única tia milionária que possuíamos, dona de várias padarias na Tijuca, modificou às pressas seu testamento (ela não tinha filhos) e

tornou-o seu herdeiro universal") é encapsulada pelo pronome demonstrativo "o", seguido pelo pronome relativo "que", conforme os grifos acima.

Assim, consideramos toda retomada por meio de pronomes, seja de referentes ou de informações contidas no texto, como estratégia de pronominalização.

2.1.2. As funções exercidas pelas estratégias de progressão referencial

Seguindo a abordagem teórica desta pesquisa, passamos a focalizar estratégias de referenciação, apresentadas na seção anterior, sob o ponto de vista das funções textual-interacionais que exercem: argumentação e encapsulamento.

2.1.2.1. Argumentação

Ressaltando que a argumentação é intrínseca à linguagem, não poderíamos relegar a função argumentativa presente no processo de referenciação, que orienta o interlocutor na sua interpretação e avaliação a respeito da informação textual.

A argumentação pode ser considerada a primordial função no processamento textual, uma vez que, segundo Koch (2005, p. 35),

> [...] as formas de referenciação, bem como de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. É por essa razão que se defende que o processamento do discurso, visto que realizado por sujeitos sociais atuantes, é um processamento estratégico.

Em outras palavras, em cada processo referencial operado pelo produtor de um discurso, temos orientações argumentativas de acordo com seus propósitos comunicativos. Isso equivale a dizer que essa função perpassará todas as estratégias referenciais e está

implícita, até mesmo, nas funções expostas na seqüência. Afinal, como nos diz Cortez (2005, p. 317), a realização da referência está diretamente ligada à constituição de instâncias discursivas que assinalam pontos de vista a partir dos quais a orientação argumentativa do texto é conduzida.

Assim, observemos como as expressões nominais acionadas pelo cronista, no recorte textual abaixo, têm grandes efeitos argumentativos na construção referencial de Lula.

> 27. Poucas vezes na história universal, um homem realmente do povo chega ao poder de forma limpa, insofismável, com o apoio explícito da maioria dos cidadãos e com o respeito obsequioso dos que não votaram nele. [...]
> Dificilmente teríamos na oferta eleitoral um candidato com a biografia de Lula, pau-de-arara, operário de carteirinha, homem dotado de fabulosa intuição e com um conhecimento dos problemas nacionais adquirido de baixo para cima, cumprindo um aprendizado político na própria carne, sem a necessidade de títulos e diplomas. [grifo nosso] (AEA)

Por meio de cada expressão selecionada, podemos perceber a intenção do autor em reforçar o caráter popular e humilde do presidente Lula e, assim, caracterizar tal referente sob um aspecto posto discursivamente como positivo.

Já no próximo trecho, notamos a intenção comunicativa do autor em apresentar o chefe da Casa Civil da época a partir da ênfase na importância de seu cargo frente à Presidência, com uma exaltação desse atributo, que chega a ser irônica.

> 28. Com o caso Waldomiro, que arrastou consigo o número 2 da atual nomenclatura, formou-se a primeira tempestade, que ainda não se transformou em um furacão, mas fez estragos generalizados na imagem do PT e do governo.
> Analisadas friamente, as trapalhadas do ex-assessor da Casa Civil, por mais condenáveis que sejam, e merecedoras de punição, apenas respingaram no todo poderoso titular daquele cargo, que parece ser o mais importante depois da Presidência.
> Mais cedo ou mais tarde, a menos que apareçam fatos novos e provados, o escândalo em si não tem proporções apocalípticas, resume-se na pisada de bola do Zé Dirceu, que devia ser mais rigoroso na escolha de seus homens de confiança. [grifo nosso] (CDB)

Orientações argumentativas também podem ser vistas nas expressões grifadas abaixo, por meio das quais o produtor do discurso imprime opiniões pessoais e direciona o leitor a uma avaliação próxima à sua.

> 29. Subterfúgios diversos, alguns totalmente burros, outros mais ou menos burros, foram criados para prolongar a questão agrária. [grifo nosso] (AHG)

> 30. O imperador Tibério, que ampliou o domínio de Roma a seus limites extremos (depois dele, Roma começou a encolher), era tão poderoso que se trancava num quarto e ficava matando moscas – os puxa-sacos de sempre o abasteciam com moscas extraordinárias, vindas da África e dos cafundós mais remotos do império. [grifo nosso] (AGF)

> 31. O mesmo não está acontecendo com Lula. Agora mesmo, numa de suas frases mais infelizes, ele comparou o bingo à prostituição infantil. [grifo nosso] (FLV)

Observemos que todas as expressões selecionadas pelo autor, “alguns totalmente burros, outros mais ou menos burros” – em elipse o termo “subterfúgios” –, “os puxa-sacos de sempre” e “uma de suas frases mais infelizes”, marcam o seu ponto de vista e, dessa forma, conduzem argumentativamente o seu leitor a uma visão como a dele – do cronista. Além disso, cabe atentar para o fato de as referências efetuadas nesses últimos trechos serem reconhecidas social, cultural e cognitivamente como negativas. As primeiras delas (dos exemplos (29) e (30)) podem ser consideradas até mesmo pejorativas.

Vale ressaltar que esses foram alguns dos casos selecionados em nosso *corpus* para uma breve ilustração da função argumentativa da linguagem, sendo destacada a argumentação ligada às expressões nominais, já que os pronomes podem ser considerados argumentativamente mais “neutros” se comparados às expressões nominais.

2.1.2.2.Encapsulamento

Também denominado de sumarização, de acordo com as palavras de Conte (2003, p. 178), o encapsulamento “é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto”. Entretanto, cabe ressaltar que não só os sintagmas nominais exercem tal função, mas também os pronominais, conforme veremos pelos nossos exemplos. No entanto, diante de um encapsulamento, só teremos paráfrase – como diz Conte – caso ele seja efetuado por meio de um sintagma nominal. No caso de encapsulamento por pronome, teremos apenas a função de sumarizar e não de parafrasear.

Pelo dito acima, percebemos que a principal função do encapsulamento é a remissão textual, anafórica, por meio de uma expressão – nominal ou pronominal – que, além de remeter às informações contidas no texto, as resume. Mas é importante também lembrar que, além de sumarizar, a expressão encapsuladora instaura um novo referente no discurso, promovendo, assim, a progressão textual.

Em seu artigo “Referenciação e orientação argumentativa”, Koch (2005) demonstra-nos que o termo “encapsulamento” engloba outras duas definições de acordo com o tipo de expressão empregada para a sumarização. Tratando especificamente em tal artigo sobre o encapsulamento por meio de expressões nominais, a autora afirma: “Fato bastante comum, em se tratando de remissão textual, é o uso de uma forma nominal para recategorizar segmentos precedentes ou subseqüentes do co-texto, sumarizando-os e encapsulando-os sob um determinado rótulo”. (p. 38)

Com isso, ao se valer de um rótulo para a sumarização de informações precedentes no texto, dá-se também o nome de “rotulação” a esse tipo de encapsulamento. Já, diante de um encapsulamento por pronome, temos a estratégia da pronominalização.

É isso que pretendemos expor a partir dos exemplos a seguir:

> 32. No último fim de semana, tivemos doses que o lugar-comum chamaria de “cavalares”: prisão de Paulo Maluf, entrevista do Severino, contas de Duda Mendonça no exterior, brigas no interior do PT, Robinho no Real Madri, enchente em Nova Orleans, quarto aniversário do atentado de 11 de Setembro e, para os meus lados, a vontade de torcer de agora em diante não mais para o Fluminense, mas pela Croácia (como um todo), que nos mandou Petkovic, um craque que compensa aqueles que mandamos para fora. [grifo nosso] (VEM)

> 33. E aí surge a questão: não sabemos o que Lula poderá fazer com o Brasil. E sabemos menos ainda o que o Brasil ainda fará com ele. [grifo nosso] (LOB)

Nesses dois casos, as descrições definidas “doses que o lugar-comum chamaria de ‘cavalares’” e “a questão” funcionam como elementos sumarizadores das informações contidas posteriormente no texto, ou seja, elas operam cataforicamente em relação à informação-suporte. A relação catafórica fica marcada até mesmo pelos dois pontos que seguem ambas as expressões.

A respeito dos encapsulamentos acima, vale enfatizar mais uma vez que as expressões destacadas, por serem expressões nominais, também recebem a denominação de **rotulação**.

Segundo Marcuschi e Koch (2006, p.392), “a rotulação promove uma recategorização da informação precedente por meio de novas predicações atributivas, ajustando o saber disponível a respeito do objeto-de-discurso”. Isso se dá a partir do emprego da descrição (in)definida, valendo-se de um “rótulo” para dar progressão referencial ao texto e promover a recategorização informacional, que poderá acarretar uma reinterpretação daquilo que precede.

Ainda sobre a função da rotulação, Francis (2003, p. 192) diz:

> A principal característica do que será chamado de rótulo é que ele exige realização lexical, ou lexicalização, em seu cotexto: é um elemento nominal inerentemente não-específico cujo significado específico no discurso necessita ser precisamente decifrado (Winter, 1982, 1992). Os rótulos podem funcionar tanto cataforicamente (para frente), quanto anaforicamente (para trás).

Como pudemos observar, uma das características da rotulação é o emprego de expressões nominais para que ela seja operada, ou seja, essa função terá estatuto apenas nominal e não pronominal. Além disso, a rotulação referencial mantém relações anafóricas ou catafóricas com as informações a serem rotuladas.

Vejamos alguns exemplos, atentando para as expressões grifadas:

> 34. Parece que FHC inaugurou um novo tipo de comunicação ideológica e política. Ao assumir o governo, recomendou que dele esperassem o contrário do que sempre prometera ao eleitorado. Mas justiça seja feita ao professor: ele dividiu sua biografia em antes e durante o poder. A ruptura entre o que escrevera e dissera fora causada pelo próprio poder.
> Lula está levando adiante a mania, com um acréscimo precioso. [grifo nosso] (FLV)

> 35. [...] Apesar da estrela que os guiava, perguntaram onde ficava a tal manjedoura, pois queriam adorar um rei que acabara de nascer. E aí um outro rei, que nem era mago, mandou matar todas as criancinhas para não ter sucessor. Séculos depois, Rubens e outros pintores fizeram quadros alusivos ao episódio, que passou à história como a "matança dos inocentes". [grifo nosso] (ADI)

> 36. Contudo, o episódio que atravessamos – e que parece longe de terminar – escancarou aquela suspeita de que grande parte do eleitorado mantinha a respeito da nova equipe que chegava ao poder: são homens preparados para governar um país com as características do nosso? [grifo nosso] (CDB)

Nos fragmentos apresentados, encontramos descrições definidas funcionando como rotulação. A primeira descrição definida "a mania" funciona como rótulo da informação – fonte da anáfora –, contida nas orações anteriores, principalmente em "Ao assumir o governo, recomendou que dele esperassem o contrário do que sempre prometera ao eleitorado". Além disso, cabe dizer que "a mania" é, mais do que um simples rótulo, uma expressão predicativa, uma vez que, além de apresentar uma informação sob o estatuto de referente, predica a ela um atributo, que pode ser entendido como uma obsessão, um vício ou um mau hábito, atributo esse tido culturalmente como negativo.

Com isso, observamos que as expressões nominais que funcionam como rótulos de informações-suportes podem também predicar atributos a tais informações, sendo, portanto, argumentativas.

O exemplo (35) traz a rotulação por meio da descrição definida “o episódio, que passou à história como a ‘matança dos inocentes’”, que retoma a informação contida principalmente na oração “E aí um outro rei, que nem era mago, mandou matar todas as criancinhas para não ter sucessor”.

A esse tipo de expressão, em posição posterior à informação a ser rotulada, Francis (2003, p. 192) denomina rótulo retrospectivo. Já sobre o rótulo do exemplo (36), que se dá cataforicamente em relação à informação rotulada, a autora denomina rótulo prospectivo.

Observemos, nesse exemplo, como que a descrição definida “aquela suspeita de que grande parte do eleitorado mantinha a respeito da nova equipe que chegava ao poder”, em posição catafórica, uma vez que se encontra em posição anterior à oração que a especifica, funciona como rótulo de “são homens preparados para governar um país com as características do nosso?”.

A respeito do rótulo prospectivo, Francis (2003, p. 195) diz que, quando esse é usado, “a motivação para seu uso não tem sido ainda fornecida e daí a sua lexicalização única nas orações que substitui pode ser predita: sua função é dizer ao leitor o que esperar”.

Já em relação ao rótulo retrospectivo, a autora diz:

> O uso de um rótulo retrospectivo, por outro lado, exige uma explanação diferente, já que ele já foi lexicalizado.
> Um rótulo retrospectivo serve para *encapsular* ou empacotar uma extensão do discurso. Meu critério maior para identificar um grupo nominal anaforicamente coesivo como um rótulo retrospectivo é que não há nenhum grupo nominal particular a que se refira: não é uma repetição ou um “sinônimo” de nenhum elemento precedente. Em vez disso, ele é *apresentado como equivalente* à oração ou orações que ele substitui, embora nomeando-as pela primeira vez. O rótulo indica ao leitor exatamente como esta extensão do discurso deve ser interpretada, e isso fornece o esquema de referência dentro do qual o argumento subseqüente é desenvolvido.

A partir dessa citação, podemos depreender que, ao rotular determinado referente, há também por parte do autor a impressão no discurso de um ponto de vista, ou seja, como já dissemos, a função argumentativa perpassa todas as outras funções.

Já os próximos fragmentos trazem casos de encapsulamento por meio de pronomes e, por isso, recebem também o nome de "pronominalização", conforme já apresentamos anteriormente. Vejamos como os pronomes, ao mesmo tempo em que retomam as informações textuais, sumarizam as mesmas.

> 37. Pelo título que dei à crônica, ela seria mais uma das milhares que estão sendo produzidas pela mídia a propósito da crise de escândalos na vida nacional.
> Nada disso. [grifo nosso] (CSM)

> 38. Há uma dose de ironia, sinistra ironia por sinal, nesta primeira crise do mandato de Lula. As turbulências dos primeiros meses provocaram mal-estar, fofocas, mentidos e desmentidos de praxe. Não passaram disso. [grifo nosso] (CDB)

> 39. Ministros, ex-ministros e interessados nisso ou naquilo reclamam que o chefe da Casa Civil é quem está realmente mandando, Ora, pois, qual é a novidade nisso? [grifo nosso] (CEC)

Em todos esses trechos, a sumarização é efetuada por meio do pronome demonstrativo "isso", retomando as informações precedentes no texto. Já a seguir, temos uma ocorrência de encapsulamento pelo pronome indefinido "tudo".

> 40. [...] Apesar da estrela que os guiava, perguntaram onde ficava a tal manjedoura, pois queriam adorar um rei que acabara de nascer. E aí um outro rei, que nem era mago, mandou matar todas as criancinhas para não ter sucessor. Séculos depois, Rubens e outros pintores fizeram quadros alusivos ao episódio, que passou à história como a "matança dos inocentes". Mães descabeladas tentando salvar os filhos que iam ser degolados pelos esbirros de Herodes.
> À primeira vista, tudo pode ser atribuído a tempos antigos, quando o poder era disputado na base da porrada. [...] [grifo nosso] (ADI)

Outros exemplos podem ser encontrados em nosso *corpus*, no entanto nos limitamos a esses por acharmos que são suficientes para a compreensão de tais funções.

A respeito das funções referenciais apresentadas, convém destacar que, apesar da divisão dessas, elas não são excludentes entre si, podendo haver mais de uma função no emprego de uma só expressão referencial.

Quanto aos processos de categorização e recategorização, esses perpassam todas as estratégias de referenciação[13] e suas funções. A categorização e a recategorização podem ser concebidas também como funções exercidas pelas estratégias referenciais que, respectivamente, determinam o referente de acordo com características construídas social e culturalmente e o redeterminam a partir do interesse tido pelo autor com tal função. Além disso, esses processos – de categorização e recategorização – já englobam as funções de argumentação e encapsulamento, sendo, portanto, classificações mais amplas dentro da teoria da Referenciação.

É, portanto, a partir das reflexões suscitadas durante a apresentação dos processos referenciais e suas funções no discurso, que daremos ênfase, no Capítulo III, principalmente, à categorização e recategorização do referente Lula em nosso *corpus*.

2.2. Predicação

Assim como já apresentamos na seção **1.3. Referenciação e predicação** do Capítulo I de nosso trabalho, o processo de predicação está intimamente ligado à referenciação. Isso se deve não apenas ao fato de a construção referencial ocorrer no interior do discurso e a predicação ser processo básico da construção discursiva, mas se deve também ao fato de os

[13] Com exceção da pronominalização, uma vez que, como vimos, sua principal característica é a retomada referencial e não a apresentação do referente sob uma determinada categoria. Além disso, é uma estratégia argumentativamente mais neutra, o que faz com que ela não seja vista como recategorizadora do referente. Mas, mesmo não sendo sua particularidade, conforme também já mencionamos, em alguns casos, essa estratégia referencial poderá promover a recategorização.

referentes em construção poderem, por meio da predicação, sofrer transformações a partir de informações que a predicação pode acrescentar sobre eles. Desse modo, a predicação também passa a ser vista por nós como capaz de promover transformações nos referentes em construção.

Mas convém lembrar que o contexto discursivo deve ser também considerado para que a predicação contribua na transformação referencial.

2.2.1. Orações de predicado nominal

Como expusemos brevemente no Capítulo I, as orações de predicado nominal têm como constituição lingüística a presença de um objeto-de-discurso que é ligado ao seu predicativo por meio de um verbo denominado verbo de ligação ou de estado. O predicativo atribuído ao objeto-de-discurso tem natureza nominal, o que leva a tradição gramatical a denominar essa predicação como tal.

Dessa forma, sob o nosso olhar, ao relacionarem um objeto-de-discurso a um atributo, as orações de predicado nominal podem ser consideradas expressões atributivas[14] que, mesmo sem estatuto de um referente, contribuem para a construção referencial, promovendo, portanto, modificações nos referentes.

Ainda, sobre esse tipo de predicação, é importante destacar uma citação de Neves (2006, p. 59-60), na qual a autora diz:

> Há verbos, tradicionalmente chamados verbos de ligação ou cópulas, que só entram no predicado juntamente com sintagmas nominais (que podem ser

[14] Embora Neves (2000, p.175-179) nos apresente uma distinção entre nomes classificadores – aqueles que colocam o referente a eles ligado dentro de uma subclasse e, portanto, que não são considerados predicativos – e qualificadores – aqueles que atribuem uma qualificação ao referente a eles ligado e, portanto, considerados predicativos –, em nossa pesquisa tomaremos ambos os tipos de nomes como atributivos. Ou seja, não nos valeremos de tal distinção, uma vez que, sob o nosso ponto de vista, independente da classificação feita aos nomes, em posição de predicativo do sujeito ou do objeto, eles conferirão atributos ao referente e, conseqüentemente, contribuirão para a construção referencial.

> referidos por pronomes) ou adjetivos, os quais são responsáveis pela seleção de argumentos da oração. Forma-se, assim, o que se tem denominado predicado nominal, exatamente porque seu núcleo não é um elemento da categoria verbal, mas um elemento de categoria (pro)nominal (substantivo, adjetivo ou pronome), que entra em um sintagma que se atribui ao sujeito, cumprindo a função de predicativo do sujeito.
> Tais adjetivos ou (pro)nomes, entretanto, mesmo sendo o centro lógico-semântico do predicado, só em conjunto com o verbo constroem predicação. Mais do que isso, o verbo, além de não ser vazio semanticamente – o que, por princípio, é inaceitável – continua o responsável pela expressão de todo o feixe de categorias gramaticais de que essa classe lexical é suporte (tempo, modo, pessoa, número).

Assim, cabe ressaltar que não só o predicativo é relevante na construção referencial, mas também o verbo, já que é ele que indicará, por exemplo, a perfectividade ou a imperfectividade de determinado atributo relacionado ao referente. Ou seja, o próprio aspecto verbal é intencionalmente selecionado pelo autor na atribuição de uma característica ao objeto-de-discurso.

Partindo desses pressupostos, é que resolvemos incluir as orações de predicado nominal como um dos recursos utilizados para a construção referencial, dando destaque à sua importância no discurso de Cony.

Para isso, selecionamos alguns exemplos de nosso *corpus*, que demonstram como as orações atributivas são capazes de acrescentar informações sobre o referente, que levam a uma reinterpretação sobre o mesmo.

Vejamos:

> 41. O Zé Dirceu está sendo vítima de uma choradeira geral. [...] Dirceu é um animal político. (CEC)

Esse primeiro exemplo selecionado por nós traz a introdução referencial de José Dirceu por meio da expressão nominal definida “O Zé Dirceu”, cujo nome próprio, ao fazer referência a uma figura pública e, portanto, conhecida socialmente, principalmente por ter

sido bastante mencionada no período de publicação da crônica, já possibilita algumas inferências a respeito de tal objeto-de-discurso.

Na primeira oração da crônica "Cara e coragem", o referente, a nosso ver, já sofre uma transformação por meio do predicado nominal que se segue à expressão definida categorizadora[15] do referente. Isso se deve ao fato de ser acrescido ao objeto-de-discurso, logo após a sua apresentação pelo seu nome próprio, o atributo de "vítima de uma choradeira geral", cuja ligação entre o referente e tal atributo é efetuada pela locução verbal constituída pelo verbo "estar" + o verbo "ser", este empregado no gerúndio.

Na segunda das orações, presente já no final da crônica, há a retomada referencial por meio da expressão definida "Dirceu", que, assim como a primeira, é seguida de um predicado nominal. Este é formado pelo verbo "ser" no Presente do Indicativo + o predicativo do sujeito "um animal político", operando a recategorização do referente José Dirceu.

Convém ressaltar mais uma vez a importância, não apenas do predicativo para a construção referencial, mas também do tempo e do modo em que o verbo é empregado. Observemos que a locução verbal "está sendo" reforça a idéia de que o atributo "vítima de uma choradeira geral" é conferido ao referente num período determinado e momentâneo, diferentemente de, por exemplo, "O Zé Dirceu é vítima de uma choradeira geral" ou mesmo "foi vítima de uma choradeira geral".

Na outra oração, vejamos como a referenciação de Dirceu também sofreria alterações, mesmo mantendo o atributo, caso alterássemos o tempo verbal para o Pretérito Imperfeito do Indicativo: "Dirceu era um animal político". Nesse caso, o atributo "um animal político" fica restrito ao passado e, portanto, não mais conferido a Dirceu no tempo presente.

Outros casos contidos em nosso *corpus* em que consideramos o predicado nominal como contribuinte para a construção referencial podem ser vistos a seguir:

---

[15] Vale ressaltar que aqui o termo "categorizadora" é utilizado no sentido estrito do termo, conforme expusemos já na seção **2.1.1.1**.a respeito do emprego de nomes próprios na construção referencial.

> 42. Já lembrei aqui o comentário do Paulo Francis a respeito de um filme brasileiro, considerado na época como a pedra angular do cinema mundial. Encontrou um amigo à saída do Metro Passeio, que lhe pediu a opinião sobre a obra-prima que acabara de ver. Paulo respondeu: 'O filme é uma boa droga, mas o diretor é um gênio'. [grifo nosso] (CPV)

> 43. O imperador Tibério, que ampliou o domínio de Roma a seus limites extremos (depois dele, Roma começou a encolher), era tão poderoso que se trancava num quarto e ficava matando moscas [...] [grifo nosso] (AGF)

> 44. Tive um primo que ouviu vozes. Era um bom sujeito, boníssimo para falar a verdade. [grifo nosso] (OV)

> 45. O jornal nova-iorquino lembra que o Brasil já teve um precedente, não faz tanto tempo assim, por coincidência também um senhor Da Silva, pois seu nome era Jânio da Silva Quadros. [...]
> O outro Da Silva era metido a inglês, falava difícil e gastou horas de seu mandato regulamentando brigas de galo, corridas de cavalo e concurso de misses. [grifo nosso] (AVR)

Observemos, no exemplo (42), os segmentos grifados. Primeiramente, temos a introdução do referente efetuada por meio de uma descrição indefinida "um filme brasileiro" que, na seqüência, é recategorizado pela descrição definida "a obra-prima que acabara de ver". Logo depois, há ainda a retomada referencial por meio da expressão nominal definida "O filme", acompanhada de um predicado nominal que atribui ao referente a característica negativa de "uma boa droga", cujo termo "boa" é empregado não com a função de qualificar positivamente "droga", mas de enfatizar ainda mais o seu aspecto negativo. Tal atributo é relacionado ao referente pelo verbo de ligação "ser" no Presente do Indicativo. Com isso, notamos que, nesse caso, a construção referencial não é realizada apenas por expressões nominais, mas também pelo predicado nominal ligado a "O filme".

A predicação nominal agindo na transformação referencial no interior do discurso também pode ser vista nos demais exemplos.

No (43), o referente introduzido por "O imperador Tibério" já permite a exploração de conhecimento de mundo e inferências sobre tal objeto-de-discurso, visto que se trata de uma

figura histórica. No entanto, a construção do referente não se limita a essa expressão nominal definida, mas se vale também de um predicado nominal – “era tão poderoso” – na atribuição de mais uma característica – “poderoso”.

Assim também ocorre com o referente “um primo que ouviu vozes”, que sofre transformação a partir do predicado nominal “era um bom sujeito, boníssimo para falar a verdade”. O modificador “bom”, pertencente ao predicativo do sujeito, é reavaliado, passando-se ao superlativo “boníssimo”, o que mais uma vez modifica o referente, para enfatizar uma característica bastante positiva do mesmo.

Fato semelhante é o exemplo (45), no qual o referente é introduzido pela descrição indefinida “um precedente”, retomado seqüencialmente pelas expressões nominais “um senhor Da Silva”, “Jânio da Silva Quadros” e “O outro Da Silva”, sendo esta última expressão acrescida de uma informação capaz de transformar o referente por meio do atributo relacionado a ele, “metido a inglês”.

Em casos como esse, notemos a importância dada ao predicado nominal, uma vez que ele modifica o referente, principalmente porque as expressões utilizadas para remissão do referente são constituídas por nomes próprios e, conforme já apontamos, de forma geral, não trazem características ao referente. Mas é claro que, nesse exemplo especificamente (45), por tratar de uma figura pública, o nome próprio já é associado ao atributo de ex-presidente da República e a demais informações suscitadas a partir de tal nome.

A partir de tais exemplos, buscamos demonstrar rapidamente como a predicação nominal pode agir, atributivamente, na construção dos referentes.

2.2.2. Orações de predicado verbal

As orações de predicado verbal recebem tal classificação por terem como núcleo um verbo, e não um nome como ocorre com as orações expostas na seção anterior. Portanto, para que haja um predicado verbal, o verbo não poderá ser de ligação e não haverá predicativo. O verbo, núcleo do predicado, é classificado de acordo com a sua (in)transitividade[16], podendo vir acompanhado ou não de um complemento.

No entanto, mesmo que as orações de predicado nominal sejam mais freqüentes na atribuição (ou retirada, no caso da negação) de características a um referente – devido à presença de um predicativo –, dependendo do contexto em que as orações de predicado verbal são usadas, sob o nosso ponto de vista, elas também poderão acrescentar informações sobre o referente que o levem a ser transformado no discurso.

Assim, a mesma ressalva sobre a relevância do tempo, modo e aspecto verbal empregados na constituição do predicado nominal deve ser feita aqui, já que, conforme expusemos, eles contribuem também na construção referencial.

É o que buscamos demonstrar com os exemplos de nosso *corpus* expostos a seguir:

> 46. Com o caso Waldomiro que arrastou consigo o número 2 da atual nomenclatura, formou-se a primeira tempestade [...]
> Analisadas friamente, as trapalhadas do ex-assessor da Casa Civil, por mais condenáveis que sejam [...]
> Mais cedo ou mais tarde, a menos que apareçam fatos novos e provados, o escândalo em si não teve proporções apocalípticas, resume-se na pisada de bola de Zé Dirceu, que devia ser mais rigoroso na escolha de seus homens de confiança. [grifo nosso] (CDB)

> 47. Má vontade têm os que lamentam ou criticam as inúmeras coisas que não funcionaram, como o Fome Zero e a prometida criação de não sei quantos milhões de empregos. (PED)

[16] Segundo a gramática normativa, dá-se a denominação de verbos intransitivos àqueles que não exigem complemento e transitivos àqueles que exigem. Dentro da classificação de verbos transitivos, há ainda uma subdivisão de acordo com o tipo de complemento a eles ligado, sendo: verbos transitivos diretos, aqueles que apresentam um objeto direto – complemento não introduzido por preposição –; verbos transitivos indiretos, que apresentam um objeto indireto – complemento introduzido por preposição –; e verbos transitivos diretos e indiretos, que apresentam os dois tipos de complemento, direto e indireto. Mas vale lembrar que há verbos que podem ser usados transitiva ou intransitivamente, dependendo do sentido pretendido pelo autor, uma vez que a semântica do verbo está também relacionada à presença ou não de um determinado complemento.

> 48. Dirceu é um animal político. Errando ou acertando, tem um projeto na cabeça, projeto antigo por sinal, pagou um preço por ele. Não tem o carisma de Lula, porém tem mais substância. O atual governo, no que fez de bom ou de mau até agora, tem a sua cara. Falta-lhe ainda a coragem para realizar o que sempre sonhou. [grifo nosso] (CEC)

Iniciamos com esses três exemplos por eles terem em comum predicados verbais cujo núcleo é o verbo "ter". Este verbo, segundo o dicionário Aurélio, tem como significados: "possuir", "poder dispor de", "trazer consigo", "manter", "conter", "apresentar", "ser dotado de", entre tantos outros significados que pode haver de acordo com o contexto em que ele é usado. Diante desses significados, notamos que o verbo "ter" carrega traços semânticos principalmente de atribuição do seu complemento ao referente-sujeito da oração e de indicação de posse do referente do que lhe é atribuído pelo complemento verbal.

Com isso, em algumas situações, de acordo com o contexto em que ele surge, o verbo "ter", conjuntamente com seu complemento, pode levar à modificação do referente.

É o que acreditamos ocorrer nos fragmentos acima. No primeiro deles, o autor serve-se da descrição definida "o caso Waldomiro que arrastou consigo o número 2 da atual nomenclatura" para a apresentação do referente. Na retomada deste, é empregada mais uma vez uma descrição definida, "as trapalhadas do ex-assessor da Casa Civil". Mas a recategorização referencial ainda continua com outra descrição definida "o escândalo", marcada argumentativamente, que é acrescida de uma informação importante para a construção desse referente. Essa informação é posta sob o estatuto de predicado verbal, cujo núcleo, conforme já dissemos, é o verbo "ter" empregado na negativa, "não teve proporções apocalípticas". Com o uso de tal predicado, é negada a atribuição de "proporções apocalípticas", o que leva, dessa forma, a uma construção mais amena do referente posto como "o escândalo".

Vale destacar ainda que a predicação que segue à oração "O escândalo em si não teve proporções apocalípticas" também contribuirá para a construção referencial em foco. Essa

oração é apresentada pela elipse da expressão nominal “o escândalo” + “resume-se na pisada de bola de Zé Dirceu”, o que ameniza, argumentativamente, ainda mais o referente, colocando-o, ironicamente, como uma pequena falha de José Dirceu.

No exemplo (47), a introdução referencial é dada por “os que lamentam ou criticam as inúmeras coisas que não funcionaram, como o Fome Zero e a prometida criação de não sei quantos milhões de empregos”, aos quais é atribuída, pelo verbo “ter”, no Presente do Indicativo, “má vontade”. Num primeiro momento essa atribuição poderia ser considerada negativa, no entanto, cabe ressaltar que há nesse trecho o emprego da ironia, reconhecida apenas a partir do contexto.

No trecho de número (48), a construção referencial recai sobre “Dirceu” (nome próprio utilizado na retomada do referente, conforme visto na explanação do exemplo (41)). Para a transformação desse, temos, por parte do autor, a intenção de apresentá-lo como uma pessoa com objetivos bem delimitados, o que o marcaria positivamente no discurso. Para isso, então, o autor se vale do predicado verbal “tem um projeto na cabeça” na construção do referente. Como o verbo é empregado no Presente do Indicativo, poderíamos inferir que a consistência e a determinação, atributos apresentados a Dirceu de forma indireta, são postos pelo autor como próprios da essência de tal referente ou, pelo menos, como presentes nele até aquele momento.

Em seguida, colocando José Dirceu em oposição a Lula, o cronista lhe nega uma característica positiva do presidente da República, por meio do predicado verbal “Não tem o carisma de Lula”, mas compensa a negação desse atributo positivo, contrapondo-lhe um novo atributo, sob forma de predicado verbal com verbo “ter”: **“**porém tem mais substância”.

Com essa seqüência de predicados verbais relacionados ao referente José Dirceu, podemos perceber transformações sofridas por esse no decorrer do discurso, o que demonstra

a importância da predicação verbal como um possível recurso empregado na construção de referentes.

Notemos ainda como a oração de predicado verbal “Falta-lhe ainda a coragem para realizar o que sempre sonhou”, ao retirar de José Dirceu o elemento “coragem”, leva também a uma mudança no mesmo. Sobre esse último caso, é importante enfatizar que a retirada de “a coragem” é efetuada não por uma negação, como ocorrido com “o carisma de Lula”, mas pelo próprio verbo “faltar”, cujo significado indica ausência.

Com isso, podemos perceber que, para que haja a transformação referencial, é relevante observar a carga semântica do verbo em conjunto com o contexto em que ele é utilizado.

Outros trechos foram recortados para darmos continuidade à demonstração de como, em algumas situações, a predicação verbal opera a modificação dos referentes no interior do discurso.

> 49. No caso brasileiro, nossos dirigentes sempre saíram de camadas sociais privilegiadas e, nos pouquíssimos casos em que tivemos um presidente nascido na pobreza, como JK e Sarney, ao serem eleitos, já pertenciam de uma forma ou de outra à elite dominante. [grifo nosso] (AEA)

> 50. O outro Da Silva era metido a inglês, falava difícil e gastou horas de seu mandato regulamentando brigas de galo, corridas de cavalo e concurso de misses. [grifo nosso] (AVR)

> 51. A humanidade civilizou-se, mas não tanto. (ADI)

Em relação aos referentes introduzidos sob o estatuto nominal “nossos dirigentes”, no exemplo (49), observemos que a eles é acrescentada a informação de terem saído de camadas privilegiadas, o que, no contexto da crônica, é visto como um fato negativo, já que nela são ressaltados atributos ligados à pobreza (humildade, popularidade). Dessa maneira, por meio do predicado verbal “sempre saíram de camadas sociais privilegiadas”, o autor opera uma

mudança nos referentes em foco, retirando, indiretamente, as características valorizadas – pobre, humilde, popular – já que se subentende de “camadas sociais privilegiadas” atributos ligados à riqueza, ao orgulho e à elite.

Fato semelhante é encontrado no trecho (50) sobre a construção referencial de Jânio Quadros (também apresentado no exemplo (45)). Com o emprego dos predicados verbais, “falava difícil” e “gastou horas de seu mandato regulamentando brigas de galo, corridas de cavalo e concurso de misses”, subentendem-se características negativas, diante do contexto, em relação a Jânio Quadros, já que também são valorizados os atributos ligados à humildade e popularidade.

O exemplo (51) chama-nos bastante a atenção pelo fato de a oração estar na voz reflexiva e o verbo operar mudança no referente “a humanidade”, cuja introdução é realizada por descrição definida. Essa mudança efetuada sobre o referente está implicada no próprio verbo “civilizar” utilizado pronominalmente. Mas é importante destacar também que, apesar de essa oração permitir uma interpretação positiva sobre “a humanidade”, há, na seqüência, a negação do advérbio de intensidade “tanto” (em “mas não tanto”), que, com a conjunção adversativa “mas”, faz uma ressalva a tal transformação. Com isso, indiretamente, temos atribuída à humanidade característica positiva que é diminuída pela negativa.

Sob esse nosso ponto de vista, a predicação verbal, mais do que acrescentar apenas informações em relação ao referente, pode promover mudanças no mesmo. Segundo nossas observações, a natureza semântica do verbo ligada ao contexto discursivo – visto que o contexto de uso é o que confere determinado significado ao verbo – é bastante importante nesse processo de construção do referente. Isso pode ser percebido quando encontramos um mesmo verbo que, em contextos diferentes, ora opera transformação, ora não.

Comparemos o próximo exemplo com o (50), exposto antes. Em ambos temos, como núcleo do predicado verbal, o verbo “falar”, conjugado no Pretérito Imperfeito do Indicativo.

> 52. Leon Eliachar falava da Máfia mesmo, a própria, sem qualquer alusão à política nacional, que, no tempo dele, já não era tão diferente assim da atual. [grifo nosso] (CSM).

A respeito do fragmento (50), tentamos demonstrar como o predicado "falava difícil" contribui na construção do referente Jânio Quadros. No entanto, percebamos que o mesmo não ocorre no exemplo acima em relação a "Leon Eliachar". Ou seja, um predicado verbal só poderá modificar um referente se a natureza semântica do verbo, atrelada a um contexto, possibilitar tal operação.

Notemos que, no exemplo (50), o contexto confere ao verbo "falar" um significado não propriamente de elocução, mas de domínio da norma culta, o que é também marcado pela presença de "difícil". Já nesse caso – exemplo (52) – o significado do verbo, no contexto, é de elocução mesmo, o que faz com que, aqui, não haja transformação do referente.

Com a apresentação realizada, visamos a demonstrar como a predicação verbal, unida ao contexto em que ela é usada, pode ser um contribuinte para a referenciação.

2.3. Jogo de instauração de referentes

O que denominamos "jogo de instauração de referentes" é uma estratégia encontrada em nosso *corpus*, não prevista pela literatura sobre referenciação, por meio da qual se estabelece a associação de características – explícitas ou implícitas – entre diferentes objetos-de-discurso, como se estes estivessem ora em semelhança ora em dessemelhança, dependendo do discurso do qual se vale o autor.

Sobre esse recurso presente em nosso material de análise, convém destacar que fica ao leitor a ação de, mentalmente, a partir de pistas oferecidas pela crônica e de seu conhecimento de mundo, efetuar a associação dos diferentes referentes instalados no texto para, assim, alcançar uma melhor compreensão textual.

Dessa forma, por meio da apresentação de atributos a um referente, outro referente é simultaneamente modificado, como se houvesse entre eles uma relação de consonância ou dissonância.

É o que pretendemos demonstrar a partir do trecho a seguir:

> 53. O jornal nova-iorquino lembra que o Brasil teve um precedente, não faz muito tempo assim, por coincidência também um senhor Da Silva, pois seu nome completo era Jânio da Silva Quadros. Também cultivava sagrado horror ao líquido que vinha do ribeirão e que os jornais antigos chamavam de "precioso". Jânio não apreciava os alambiques nacionais, preferia os da Escócia, que lhe alertaram contra as forças terríveis que o fizeram renunciar. Da Silva é um nacionalista convicto, tem o gosto, o gesto e o cheiro do homem comum brasileiro. O outro Da Silva era metido a inglês, falava difícil e gastou horas de seu mandato regulamentando brigas de galo, corridas de cavalo e concurso de misses. [grifo nosso] (AVR)

Pelo exemplo acima, podemos notar que, nesse recurso, a associação de características – explícitas ou inferidas – de objetos-de-discurso distintos se faz necessária. Esse exemplo será mencionado também no Capítulo III de nossa dissertação, com ênfase na contribuição dessa estratégia na construção referencial de Lula. Neste momento, enfatizaremos apenas o referente Jânio Quadros.

No fragmento de número (53), a construção do referente Jânio Quadros é feita em relação a Lula. Introduzido por "um precedente" (descrição indefinida) e retomado, anaforicamente, pelas expressões nominais "um senhor Da Silva" e "Jânio da Silva Quadros", o referente é posto, nesse momento, em consonância a Lula, o que fica lingüisticamente marcado pelo "também" (em: "também um senhor Da Silva" e "Também cultivava sagrado horror ao líquido que vinha do ribeirão e que os jornais antigos chamavam de 'precioso'"). Ou seja, Jânio e Lula são apresentados como "um senhor Da Silva" – os dois com sobrenome em comum – e ambos com horror à água que vem do ribeirão – o que indica a preferência deles por bebidas alcoólicas.

No entanto, na seqüência, Jânio é apresentado em contraponto ao referente Lula, restando a este características mais positivas do que àquele. Ao se conceder a Lula o atributo de nacionalista (“Da Silva é um nacionalista convicto, tem o gosto, o gesto e o cheiro do homem comum brasileiro”.), o que no contexto é tomado como virtude, a construção referencial de Jânio passa a se dar de forma negativa em relação ao atual presidente. Assim, percebemos, pelo exemplo, que a Jânio são atribuídas as características de não nacionalista (“Jânio não apreciava os alambiques nacionais, preferia os da Escócia, que lhe alertaram contra as forças terríveis que o fizeram renunciar”) e não popular (“Da Silva era metido a inglês, falava difícil e gastou horas de seu mandato regulamentando brigas de galo, corridas de cavalo e concurso de misses”), diferenciando-se de Lula.

No exemplo (54), observemos como o jogo de instauração de referente é relevante na construção do referente José Dirceu:

> 54. O Zé Dirceu está sendo vítima de uma choradeira geral. Ministros, ex-ministros e interessados nisso ou naquilo reclamam que o chefe da Casa Civil é quem está realmente mandando. Ora, pois, qual a novidade nisso?
> Sempre que um presidente não está preparado para o ofício de governar, que despreza a papelada burocrática e os fuxicos da engrenagem política, o chefe da Casa Civil ocupa o espaço vazio. Foi assim com o marechal Dutra, que teve no professor Pereira Lira o seu fac totum, foi assim com Leitão Abreu, Juvenal Portela e Golbery, que mandaram e desmandaram no vácuo deixado por presidentes sem apetite, como no caso de Figueiredo, que gostava mais de seus cavalos do que do povo.
> Quando o presidente se encarna no poder, como Vargas, JK, Jânio, Collor e FHC, a figura do seu principal subalterno fica em segundo plano. Tanto Vargas como JK tiveram vários chefes da Casa Civil, mas nenhum deles mandavam, eram contínuos de luxo. [...] [grifo nosso] (CEC)

Num primeiro momento, o referente introduzido por “O Zé Dirceu” e retomado por “o chefe da Casa Civil” é posto em consonância com demais referentes instaurados no texto, sendo eles: “o professor Pereira Lira”, “Leitão Abreu”, “Juvenal Portela” e “Golbery”. Por meio dessa aproximação entre tais referentes, o cronista sugere o estatuto de “fac totum”, primeiramente conferido ao professor Pereira Lira, a José Dirceu. Além disso, atribui a esse

referente o fato de, assim como Leitão Abreu, Juvenal Portela e Golbery, mandar e desmandar no vácuo deixado pelo presidente.

Esses atributos inferidos a partir das semelhanças sugeridas pelo cronista levam a uma construção do referente José Dirceu sob um aspecto positivo, que será sustentado também pela oposição de tal objeto-de-discurso a “segundo plano” e “contínuos de luxo”.

Com tais exemplos, pretendemos ter atingido o objetivo de apresentar, mesmo que brevemente, essa estratégia, presente em nosso *corpus*, utilizada por Carlos Heitor Cony para a construção referencial.

CAPÍTULO III – A CONSTRUÇÃO REFERENCIAL DE LULA

Conforme anunciamos na introdução do presente trabalho, apresentaremos nesta parte da dissertação a construção referencial de Lula, de acordo com os processos utilizados por Carlos Heitor Cony em suas crônicas. Dentre os processos descritos no Capítulo II, abordaremos: a descrição definida e a indefinida, a associação e a pronominalização, enquanto estratégias de progressão referencial; as orações de predicado nominal e as de predicado verbal, relacionando a predicação à referenciação; e o jogo de instauração de referentes.

No entanto, vale ressaltar que a organização desse capítulo não se dará de acordo com os processos referenciais empregados, mas sim com as "imagens" do referente Lula, construídas por Cony nas crônicas selecionadas para a constituição do *corpus*, dentre as publicadas no período de 2004 e 2005. Isso se deve à nossa tentativa de demonstrar como, de certa forma, a nossa hipótese de pesquisa foi confirmada, pelo menos parcialmente.

Observamos que, nas crônicas de 2004, mesmo nas iniciais, a figura do presidente comporta traços negativos, mas registram-se também aspectos positivos, que amenizam uma construção desqualificada do referente; já nas de 2005, intensifica-se a crítica a Lula, com destaque de atributos negativos.

Para demonstrar tal fato, organizamos a análise dos dados em três partes: na primeira, trataremos da valorização de Lula nas crônicas de 2004, seja pela atribuição de características positivas, seja pela retirada de atributos negativos; na segunda, discorreremos sobre a desvalorização de Lula, ainda nas crônicas de 2004, considerando uma atribuição mais amena e outra mais áspera de aspectos negativos; na terceira, mostraremos a intensificação dos atributos negativos, nas crônicas de 2005.

A abordagem dos processos referenciais empregados pelo cronista nesses movimentos de valorização e desvalorização do referente perpassará as análises dos segmentos

selecionados do *corpus.* É importante destacar que não relacionaremos esses processos com tais movimentos, uma vez que os dados não apontaram para correlações sistemáticas entre determinadas estratégias de (re)categorização referencial e as avaliações positivas ou negativas efetuadas pelo cronista na construção do referente Lula. Ou seja, não constatamos a ocorrência de estratégias mais produtivas para a valorização e outras para a desvalorização do referente sob análise.

Antes de entrarmos nessas partes, focalizaremos os procedimentos pelos quais o referente em questão é expresso em todo o *corpus*, para, depois, associarmos a ele as (re)categorizações decorrentes dos processos de sua construção.

3.1. Os modos de expressão do referente Lula

Dentre as estratégias empregadas por Cony para referir-se a Lula, há duas predominantes nas crônicas: a descrição definida cujo núcleo é o nome “presidente” e o nome próprio “Lula”.

A expressão “o presidente da República” se faz presente na maioria das crônicas. Como essa expressão nominal é classificada, dentro da teoria da Referenciação, como uma descrição definida, vale retomar brevemente o que expusemos no Capítulo II a respeito dessa estratégia referencial.

A descrição definida se particulariza pela seleção de determinada característica do referente, efetuada de acordo com as intenções do locutor na situação de interação em que ele se encontra. Ela é manifestada por meio de um sintagma nominal, cujo núcleo é precedido por determinante definido ou determinante zero (0) e eventualmente seguido de modificadores.

Assim, em nosso *corpus*, é altamente recorrente o sintagma nominal “o presidente da República” para se referir a Lula, já que essa sua função frente ao país é que é representada no

discurso de Cony. Nesse caso, portanto, temos uma escolha lexical bastante adequada às intenções comunicativas do cronista ao apresentar tal referente, principalmente porque é a presidência que torna Lula tão comentado nas crônicas.

A respeito de sintagmas como esse ("o presidente da República"), Neves (2006, p.124) explica a freqüência do uso do artigo definido em tais expressões, por meio das palavras de Givón (1984, p.399), que diz que:

> [...] há nomes de entidades que, de algum ponto de vista, são referencialmente reconhecidas por determinadas comunidades, ou porque são entidades naturalmente únicas (como *o sol*, *a lua*), e, portanto, são identificáveis por todos os seres humanos, ou porque são entidades que podem ser facilmente reconhecidas por indivíduos de certas comunidades (como *o lago*, *o pinheiro*, *o rio*), ou porque são entidades de natureza política (como *o presidente*), cultural (como *o carnaval*), espiritual (como *o grande espírito*), etc., e, portanto, estão permanentemente registradas na memória dos membros de uma comunidade, e podem ser acessadas. [grifo nosso]

Essas palavras reforçam a idéia de termos com maior freqüência uma descrição definida ao invés da descrição indefinida para a referenciação de figuras públicas de unicidade dentro de um contexto determinado, justificando, assim, a recorrência da expressão "o presidente da República" ou apenas "o presidente" em nosso *corpus*, sendo bem reduzido o número de expressões indefinidas.

Cabe destacar também, a respeito do emprego dessa descrição definida, que, de acordo com a nossa base teórica, consideramos que os referentes, modelados no interior do discurso de acordo com o projeto de dizer do autor, são construtos sócio-culturais. Assim, não podemos relegar as influências sociais e culturais envolvidas na construção referencial, que acabam por limitar o uso de determinados itens lexicais (como palavras agressivas, por exemplo), na referência que o cronista faz a Lula, o que se deve ao fato de termos como referente em pauta a figura de maior poder do Brasil no momento da produção textual.

Além disso, a restrição deve-se também ao gênero textual em que se dá a referenciação presidencial. Visto que publicada no jornal, a crônica se torna pública e sujeita a discussões, motivo esse que faz com que seu autor deva zelar pela imagem não só de si mesmo, como do próprio veículo comunicacional em que seu texto estará inserido.

Dessa forma, o emprego da descrição definida "o presidente da República" e/ou "o presidente", nas referências a Lula, além de predominar, é suficiente para que identifiquemos a figura presidencial, valendo-nos de nosso arquivo permanente e relacionando o sintagma nominal ao tempo da produção textual.

Vejamos alguns exemplos retirados de nosso material de análise, que demonstrem a recorrência da descrição definida discutida acima:

> 1. Não me dei ao respeito de tentar um resumo de todos os recentes pronunciamentos do presidente da República no final do ano e no começo deste. [grifo nosso] (TFL)

> 2. Implicaram com a festa junina que o presidente da República armou em Brasília para festejar, ao mesmo tempo, seu aniversário de casamento, o Dia de Santo Antônio e o salário mínimo de 260, motivos de grande júbilo, sem dúvida. [grifo nosso] (AGF)

> 3. Foram necessários 12 meses e alguns dias para que o presidente da República descobrisse o que está faltando em seu governo: um ministro que fosse ministro dos demais, um núcleo de poder e de ação que fizesse a máquina funcionar, um super-ministro enfim. [grifo nosso] (OMM)

Como esses três trechos, nos quais encontramos a descrição definida mencionada, constituem a introdução da crônica e, conseqüentemente, trazem a introdução do referente, temos como função da expressão nominal a categorização[17] do referente Lula pelo seu estatuto sócio-institucional.

[17] Convém ressaltar que aqui o termo "categorização" é utilizado por considerarmos, nesse momento, a introdução do referente em cada uma das crônicas isoladamente. Se tomarmos a construção referencial no decorrer das crônicas, poderemos ter, ao invés de uma categorização, uma recategorização.

O emprego da descrição definida cujo núcleo é “presidente” também ocorre no exemplo seguinte, com a diferença lingüística de a expressão selecionada não vir acompanhada de um modificador, o sintagma preposicional “da República”, como nos casos anteriores. A ausência do modificador, no entanto, não impede o entendimento da referência efetuada por tal estratégia, até mesmo porque haverá, no texto, marcas lingüísticas que a indiquem.

> 4. Na prática, alguns titulares de pastas importantes, como a da Casa Civil e a da Fazenda, já funcionam como ministros especiais e detêm o controle da cúpula burocrática e financeira do governo. E o presidente, onde é que fica? [grifo nosso] (OMM)

No trecho selecionado, a expressão em destaque, ao invés de introduzir o referente, é usada anaforicamente, ou seja, ela retoma o termo “Lula” – fonte da anáfora – presente no parágrafo anterior (“Independentemente do nome escolhido, a função é que intriga a nação. Afinal, compacta maioria do nosso povo votou em Lula para ser exatamente o núcleo de poder e da ação, chefiando os outros ministros, que foram eleitos pelo povo, mas escolhidos a dedo por ele próprio”. [grifo nosso]). Desse modo, pela remissão anafórica, estabelecemos a relação entre “Lula” e “o presidente”.

Muitos exemplos poderiam ser citados sobre o emprego de descrição definida, cujo núcleo é o nome “presidente”. No entanto, acreditamos não ser necessário, uma vez que eles surgirão relacionados a processos referenciais que contribuíram na construção do referente Lula.

Outro recurso também bastante recorrente em nosso corpus, para a expressão desse referente, é o nome próprio “Lula”, usado tanto na introdução quanto na retomada do referente.

Conforme já expusemos no Capítulo II, não incluímos o nome próprio dentre as descrições definidas, por não indiciar uma característica do referente, mas por ser apenas uma nomeação individual estabelecida socialmente, sem atribuir ao referente qualidade alguma. No entanto, convém ressaltar o fato de termos no nome próprio "Lula" um diferencial, já que ele faz referência a uma figura pública e, portanto, já é associado, no contexto, ao atributo de presidente da República. Além disso, por ser um apelido incorporado ao nome de Luís Inácio da Silva, temos nele a referência a Lula enquanto metalúrgico e sindicalista, ou seja, o codinome "Lula" vem carregado de história e, quando mencionado, traz consigo todo o passado de tal figura política.

Observemos alguns dos exemplos de nome próprio, desacompanhado de determinante[18] e de modificadores, conforme aparece na maioria das vezes:

> 5. Até aqui, como nos minutos iniciais de uma partida de futebol (Lula gosta, usa e abusa de metáforas assim, parece que são as que melhor entende) [...]. [grifo nosso] (TFL)

> 6. Armam-se esquemas táticos, de marketing e de finanças, para garantir mais um mandato para Lula. [grifo nosso] (ADI)

> 7. Afinal, compacta maioria do nosso povo votou em Lula para ser exatamente o núcleo do poder e da ação, chefiando os outros ministros [...]. [grifo nosso] (OMM)

> 8. O espetáculo que Lula vem prometendo se resume ao trivial variado, ao forno e fogão de uma cozinha administrativa. [grifo nosso] (OPD)

> 9. Outro dia me perguntaram o que Lula vai fazer com o Brasil. [grifo nosso] (LOB)

[18] Vale ressaltar que, na linguagem formal escrita, geralmente, o nome próprio não vem antecedido por artigo. A presença do artigo, conforme já mencionamos no capítulo anterior, é característica de determinadas regiões do Brasil e do tipo de registro empregado pelo locutor.

Nos exemplos de números (5), (6), (7) e (8), o emprego do nome próprio “Lula” se dá a partir de uma anáfora, cujas fontes são, respectivamente, os sintagmas nominais “o presidente da República”, “o atual presidente”, “o presidente da República” e “um presidente”. Ao contrário dos exemplos anteriores, no (9), “Lula” é a expressão utilizada para a introdução do referente na crônica, mas havendo também a associação entre “Lula” e a sua função de presidente.

Dessa maneira, tanto na introdução como na retomada referencial, o nome próprio faz a referência ao objeto-de-discurso e outros recursos – como as estratégias de progressão referencial, a predicação, ou o jogo de instauração de referentes – serão empregados para a manutenção do referente e/ou para suas (re)categorizações.

Uma vez feita a referência a Lula por meio de expressões como “o presidente da República” e “Lula”, temos, como um dos procedimentos mais usados para a progressão referencial, a pronominalização, cuja característica básica é a retomada do referente, geralmente introduzido sob o estatuto nominal, por meio de um pronome.

O caso mais ocorrente em nosso *corpus* é o de pronominalização de um sintagma nominal que passa a pronome pessoal do caso reto “ele”, como notamos no seguinte recorte textual:

> 10. Não me dei ao respeito de tentar um resumo de todos os recentes pronunciamentos do presidente da República no final do ano e no começo deste. Desconfio que ele não foi humilde nem pessimista. Em seus melhores momentos de campanha eleitoral, que foram muitos, ele nunca prometeu tanto a tantos. [...] O túnel é o profundo buraco que ele chama de "herança maldita", túnel cavado por outros governos. A luz é ele quem promete e assegura. [...] Nem todos pensam como ele. [...] O diabo é que, no final desta luz própria, que ele trouxe consigo de forma igualmente luminosa, adivinha-se a proximidade de um túnel, longo e tortuoso túnel, quando a fonte de energia que emana de sua pessoa estiver consumida pelos atos e fatos de seu governo. Até aqui, como nos minutos iniciais de uma partida de futebol (Lula gosta, usa e abusa de metáforas assim, parece que são as que melhor entende), ele não passou de um aquecimento, um estudo da tática do adversário. [...] Evidente que para não curtir um placar adverso nesses

> primeiros instantes, levar dois ou três gols de saída, ele plantou um trio que será o núcleo do time inteiro. [...] [grifo nosso] (TFL)

Observemos que o trecho acima, retirado da crônica “Túnel no fim da luz”, é um grande exemplo da estratégia de pronominalização, pois temos no seu início a apresentação referencial feita sob o estatuto nominal – a descrição definida “o presidente da República” – e, na seqüência, a retomada do referente por meio do pronome “ele”, conforme os grifos. Portanto, nesse processo anafórico, a fonte é a descrição definida apresentada que se pronominaliza em “ele”. Há apenas uma exceção, presente na frase parentética, na qual é empregado o nome próprio “Lula”.

É o mesmo fato que ocorre no seguinte exemplo. No entanto, a fonte da anáfora presente nesse fragmento é “Lula” – a expressão nominal constituída por nome próprio – que se pronominaliza também em “ele”.

> 11. O mesmo não está acontecendo com Lula. Agora mesmo, numa de suas frases mais infelizes, ele comparou o bingo à prostituição infantil. [grifo nosso] (FLV)

Já abaixo, temos a apresentação do referente19 feita a partir da expressão nominal definida (“a figura carismática de Lula”), que é retomada pelo pronome pessoal do caso reto “ele” (unido à preposição “de”) e que, em seqüência, passa a pronome pessoal do caso oblíquo “lhe”, já que esse é complemento verbal de “deu”.

Depois desses dois casos de pronominalização, o referente é retomado pelo nome próprio “Lula” e, novamente, sofre a pronominalização em “ele” duas vezes seguidas, como podemos notar a partir do texto:

---

[19] Convém ressaltar que a expressão “a figura carismática de Lula” não é introdutora do referente, mas sim recategorizadora, visto que a introdução foi efetuada pela descrição nominal “Lula”, em: “Os índices de popularidade de Lula e do governo caíram semana passada”. [grifo nosso] (CPV)

> 12. Para tranqüilidade nossa, temos a figura carismática de Lula, que até agora parece estar desempenhando um papel moderador de rainha da Inglaterra, sem cheirar nem feder, mas servindo de âncora para a canoa do governo não virar de todo. É lícito esperar dele uma volta por cima que, pessoalmente, me parece improvável. Se perder o carisma que a liderança operária lhe deu, se tiver arranhada a sua credibilidade pessoal, haverá um vazio na vida pública, que ficará mais oca do que está. Não se trata de considerar Lula o salvador da pátria. Por bem ou por mal, ele representou a esperança nacional numa fase de sucessivos fracassos. [...] Da parte de um eleitor que não votou nele nem em candidato nenhum na última eleição, a preocupação é anterior à atual crise que ele atravessa. [grifo nosso] (CPV)

Ainda sobre esse mesmo fragmento, é importante destacar que, embora consideremos como recategorização referencial a descrição definida "a figura carismática de Lula", para a pronominalização o autor toma como âncora da anáfora apenas o termo "Lula"; tanto que o pronome empregado na retomada do referente é de gênero masculino "ele" e não "ela", conforme ocorreria caso fosse retomada a expressão cujo núcleo é "figura".

Apesar da pronominalização mais comum em nosso *corpus* ser efetuada por meio do pronome pessoal do caso reto "ele" ou, em algumas vezes, pelo pronome pessoal do caso oblíquo "lhe", encontramos também um emprego pronominal diferenciado, no qual o autor se vale de um pronome de tratamento "Sua Excelência".

> 13. Pouquíssimas vezes fui obrigado a concordar tanto e tamanhamente com o presidente Lula. Sua Excelência declarou, na semana passada, que é a favor da reforma política e, sobretudo, que é necessária, para início dos trabalhos, "moralizar a base".
> Dou-lhe razão quando entendo que a base citada por ele é a própria base social, a sociedade como um todo, os indivíduos que a formam e formam a nação. [grifo nosso] (LAB)

Notemos que, nessa crônica, após a introdução referencial de Lula, por meio da descrição definida em destaque, "o presidente Lula", temos a pronominalização do referente em "Sua Excelência". Com o emprego de tal pronome, o autor tem a intenção de reforçar a posição de poder na qual se encontra o referente em foco, uma vez que o pronome de tratamento utilizado é destinado para um grupo específico de pessoas. Segundo a gramática

normativa de Evanildo Bechara (2004), Sua/Vossa Excelência é usada apenas quando se tratar de altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos. (p.166)

Em seguida, entretanto, temos a manutenção do referente por meio dos pronomes oblíquo “lhe” e reto “ele”.

Diante do exemplo (13), podemos notar a diferença existente entre um pronome como “Sua Excelência” e “ele”, já que, em comparação, neste, a argumentatividade é neutralizada, enquanto naquele, é reforçada.

Mas convém enfatizar que o uso do pronome de tratamento “Sua Excelência” é um caso isolado em nosso *corpus*, predominando, como já dito, a pronominalização em “ele”.

Com os exemplos apresentados até esse momento, não tivemos a intenção de destacar características positivas ou negativas atribuídas a Lula, mas apenas abrir espaço para três recursos de grande recorrência no nosso *corpus* usados por Cony: a descrição definida “o presidente da República”/ “o presidente” e o nome próprio “Lula”, empregados para referir-se a Lula, e a pronominalização em “ele” para retomada e manutenção do referente.

3.2. A valorização de Lula nas crônicas de 2004

Para que a construção referencial de Lula se dê sob um aspecto positivo, o autor se vale tanto da atribuição de características positivas – algumas mais freqüentes, como a humildade, a popularidade, o carisma, o caráter de metalúrgico, outras menos, como a boa intenção –, quanto da retirada de atributos negativos.

É isso que pretendemos demonstrar nas próximas seções.

3.2.1. A atribuição de características positivas

Com o propósito de exaltar qualidades do referente Lula, Cony se valeu, mais comumente, da atribuição de algumas características positivas, ligadas social e culturalmente a tal figura política.

Para a exposição das principais imagens otimistas construídas pelo cronista a respeito de Lula, abrimos espaço, primeiramente, para três atributos muito enfatizados no decorrer das crônicas publicadas em 2004: a humildade, a popularidade e o carisma. Tais características estão ligadas, principalmente, à "imagem" que foi criada culturalmente a respeito de Lula, antes mesmo de esse se encontrar na presidência do Brasil, sendo, por isso, resgatadas por Cony. Mas cabe ressaltar que nem sempre esses atributos são apresentados conjuntamente, podendo ora ser destacado um, ora outro.

Observemos alguns exemplos:

> 14. Para tranqüilidade nossa, temos a figura carismática de Lula, que até agora parece estar desempenhando um papel moderador de rainha da Inglaterra, sem cheirar nem feder, mas servindo de âncora para a canoa do governo não virar de todo. É lícito esperar dele uma volta por cima que, pessoalmente, me parece improvável.
> Se perder o carisma que a liderança operária lhe deu, se tiver arranhada a sua credibilidade pessoal, haverá um vazio na vida pública, que ficará mais oca do que está. [grifo nosso] (CPV)

> 15. E foi comovente saber que o próprio Lula, pessoalmente, passou a manhã colocando bandeirinhas de papel fino para enfeitar o arraial promovido na Granja do Torto.
> [...] e fico orgulhoso ao constatar que o poder ainda não estragou de todo o menino de Guaranhuns. [grifo nosso] (AGF)

Em relação ao primeiro fragmento, convém destacar que, apesar de ele conter também aspectos negativos atribuídos a Lula, damos ênfase, nesse momento, apenas à característica de carismático, reforçada, na crônica, por duas expressões nominais definidas: "a figura carismática de Lula" e "o carisma que a liderança operária lhe deu".

Por meio dessas expressões, principalmente pela última, podemos inferir a idéia de que o carisma pertencente a Lula está ligado ao seu passado enquanto operário, o que gera no povo brasileiro uma maior identificação com seu presidente. Ou seja, indiretamente, temos suscitado também o caráter humilde de Lula.

Essa mesma pressuposição pode ser feita em relação ao segundo exemplo, em que a descrição definida "o menino de Guaranhuns" recategoriza o referente Lula, introduzido pela expressão "o presidente da República", presente em: "Implicaram com a festa que o presidente da República armou em Brasília para festejar, ao mesmo tempo, seu aniversário de casamento, o Dia de Santo Antônio e o salário mínimo de 260 reais, motivos de grande júbilo, sem dúvida" [grifo nosso][20].

A respeito da crônica da qual extraímos tal trecho, vale ressaltar brevemente o contexto em que ela foi produzida. Além de sua publicação se dar no mês de junho, no qual se destacam, popularmente, as festas juninas, ela faz referência ao aumento do salário mínimo de 240 reais para 260 reais, o que foi visto pelo presidente, na época, como um aspecto positivo de seu governo, depois dos problemas tidos com o caso Waldomiro.

Esse caso, para contextualizar, ocorreu em fevereiro de 2004 e envolveu um dos principais homens de confiança do ministro José Dirceu. Waldomiro Diniz foi acusado de negociar com bicheiros o favorecimento em concorrências, em troca de propina e contribuições para campanhas eleitorais, o que gerou a maior crise do governo Lula até aquele momento. Sobre o "caso Waldomiro", trataremos em outros exemplos que trazem esse assunto com maior destaque.

[20] A crônica "A grande festa" é toda produzida a partir da ironia em torno da figura presidencial, o que pode ser notado nesse trecho, principalmente, por meio da expressão que coloca como "motivos de grande júbilo" o aniversário de casamento do presidente, o dia de um santo e o salário mínimo de 260 reais. Ironizando tal comemoração, Cony ironiza também o presidente e, indiretamente, sua posição frente ao governo, uma vez que, ao invés de atos mais consistentes em relação ao país, ele se preocupa com a decoração de sua festa junina. Mesmo com toda ironia presente em tal texto, resolvemos apresentar o fragmento de número (15) por considerarmos que ele resgata, com a expressão "o menino de Guaranhuns", a figura de Lula em seu passado humilde.

Após essa exposição breve do contexto da crônica, retomemos a expressão anafórica “o menino de Guaranhuns”, a partir da qual notamos que, embora seu núcleo – o nome “menino” –, isoladamente, pudesse ser considerado genérico, o modificador o especifica por meio da indicação da origem, ou seja, da terra natal desse menino. Assim, ao empregar tal descrição definida, o autor remete a Guaranhuns (PE), a cidade natal do presidente Lula, com o intuito de resgatar seu passado de nordestino e a situação humilde em que vivia. O reconhecimento do objeto-de-discurso Lula em tal expressão é possibilitado pelas relações anafóricas instituídas no texto, o que torna a expressão “o menino de Guaranhuns” eficiente comunicativamente.

Assim, ao fazer alusão ao passado humilde e pobre de Lula, o autor acaba por destacar a sua humildade – proposta pela expressão “o menino de Guaranhuns” –, principalmente por tal menino ser, na atualidade, o presidente da República. Além disso, o cronista ressalta o fato de o governo não ter estragado totalmente o caráter humilde existente no referente Lula, o que, mesmo entre as ironias de Cony a respeito de tal referente, acaba por ser um aspecto positivo dele.

Observemos outro exemplo que nos enfatiza o caráter humilde e popular de Lula:

> 16. Não dá para entender. Poucas vezes na história universal, um homem realmente do povo chega ao poder de forma limpa, insofismável, com o apoio explícito da maioria dos cidadãos e com o respeito obsequioso dos que não votaram nele. [...]
> Dificilmente teríamos na oferta eleitoral um candidato com a biografia de Lula, pau-de-arara, operário de carteirinha, homem dotado de fabulosa intuição e com um conhecimento dos problemas nacionais adquirido de baixo para cima, cumprindo um aprendizado político na própria carne, sem a necessidade de títulos e diplomas. [grifo nosso] (AEA)

Nessa crônica (AEA), Cony sugere[21] a introdução do referente Lula por meio da expressão indefinida "um homem realmente do povo", presente no início da crônica, conforme podemos observar acima. Com tal descrição indefinida, temos ressaltada a origem popular do presidente da República.

Quando o autor introduz a expressão "a biografia de Lula", a relação entre "um homem realmente do povo" e "Lula" fica mais evidente. A partir de então, o autor apresenta atributos do referente Lula por meio de expressões nominais definidas, recategorizando-o.

É importante observar a relevância da escolha lexical efetuada pelo cronista, buscando termos fortemente representativos da figura de Lula, como ocorre com "pau-de-arara", que, embora aparentemente seja um atributo negativo, é usado para intensificar o caráter humilde do referente e, conseqüentemente, torna-se positivo no contexto. A seleção de tal item lexical se deve ao significado original de "pau-de-arara", nome dado ao caminhão sem acomodações que levava migrantes nordestinos para o sul. Por meio do emprego de tal expressão, Cony alude tanto à origem migratória de Lula, como também à figura que trouxe a imagem do nordestino para um local de poder frente ao Brasil.

Já com "operário de carteirinha", a alusão é feita ao cargo de metalúrgico ocupado pelo presidente em seu passado, característica que o fez bastante notável diante da imprensa.

Em seguida, o autor continua a enumeração das características atribuídas a Lula por meio da expressão "homem dotado de fabulosa intuição e com um conhecimento dos problemas nacionais adquirido de baixo para cima", cujo núcleo é o nome-substantivo "homem", que vem seguido por duas expressões que trazem, semanticamente, caráter aditivo por meio dos termos: "dotado de" e "com". Esses termos atribuem a Lula a sensibilidade gerada por sua própria história, o que lhe permitiria maior compreensão das camadas desprivilegiadas.

[21] Escolhemos o verbo "sugerir" devido ao fato de termos uma descrição indefinida, o que, num primeiro momento, poderia não permitir uma identificação imediata do referente em questão.

Com essa seqüência de expressões, temos a recategorização de Lula marcada por atributos característicos de sua origem.

Notemos que esse exemplo é um dos poucos em que os empregos de descrições definidas são mais diferenciados, restando à maioria dos casos, segundo já dissemos, as expressões “o presidente da República” e “Lula”, sofrendo estas poucas alterações.

Ainda na mesma crônica, a valorização do referente se mantém por meio de um exemplo bastante interessante, no qual a retomada referencial de Lula é feita pelo pronome interrogativo “quem”. A referência ao presidente, realizada pelo “quem”, se dá de forma indireta, visto que se trata de um encadeamento de interrogativas às quais podemos responder com “Lula”.

Há também, nesse exemplo, a pronominalização do objeto-de-discurso Lula em “ele” (“Quem conhece a língua do povo melhor do que ele?”).

Os pronomes “quem” e “ele” só podem ser “preenchidos” pelo referente em questão, por meio dos predicados verbais, que trazem as informações adicionais para a construção da imagem do presidente.

Observemos:

> 17. Quem cruzou o Brasil tantas vezes, de alto a baixo, sentindo o cheiro e o aperto de mão de homens marginalizados ao longo de 500 e tantos anos? Quem conhece a língua do povo melhor do que ele? Quem chegou ao poder cercado de tanta e tamanha esperança? (AEA)

Essa recorrência de estrutura sintática, ou seja, a seqüência de interrogativas – que funcionam, no contexto, muito mais como afirmativas sobre o referente – demonstra a intenção do autor do texto em enfatizar a referência de Lula feita, introdutoriamente, como “um homem realmente do povo”.

Vale destacar que as informações acrescidas a Lula estão intimamente ligadas ao povo, o que marca a intenção, por parte do cronista, em ressaltar a humildade e a popularidade do presidente, em contraponto com demais dirigentes de camadas sociais privilegiadas. (“No caso brasileiro, nossos dirigentes sempre saíram de camadas sociais privilegiadas e, nos pouquíssimos casos em que tivemos um presidente nascido na pobreza, como JK e Sarney, ao serem eleitos, já pertenciam de uma forma ou de outra à elite dominante”).

Na primeira interrogativa, é reforçada a proximidade de Lula em relação às pessoas socialmente marginalizadas, uma vez que sua origem é semelhante à delas. Isso é bem marcado pela oração subordinada adverbial de modo, reduzida de gerúndio, “sentindo o cheiro e o aperto de mão de homens marginalizados ao longo dos 500 e tantos anos”.

Embora tenhamos aparentemente uma simples declaração feita sobre o presidente, observamos que essas informações levam à construção de uma imagem positiva do referente em foco dentro desse contexto. O mesmo ocorre com as demais interrogativas, uma dando ênfase ao linguajar de Lula, o qual não utiliza uma linguagem culta, mais próxima da elite, e a outra ressaltando o lado esperançoso do presidente.

Depois da seqüência de orações interrogativas, contribuindo para a transformação do referente, temos mais uma vez a retomada referencial por:

18. <u>Um homem do povo</u> chegou lá. [grifo nosso] (AEA)

Por se tratar de um emprego de descrição indefinida em posição anafórica, demonstramos, com isso, o fato de esse tipo de estratégia de progressão referencial ser empregado não apenas na introdução do referente, mas também em casos de retomada.

Exercendo a mesma função modificadora do referente, com destaque para a característica de humildade e popularidade, temos também as orações presentes no fragmento a seguir:

> 19. Da Silva é um nacionalista convicto, tem o gosto, o gesto e o cheiro do homem comum brasileiro. (AVR)

Para contextualizar esse exemplo, é necessário retomar brevemente o que já foi exposto na seção **2.3. O jogo de instauração de referentes** do Capítulo II.

O referente Lula é introduzido na crônica "Água vem do ribeirão"[22] pela expressão nominal "o presidente Da Silva" – utilizada pelo jornal *New York Times* –, por meio da qual o autor dá ênfase, no texto, ao sobrenome em comum de Lula e Jânio Quadros, uma vez que ambos são postos ora em consonância, ora em dissonância, conforme já explicamos no capítulo anterior.

Retomado isso brevemente, temos no exemplo (19), a transformação do referente Lula por meio da predicação nominal e da verbal.

Pela oração de predicado nominal temos conferida a Lula a característica de "um nacionalista convicto" (sintagma nominal indefinido), sendo essa atribuição feita por meio do verbo de ligação "é", cuja função é relacionar o referente Lula a um predicativo que lhe é posto, levando, desse modo, à transformação referencial.

É importante enfatizarmos, mais uma vez, a relevância do predicado como um todo e não apenas do atributo na modificação do referente no discurso, visto que o fato de termos um verbo no Presente do Indicativo leva à atribuição constante da característica "um nacionalista convicto" ao presidente, como se tal característica fizesse parte de sua essência.

---

[22] Sobre essa crônica, é importante destacar o contexto em que ela foi produzida. Próximo à sua data de publicação, tivemos um caso em que um jornalista do *New York Times*, Larry Rothers, acusou Lula de ter uma suposta preferência por bebidas alcoólicas, o que levou à expulsão do norte-americano do Brasil. Ou seja, o jornalista foi punido por exercer a liberdade de expressão nesse país, direito garantido à população. No entanto, por ter sua integridade pessoal ofendida, o presidente da República acaba por tentar controlar a cultura nacional, a partir da: 1) Criação do Conselho Federal de Jornalismo (para controlar a imprensa); 2) Criação da Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual (ANCINAV), com poder de intervenção sobre os conteúdos das obras beneficiadas por leis de incentivo; 3) Lei Geral dos Meios de Comunicação de Massa. As duas primeiras foram abortadas em função dos protestos indignados da sociedade civil. A terceira ficou na reserva. (SILVA, 2006, p.10)

A respeito das orações de predicado verbal, deparamo-nos com alguns trechos de nosso material de análise que, ao acrescentarem informações sobre o referente, acabam por contribuir para a construção do mesmo. Mas convém sempre ressaltar a importância do contexto, em conjunto com a natureza semântica do verbo, para a atuação da predicação verbal na construção de referentes.

Com os predicados verbais presentes no exemplo acima, o autor, intencionado a apresentar pontos positivos do presidente, dando continuidade à transformação referencial feita a partir de “é um nacionalista convicto”, vincula ao referente Lula os elementos “o gosto, o gesto e o cheiro do homem comum brasileiro” por meio do verbo “ter”.

Por essa relação estabelecida entre os elementos citados e o referente, cremos que este sofre transformações, afinal há acréscimo de informações atributivas, garantindo a Lula características fortemente populares e brasileiras.

Essa atribuição está ligada ao verbo “ter”, cujo significado mais usual é de posse estabelecida entre o referente-sujeito da oração e o complemento, conforme também já expusemos no Capítulo II. Dessa forma, esse verbo, ao instaurar novo(s) referente(s), atribuindo-o(s) ao referente-sujeito da oração, poderá contribuir, dependendo do contexto, para a modificação referencial. Nesse caso também o tempo e o modo verbal são relevantes na construção referencial.

Em síntese, esses são os principais casos em que encontramos fortemente destacadas as características ligadas à humildade, à popularidade e ao carisma de Lula, que perpassam grande parte de nosso *corpus*.

Além desses atributos, encontramos também enfatizado o caráter metalúrgico e/ou sindicalista de Lula que, embora esteja intimamente ligado às características anteriores, resolvemos separar para que tivesse maior destaque.

Já no exemplo (16), apresentamos o emprego de uma descrição definida a partir da qual Cony faz referência justamente à posição de operário ocupada por Lula, sendo tal expressão “operário de carteirinha”. No exemplo (14), essa posição operária também se fez presente no modificador da expressão nominal “o carisma que a liderança operária lhe deu”, demonstrando como o cargo de metalúrgico contribuiu para a imagem de Lula frente aos brasileiros, o que também foi bastante enfatizado pela imprensa nacional e internacional na época de sua posse no governo.

Em outras crônicas, o autor suscita também a imagem de Lula enquanto metalúrgico, como pode ser visto em:

> 20. O próprio Lula construiu toda a sua carreira fazendo do desemprego (problema eminentemente urbano) e da reforma agrária (problema rural equivalente) o ponto de partida de sua atuação como líder operário e político. [grifo nosso] (HDG)

É relevante ressaltar a intenção do cronista em dar maior destaque ao referente com o emprego do modificador “próprio”, visando à ênfase de que ele mesmo tenha construído a sua carreira presidencial, destacando o seu propósito de solucionar a questão do desemprego e da reforma agrária, dois problemas sociais brasileiros.

Entretanto, o que nos é importante, nesse momento, é a recategorização referencial ali presente, a partir do sintagma nominal definido “líder operário e político”, que retoma características bastante marcantes desse referente em foco, voltando-se a cargos por ele ocupados, antes, enquanto metalúrgico, e no momento de publicação da crônica, enquanto presidente.

O mesmo ocorre no exemplo a seguir, em que a descrição definida “o presidente” vem seguida de aposto:

> 21. E o presidente, notável pela voz que ficou rouca de tanto gritar nas fábricas e nas praças públicas, avisa a todos que a reforma agrária não pode ser feita no grito. [grifo nosso] (HDG)

Convém destacar que esse aposto traz aspectos característicos – reconhecidos social e culturalmente – da figura em questão (a voz rouca e sua atuação como sindicalista). Isso é marcado principalmente pelo emprego do adjetivo "notável", que evoca tal conhecimento, dado como de domínio comum.

Além das qualidades enfatizadas até o momento, em nosso *corpus* podemos contar com outros atributos que contribuem positivamente na construção referencial de Lula. Dentre elas, vejamos como as expressões "a probidade", "as boas intenções" e "a garra", ao serem conferidas a Lula, fazem com que, indiretamente, esse referente sofra uma transformação positiva.

> 22. Acredito que ninguém duvida da probidade, das boas intenções e da garra de Lula e de sua principal equipe em realizar um bom governo, com o prometido espetáculo do crescimento, da justiça social, fome reduzida a zero e outras maravilhas curativas para a nação enferma. [grifo nosso] (CDB)

Mas, claro que não podemos relegar, dentro do contexto, a ironia do autor em sugerir apenas os planos de Lula e não os atos. Além disso, vale lembrar que, no texto do qual retiramos tal fragmento, o autor trata da influência negativa que o governo Lula sofreu com o caso Waldomiro Diniz, que acabou por gerar desconfianças a respeito do preparo da equipe de Lula para o governo.

No trecho a seguir, Lula é também construído de forma positiva. A introdução do referente se dá pelo nome próprio "Lula" e sua modificação será efetivada pela comparação presente na seqüência:

> 23. Já lembrei aqui o comentário do Paulo Francis a respeito de um filme brasileiro, considerado na época como a pedra angular do cinema mundial. Encontrou um amigo à saída do Metro Passeio, que lhe pediu a opinião sobre a obra-prima que acabara de ver. Paulo respondeu: 'O filme é uma boa droga, mas o diretor é um gênio'.
> Lula e o governo merecem o mesmo comentário. [grifo nosso] (CPV)

Mencionando também nessa crônica (CPV) o reflexo do escândalo de Waldomiro Diniz sobre o presidente Lula e a sua conseqüente queda de popularidade ocorrida na época, o cronista ainda busca uma construção positiva de Lula. Ou seja, indiretamente o autor atribui a Lula a característica de gênio, separando-o do governo, deixando apenas a este o caráter negativo de "uma boa droga". Com isso, conseguimos inferir a capacidade do cronista em desvencilhar a figura presidencial do seu governo, como se um não interferisse na imagem do outro.

No exemplo (24), embora o autor diga não estar em questão o atributo positivo de "o salvador da pátria" em relação ao referente Lula, este é modificado a partir da predicação verbal "ele representou a esperança nacional".

> 24. Não se trata de considerar Lula o salvador da pátria. Por bem ou por mal, ele representou a esperança nacional numa fase de sucessivos fracassos. [...] [grifo nosso] (CPV)

O verbo-núcleo do predicado leva à transformação por ter, no contexto, o sentido de "ser a imagem de", "desempenhar a função de", o que, conseqüentemente, acarreta a atribuição de "a esperança nacional" ao referente-sujeito da oração, nesse caso, pronominalizado em "ele".

Outro caso de predicado verbal na transformação do referente encontra-se em:

> 25. Que Lula tem boa vontade é evidente. Má vontade têm os que lamentam ou criticam as inúmeras coisas que não funcionaram, como o Fome Zero e a prometida criação de não sei quantos milhões de empregos. [grifo nosso] (PED)

O predicado verbal grifado acima leva à atribuição de um elemento positivo à figura de Lula. No entanto, apesar da "boa vontade" ligada ao presidente num primeiro momento, o cronista dá continuidade ao seu texto com ironia, o que acaba, de certa forma, por denegrir a imagem do referente, havendo, assim, uma mescla de atributos positivos e negativos.

A respeito da ironia, não podemos relegar a sua importância em textos como do gênero em questão, além de que ela é parte integrante do estilo individual de Cony. Nesse trecho, reconhecemos a relevância da ironia para a construção do sentido no texto e, conseqüentemente, para a construção referencial, afinal, com a presença dela – a ironia –, nem toda atribuição de características pode ser considerada realmente como tal.

Uma visão mais otimista de Lula se faz presente no exemplo abaixo:

> 26. [...] Pelo contrário, <u>é boníssima gente, boníssima alma, pai amoroso e marido exemplar, vivido e sofrido em lutas pela liberdade e pela justiça social</u>. [grifo nosso] (LOB)

A valorização referencial, nesse caso, é sustentada pela oração de predicado nominal grifado acima. A partir da oração em destaque, são acrescentadas ao referente Lula características positivas em relação: ao seu caráter, características essas enfatizadas pelo adjetivo no grau superlativo "boníssima" que acompanha os nomes "gente" e "alma"; ao seu lado familiar, pelo emprego das expressões "pai amoroso" e "marido exemplar"; e mais estreitamente ligado à política, por meio dos modificadores presentes em "<u>vivido</u> e <u>sofrido</u> em lutas pela liberdade e pela justiça social". [grifo nosso]

Em síntese, esses são os principais exemplos que encontramos para demonstrar a valorização do objeto-de-discurso em enfoque nessa pesquisa, a partir da atribuição de características positivas.

3.2.2. A retirada de atributos negativos

Um modo mais ameno encontrado por Cony para construir o referente Lula no interior do seu discurso é a negação de atributos negativos, o que, apesar de conduzir-nos a uma visão positiva do presidente da República, leva a uma ênfase bem menor do que as atribuições diretas, como as anteriormente expostas.

Um exemplo bastante interessante é usado por Cony na construção referencial de Lula, na crônica "Lula e o Brasil", que também trata da não ocorrência do espetáculo do crescimento prometido por Lula no início de seu mandato.

Para a introdução do referente temos: "Outro dia me perguntaram o que Lula vai fazer com o Brasil". [grifo nosso]

Com a seqüência textual, reconhecemos o pronome "ele" como anafórico de "Lula", tendo, portanto, uma pronominalização, acompanhada de um sintagma oracional. Observemos:

> 27. Se ele fosse um ditador, deveríamos partir para a clássica mobilização democrática, que custa sangue, suor e lágrimas, e custa tempo, sobretudo, para livrarmos um tirano. Não é o caso. Lula pode ser tudo, menos tirano. Pelo contrário, é boníssima gente, boníssima alma, pai amoroso e marido exemplar, vivido e sofrido em lutas pela liberdade e pela justiça social.
> Se fosse um governante corrupto, mais cedo ou mais tarde a sociedade, como um todo, repetiria o mesmo impedimento que nos livrou recentemente de uma administração federal cercada de escândalos.
> Se fosse incompetente, os 16 meses de seu governo já o teriam desmoralizado de tal forma que o poder de fato estaria sendo exercido por outro homem, um regente, como nos tempos do Império, ou por um colegiado de notáveis, ou mesmo por um gabinete do tipo parlamentarista.
> Acontece que Lula não é ditador, não é corrupto, não é incompetente. [grifo nosso] (LOB)

Depois da pronominalização já indicada, temos a retomada referencial novamente por meio do nome próprio "Lula". Já, na seqüência, o autor se vale da elipse, nos seguintes trechos: "Pelo contrário, [Ø] é boníssima gente [...]"; "Se [Ø] fosse um governante corrupto [...]"; e "Se [Ø] fosse incompetente".

A respeito do exemplo em foco, primeiramente é importante ressaltar a recorrência sintática empregada por Cony, a utilização das orações condicionais: “Se ele fosse um ditador”; “Se fosse um governante corrupto”; e “Se fosse incompetente”.

Sobre as orações condicionais, Neves (2000, p. 832) diz que há três relações instauradas entre a oração condicionante e a oração condicionada, sendo elas:

a) **realização/ fato**;

b) ou **não-realização/ não-fato**;

c) ou **realização eventual/ fato eventual**.

Essas relações são explicadas pela autora da seguinte forma:

> a) dada a realização/ a factualidade da **oração condicionante**, segue-se, necessariamente, a realização/ a factualidade da **oração condicionada**. [...]
> b) dada a não-realização/ a não-factualidade da **oração condicionante**, segue-se, necessariamente, a não-realização/ a não-factualidade da **oração condicionada**. [...]
> c) dada a potencialidade da **oração condicionante**, segue-se a eventualidade da **oração condicionada**.

A partir dos exemplos expostos pela autora, observamos que o tempo verbal usado na oração condicionante é o que delimitará a realização, a não-realização ou a eventualidade da oração condicionada.

No caso do emprego do verbo no Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, como ocorre no exemplo extraído de nosso *corpus* (“fosse”), a relação estabelecida entre as orações é de não-realização/ não-fato, o que leva Neves (2000, p. 840) a classificar orações como essas de “condicionais contrafactuais/ irreais”.

Dessa forma, ao relacionar, por meio das orações condicionais em destaque, a figura de Lula – indicada nas orações, respectivamente, por meio do pronome “ele” e depois pelas

elipses – aos atributos “um ditador” (descrição indefinida), “um governante corrupto” (descrição indefinida) e “incompetente” (modificador – adjetivo), o cronista marca a não-factualidade da correspondência entre tais atributos e o referente.

Isso é confirmado e enfatizado pelo autor com a negação de alguns atributos e afirmação de outros, o que, conseqüentemente, modifica o referente no interior do discurso.

A retirada de atributos em relação a Lula é efetivada por meio das seguintes orações: “Lula pode ser tudo, menos tirano”; e “Lula não é ditador, não é corrupto, não é incompetente”. Na primeira das orações, a subtração do atributo “tirano” se dá a partir do emprego da preposição “menos”. Já na última, a retirada é efetuada pela frase declarativa negativa, na qual se nega a relação entre os atributos “ditador”, “corrupto” e “incompetente” e a figura presidencial. Sendo essas características reconhecidas social e culturalmente como negativas, temos, nesse ponto do texto, a transformação de Lula sob um ponto de vista positivo.

Essa visão otimista sobre o presidente é sustentada pela oração de predicado nominal presente em: “Pelo contrário, é boníssima gente, boníssima alma, pai amoroso e marido exemplar, vivido e sofrido em lutas pela liberdade e pela justiça social”, conforme já expusemos na seção anterior.

Com isso, há novamente a ênfase nos aspectos positivos de Lula. Mas esses, na seqüência, são postos em oposição às suas falhas diante da sua função (“Mas continua patinando, falando muito e nem sempre bem, ainda não desencarnou de sua liderança oposicionista, promete um país que outros governantes não fizeram, promete até mesmo, por um vício de marketing das muitas campanhas eleitorais em que se meteu, um espetáculo de crescimento cada vez mais distante e improvável”).

A negação de atributos negativos também pode ser encontrada na crônica “Aqui e agora”:

> 28. Por que Lula não está dando certo? Na semana passada, comentei que Lula não é incompetente, não é corrupto e tem a melhor das intenções de fazer o melhor governo possível. [grifo nosso] (AEA)

Nesse exemplo, podemos notar o diálogo que o autor mantém entre suas crônicas; afinal, a proximidade temporal existente entre esse gênero e seu interlocutor faz com que este consiga retomar com maior tranqüilidade a remissão que o cronista faz.

No fragmento, o autor retoma a retirada dos atributos "incompetente" e "corrupto" efetuada por ele já na crônica "Lula e o Brasil", conforme apresentamos no exemplo anterior. Dessa forma, delimitando a intertextualidade ("Na semana passada, comentei que [...]"), o autor nega mais uma vez a relação de tais atributos a Lula, por meio de uma oração declarativa negativa, sendo esta de predicado nominal, cujo verbo de ligação em questão é o verbo "ser" no Presente do Indicativo.

Assim, observamos que há a intenção, por parte do autor, de construir o referente Lula, explorando o uso de atributos positivos ou a retirada de atributos negativos. Portanto, além de retirar os atributos negativos, ao dar seqüência à sua argumentação otimista sobre o presidente, o cronista se vale da oração cujo núcleo é o verbo "ter": "e [Lula] tem a melhor das intenções de fazer o melhor governo possível". A utilização de tal verbo, pela sua natureza semântica, estabelece a atribuição de seu complemento ao objeto-de-discurso expresso pelo sujeito da oração, o que nos direciona à construção do referente em questão na crônica.

Com isso, podemos reconhecer a intenção do cronista em reforçar características boas no referente Lula, o que se confirma até mesmo por meio do modificador do complemento verbal atribuído a ele, que é usado no grau superlativo de superioridade, "melhor" ("a melhor das intenções de fazer o melhor governo possível").

3.3. A desvalorização de Lula nas crônicas de 2004

Além das atribuições (in)diretas de características positivas feitas em relação a Lula, Cony também deixa marcas em seus textos de sua criticidade, principalmente porque o caráter crítico é uma das peculiaridades do gênero crônica, em especial da crônica jornalística. Isso é até mesmo corroborado pelo local em que esse texto se encontra no jornal: a página de opinião. Desse modo, não haveria formas de se fazer crônica, principalmente política, sem tratar criticamente das figuras e fatos envolvidos.

Para a construção referencial de Lula, o cronista recorrerá tanto a uma crítica mais "amena" ou mais indireta, quanto a uma crítica mais forte ou direta. Pensando nesses casos, dividiremos a construção negativa do referente Lula em: **3.3.1. A atribuição mais amena de características negativas** e **3.3.2. A atribuição mais áspera de características negativas**.

3.3.1. A atribuição mais amena de características negativas

Para amenizar a criticidade em relação a Lula, sem a eliminar, Cony se serviu, na crônica "Túnel no fim da luz", de um predicado nominal na forma negativa. Em tal crônica, temos a representação do otimismo do presidente Lula diante do seu governo, que ainda não havia passado pela sua primeira crise, envolvendo o ex-assessor do chefe da Casa Civil, Waldomiro Diniz. Vejamos:

> 29. Não me dei ao respeito de tentar um resumo de todos os recentes pronunciamentos do presidente da República no final do ano e no começo deste. Desconfio que ele não foi humilde nem pessimista. Em seus melhores momentos de campanha eleitoral, que foram muitos, ele nunca prometeu tanto a tantos. [grifo nosso] (TFL)

Após a introdução referencial por meio da descrição definida em destaque acima, temos o processo de pronominalização, também bastante ocorrente em nosso *corpus*. A fonte "o presidente da República" é retomada pelo pronome pessoal do caso reto "ele".

Esse emprego pronominal pode ser considerado mais “neutro” em relação à argumentatividade, o que, provavelmente, levou o autor a uma transformação do referente a partir da predicação nominal que segue ao pronome (“não foi humilde nem pessimista”).

Ao acrescentar atributos, ou, na verdade, retirar – afinal a frase é declarativa negativa – através do sintagma oracional grifado acima, reconhecemos transformações sofridas pelo referente, que garantirão, conseqüentemente, a argumentação por parte do cronista.

Na oração em destaque, temos a negação dos atributos “humilde” e “pessimista” em relação à figura de Lula, efetuada por meio do verbo de ligação “foi”. O tempo verbal em que o verbo “ser” é apresentado – Pretérito Perfeito do Indicativo – também tem importância para a construção do referente, uma vez que o autor pretende, por meio dele, indicar a atribuição das características como um fato acabado e pontual, ou seja, o que notamos pelo emprego da oração acima é a retirada dos atributos em um momento específico, o que se confirma pela sentença: “Em seus melhores momentos de campanha eleitoral, que foram muitos, ele nunca prometeu tanto a tantos”.

A partir deste último trecho retirado da crônica, o autor estabelece uma comparação entre “os recentes pronunciamentos do presidente da República no final do ano e começo deste” (o pronome “este” faz referência ao ano de 2004) e “seus melhores momentos de campanha eleitoral”, deixando ao momento correspondente aos pronunciamentos a falta de humildade e pessimismo. Esse fato parece-nos confirmar ainda mais o estado momentâneo de não “humilde” e não “pessimista” do referente, expresso pelo tempo verbal de “foi”.

Com isso, percebemos que o sintagma oracional, além de trazer consigo atributos ao referente, traz também marcas de perfectividade de tais características atribuídas/ retiradas.

Ainda sobre esse exemplo, notemos como a construção referencial de Lula, com o emprego dessa predicação, é realizada de forma amena, diferente do que ocorreria caso o cronista atribuísse ao referente as características de arrogante/ orgulhoso e otimista.

Com a negação de “humilde” e “pessimista”, há uma amenização da imagem construída pelo autor no interior do seu discurso, mesmo que seja destacado, nesse fragmento, o elevado número de promessas presidenciais, o que está culturalmente relacionado ao fato de não serem cumpridas.

Na crônica “A degola dos inocentes”, publicada no dia 06 de janeiro de 2004, ou seja, Dia dos Reis Magos, o autor traz-nos a história do nascimento de Jesus por meio de seu texto, fazendo, após a apresentação desse fato, uma ponte entre a história bíblica e a vida política do período em que seu texto está inserido.

Esse texto nos traz, por meio do jogo de instauração de referentes, a construção do referente Lula, já que podemos correlacionar os referentes apresentados na crônica, ligados à data cristã, o Dia dos Reis Magos, ao presidente da República, que será introduzido apenas depois da contextualização dessa data.

Sobre o jogo de instauração de referentes, convém retomá-lo brevemente. Esse recurso empregado por Cony em suas crônicas, conforme foi explicitado no Capítulo II, coloca em relação de semelhança ou dessemelhança diferentes referentes, de modo que os atributos de um dos referentes acabam por ser conferidos a ou retirados de outro referente, modificando-o. A associação dos referentes, sugerida pelo autor, é restabelecida pelos leitores da crônica. Ou seja, a atribuição de características ao referente não é dada de forma direta, mas sim indireta.

Vejamos o exemplo:

> 30. Hoje é Dia dos Reis Magos. Discute-se há séculos se eram realmente reis e magicamente magos. O fato é que viram uma estrela no Oriente e foram “cum muneribus”, isto é, com presentes, adorar um menino que nascera numa manjedoura em Belém.
> Apesar da estrela que os guiava, perguntaram onde ficava a tal manjedoura, pois queriam adorar um rei que acabara de nascer. E aí um outro rei, que nem era mago, mandou matar todas as criancinhas para não ter nenhum sucessor. Séculos depois, Rubens e outros pintores fizeram quadros alusivos ao episódio, que passou à história como a “matança dos inocentes”. Mães descabeladas tentando salvar os filhos que iam ser degolados pelos esbirros de Herodes.

> À primeira vista, tudo pode ser atribuído a tempos antigos, quando o poder era disputado na base da porrada. A humanidade civilizou-se, mas não tanto. É comum um rei fazer de tudo para não perder o seu reinado. E, mesmo nas democracias, há sempre aquele momento em que um presidente pensa não em degolar inocentes, mas possíveis sucessores, inocentes ou não.
> Fala-se na reeleição do atual presidente. Armam-se esquemas táticos, de marketing e de finanças, para garantir mais um mandato para Lula. Governadores de dois Estados, Alckmin e Aécio, de São Paulo e de Minas, respectivamente, com certa boa vontade podem ser considerados jovens, mas já estão crescidinhos e não chegam a ser inocentes de todo. Para chegarem lá, devem ter feito das suas. [grifo nosso] (ADI)

Nesse texto, o cronista introduz alguns referentes por meio de descrição indefinida. Entre eles, conseguimos identificar, por meio da expressão nominal "um menino que nascera numa manjedoura em Belém", o menino Jesus, principalmente porque tal expressão suscita uma imagem estereotipada. Esse referente, assim categorizado, é logo recategorizado também por uma descrição indefinida "um rei que acabara de nascer", a partir da qual o menino é posto como rei.

Logo em seguida, temos também a categorização de um novo referente, "Um outro rei" (descrição indefinida), que, antes mesmo da sua retomada através de seu nome próprio ("Herodes"), poderia já ser inferido pelo interlocutor, caso esse tivesse conhecimento sobre tal história religiosa.

Sendo exposta a história, na qual Herodes manda matar todas as criancinhas para que não tivesse um sucessor e mantivesse o seu reinado, o cronista faz uma ligação entre esses tempos – que ele mesmo denomina "tempos antigos" – e os tempos modernos, além de relacionar também diferentes formas de governo, a monarquia e a democracia.

Com essa aproximação entre os tempos e, conseqüentemente, entre os atos, há também a aproximação de características de diferentes objetos-de-discurso apresentados na crônica. No segmento "[...] E, mesmo nas democracias, há sempre aquele momento em que um presidente pensa não em degolar inocentes, mas em degolar possíveis sucessores, inocentes ou não", o autor leva seu interlocutor a ativar associações entre Herodes e Lula, quanto ao

objetivo de eliminarem sucessores e manterem-se no poder. A identificação do referente Lula é dada na seqüência, pelas orações “Fala-se na reeleição do atual presidente” e “[...] para garantir mais um mandato para Lula”.

Assim, ao referir-se a Lula, Cony deixa também, por meio do modificador (“atual”) do sintagma nominal, a marca temporal que melhor garantirá a identificação referencial. Com o uso da descrição definida “o atual presidente”, o cronista evita que haja dúvida, na época em que se encontra tal texto, de quem é o presidente a que ele faz referência.

Além disso, há na seqüência textual, a retomada do referente “o atual presidente” pelo emprego do nome próprio “Lula”, expressão, como já dito, bastante freqüente em nosso corpus, tanto na introdução como em casos anafóricos. Diante de tal nome próprio, convém ressaltar mais uma vez que, mesmo diferenciando-se da descrição definida, no contexto, ele vem associado já ao atributo de presidente da República.

Para atribuir, mesmo que indiretamente, características negativas a tal referente, o autor se vale do jogo de instauração de referentes.

Mas, observemos como que a aproximação entre Lula e Herodes, figura esta conhecida culturalmente como maldosa, é mais uma vez apaziguada pela oposição dos sucessores. Os sucessores de Herodes são postos como “criancinhas” e “inocentes”, enquanto aos de Lula é retirada a inocência, o que se corrobora pelo predicado verbal que os modifica “Para chegarem lá, devem ter feito das suas”.

Ou seja, o cronista, ao atribuir o caráter de esperteza ou, até mesmo, de safadeza aos sucessores de Lula, alivia a maldade deste referente em desejar eliminar os seus sucessores. Com isso, mesmo diante da crítica, há uma amenização da imagem referencial de Lula no contexto da crônica.

Entretanto, a construção do referente Lula não se encerra, mas há nova modificação por meio da predicação verbal presente no seguinte fragmento:

> 31. Por sua vez, apesar de sua origem humilde, Lula tem agora alguma coisa de rei e mago, porque está sempre prometendo um grande espetáculo que vai requerer, além de magia, bastante mandinga. [grifo nosso] (ADI)

Novamente, temos a retomada referencial feita pelo nome próprio “Lula”, seguido da predicação verbal que levará à transformação referencial. Por meio do predicado verbal “tem agora alguma coisa de rei e de mago”, o autor, sem negar a origem humilde do presidente (“apesar de sua origem humilde”), atribui a esse referente características de riqueza, poder e de magia, enfatizando esta última na seqüência da crônica: “Mais para mago do que para rei, porque está sempre prometendo um grande espetáculo que vai requerer, além de magia, bastante mandinga”. Com isso, o autor faz ironicamente uma crítica às promessas presidenciais e à dificuldade de essas serem cumpridas.

A seguir, temos um outro exemplo, presente na crônica “A canoa pode virar”, do qual já tratamos nesse mesmo capítulo, com um enfoque diferente:

> 32. Para tranqüilidade nossa, temos a figura carismática de Lula, que até agora parece estar desempenhando um papel moderador de rainha da Inglaterra, sem cheirar nem feder, mas servindo de âncora para a canoa do governo não virar de todo. [grifo nosso] (CPV)

Seguindo à descrição definida “a figura carismática de Lula”, temos a oração relativa “que até agora parece estar desempenhando um papel moderador de rainha da Inglaterra, sem cheirar nem feder”, que faz alusão à falta de ação do presidente, esta tomada como um ponto negativo dele. No entanto, o autor compensa isso com o fato de se ter no presidente uma figura carismática e este servir “de âncora para a canoa do governo não virar de todo”. Ou seja, temos aqui confirmada a visão otimista em relação a Lula em contraponto à pessimista em relação ao governo, conforme já posto no exemplo (24).

3.3.2. A atribuição mais áspera de características negativas

Para efetuar uma crítica mais severa em relação a Lula, Cony deu ênfase a alguns atributos negativos, sendo uns mais freqüentes nas crônicas, outros menos.

Embora nas crônicas constituintes de nosso *corpus* não encontremos ataques ferrenhos dirigidos diretamente a Lula, Cony encontra sempre maneiras distintas de realizar a crítica ao presidente da República. Dentre essas maneiras, poderíamos citar a forte presença da ironia e, principalmente, da estratégia que denominamos "jogo de instauração de referentes".

Vejamos como essa estratégia é empregada na crônica "O ministro-monstro", cujo destaque recai sobre a importância do chefe da Casa Civil da época, José Dirceu, para o governo de Lula. Vale ressaltar que essa crônica foi publicada em janeiro, antes mesmo do primeiro escândalo gerado pelo assessor de José Dirceu.

O segmento abaixo constitui a introdução da crônica e, conseqüentemente, traz a introdução do referente. Portanto, temos como função da expressão nominal em destaque a categorização do referente Lula pelo seu estatuto sócio-institucional, como já mencionamos ser bastante ocorrente.

> 33. Foram necessários 12 meses e alguns dias para que o presidente da República descobrisse o que está faltando em seu governo: um ministro que fosse ministro dos demais, um núcleo de poder e de ação que fizesse a máquina funcionar, um super-ministro enfim. [grifo nosso] (OMM)

Nesse texto, o cronista ressalta a falta de ação do presidente da República frente ao governo, destacando a contradição entre o cargo presidencial e a falta de ação e poder. Para isso, ele introduz o referente Lula por meio da descrição definida "o presidente da República" e instala um novo referente "um ministro que fosse ministro dos demais", seguido de duas expressões especificadoras deste, "um núcleo de poder e de ação que fizesse a máquina funcionar" e "um super-ministro".

A partir desse jogo de instauração de referentes, compreendemos que a falta de um núcleo de poder ou de um ministro que exerça tal função leva, indiretamente, ao entendimento de que esse núcleo de poder não pode ser atribuído a Lula. Em outras palavras, mesmo Lula ocupando o cargo de maior poder no Brasil, ele não exerce efetivamente a sua função da forma como deveria. Desse modo, indiretamente, temos a retirada do atributo "núcleo de poder" do referente Lula.

O mesmo se reforça na continuidade da crônica, como vemos abaixo, no exemplo que mostra como outros integrantes do governo, hierarquicamente inferiores a Lula, tomam o controle na política.

> 34. Na prática, alguns titulares de pastas importantes, como a da Casa Civil e a da Fazenda, já funcionam como ministros especiais e detêm o controle da cúpula burocrática e financeira do governo. E o presidente, onde é que fica? Na Líbia, estreitando relações comerciais com Gaddafi? Na Festa da Uva, coroando a rainha da colheita e recebendo um boné alusivo à cerimônia? Soltando fogos de artifício no jardim do Alvorada, saudando o Ano Novo que trará o espetáculo do crescimento para todos nós? Muito simpático, mas efêmero como um busca-pé de festa junina. [grifo nosso] (OMM)

Assim, sob o nosso ponto de vista, temos a construção referencial de Lula, já que, a partir do acréscimo informacional realizado, podemos notar algumas transformações neste referente. Ao ser apresentado como "o presidente da República", pressupomos que este tenha o poder e o exerça, afinal essa é a função de seu cargo. No entanto, com a atribuição do "núcleo de poder" a outros referentes – "alguns titulares de pastas importantes, como o da Casa Civil e da Fazenda" – temos reforçada a retirada desse mesmo atributo de Lula.

Ainda, na seqüência textual, o cronista retoma o referente sob a forma da descrição definida "o presidente". Depois de retomá-lo, o autor encadeia algumas das ações de Lula, trazendo, em seguida, a atribuição irônica de "muito simpático" e "efêmero como um busca-pé de festa junina", cuja relação é estabelecida por meio da elipse do verbo "ser". Com esse

texto, já podemos notar que há um aumento dos aspectos negativos, sem mesclá-los com outros positivos.

Em outra crônica, “Cara e coragem”, o autor mantém essa mesma visão a respeito da falta de ação de Lula, contrapondo-o a José Dirceu, conforme podemos perceber em:

> 35. [...] Ministros e ex-ministros e interessados nisso e naquilo reclamam que o chefe da Casa Civil é quem está realmente mandando. Ora, pois, qual a novidade nisso?
> Sempre que um presidente não está preparado para o ofício de governar, que despreza a papelada burocrática e os fuxicos da engrenagem política, o chefe da Casa Civil ocupa o espaço vazio. Despacha o expediente, faz o dever de casa. Foi assim com o marechal Dutra, que teve no professor Pereira Lira o seu *fac totum*, foi assim com Leitão de Abreu, Juvenal Portela e Golbery, que mandaram e desmandaram no vácuo deixado por presidentes sem apetite, como no caso de Figueiredo, que gostava mais de seus cavalos do que do povo.
> Quando o presidente se encarna no poder, como Vargas, JK, Jânio, Collor e FHC, a figura do seu principal subalterno fica em segundo plano. Tanto Vargas como JK tiveram vários chefes da Casa Civil, mas nenhum deles mandava, eram contínuos de luxo. [grifo nosso] (CEC)

Nesse caso, temos a introdução de alguns referentes que, posteriormente, servirão para que o leitor relacione as características comuns e incomuns entre esses e Lula.

Com a declaração primeira de que, no governo, quem efetivamente está mandando é o chefe da Casa Civil, o autor insinua que Lula não o está fazendo, ou seja, atribuindo uma atitude ao chefe da Casa Civil, essa é subtraída do presidente da República, assim como foi feito em relação ao exemplo anterior.

Essa idéia sugerida pelo cronista é confirmada pelas suas declarações seguintes, sendo que estas colocam o referente Lula ora em consonância, ora em dissonância com os outros referentes.

Ao dizer que não há novidade no fato de o chefe da Casa Civil mandar no governo e acrescentar que isso ocorre quando o presidente não está preparado para tal função, indiretamente, o escritor atribui a Lula a característica de despreparado para o governo.

Para exemplificar casos comuns a esse, o cronista cita os referentes “o marechal Dutra, que teve no professor Pereira Lima o seu *fac totum*”; “Leitão de Abreu, Juvenal Portela e Golbery, que mandaram e desmandaram no vácuo deixado por presidentes sem apetite” e “Figueiredo”, distribuindo-os entre o vazio e o poder. Para uma ilustração mais didática, observemos:

VAZIO	**PODER**
(Presidentes despreparados para o governo)	(ministros que ocuparam o vazio deixado pelos presidentes)
Lula	Zé Dirceu
o marechal Dutra	o professor Pereira Lira ("fac totum")
presidentes sem apetite	Leitão de Abreu
_____	Juvenal Portela
_____	Golbery
Figueiredo	_____

Nesse ponto da crônica, o cronista indica as semelhanças entre Lula e demais presidentes que deixaram aos seus ministros as efetivas ações de seu mandato. No entanto, em seguida, ele instala novos referentes que serão contrapostos aos anteriores, sendo eles “Vargas”, “JK”, “Jânio”, “Collor” e “FHC”, cujos chefes da Casa Civil foram apresentados como “contínuos de luxo”.

Assim, a construção do referente Lula é promovida por duas vias: a primeira, pelas características, expostas anteriormente, na sua aproximação com os que se isentaram do exercício do governo; e a segunda, pela adição das características trazidas pela oposição entre ele e demais presidentes que assumiram efetivamente a sua função presidencial.

Mas é relevante destacar que a introdução do referente Lula só se dá depois do fragmento analisado acima, o que demonstra a ação associativa sugerida pelo autor e restabelecida pelo leitor, nesse trecho. O referente Lula é apresentado por meio da expressão

nominal, formada pelo seu nome próprio. No entanto, anteriormente, conforme pode ser visto acima, o autor já, através de expressões genéricas como “um presidente”, “presidentes sem apetite” e “o presidente”, seguidas de suas correspondentes declarações, dá indícios do modo como Lula tem sido visto pela sociedade.

Assim, ao ser introduzido, o referente Lula já passa a ser tomado a partir das informações precedentes e das inferências dos leitores a seu respeito. As informações diretamente apresentadas sobre ele, postas sob a forma de orações de predicado verbal, cujos núcleos são verbos no Presente do Indicativo, marcam um estado atual do presidente, o que, a nosso ver, contribui na construção do referente, modificando-o. Observemos:

> 36. Lula adora o poder, mas detesta a política, sua frio quando tem de nomear alguém e sua mais frio ainda quando tem de demitir. Ama o poder, mas não se considera poderoso[23], prefere os penduricalhos do cargo, ver os elefantes na Índia e declarar as obviedades que não cheiram nem fedem. [grifo nosso] (CEC)

As orações acima reforçam o gosto de Lula por aquilo que há de “inútil” no governo (“prefere os penduricalhos do cargo, ver os elefantes na Índia e declarar as obviedades que não cheiram nem fedem”), o que o cronista demonstra também por meio da oposição marcada pelos verbos “adorar” e “detestar”. Notemos como a própria conjunção que liga as orações constituídas por esses verbos é adversativa, colocando, assim, em oposição também os complementos verbais, “poder” e “política”. E, sendo, geralmente, a política e o poder associados quando se trata de governo, essa contraposição (poder *versus* política) leva à inferência de que Lula tenha uma visão deturpada de suas funções.

[23] O predicado “não se considera poderoso” é classificado, segundo a tradição gramatical, como predicado verbo-nominal, por ter como núcleo, ao mesmo tempo, um verbo e um nome. Sendo esse nome um predicativo – do sujeito ou do objeto –, assim como ocorre com a predicação nominal, ele, em conjunto ao verbo, atua sobre o referente, transformando-o. Ou seja, a predicação verbo-nominal também pode agir, em conjunto com o contexto, para a construção referencial. No entanto, convém destacar que não abrimos uma seção sobre ela devido à sua escassa ocorrência em nosso *corpus*.

A preferência pelos atos mais simples e fáceis e a dificuldade em realmente atuar, exercer o papel de presidente (“sua frio quando tem de nomear alguém e sua mais frio ainda quando tem de demitir”) faz com que se crie uma má impressão sobre o referente em foco. Diante disso, o autor, apesar de reforçar o gosto do presidente pelo poder (“Adora o poder” e “Ama o poder”), reitera a falta de ação por parte do mesmo no exercício de suas funções, de modo que a devida relevância de seu cargo é anulada. Isso se confirma pelo fato de que Lula, mesmo ocupando o cargo de maior poder do Brasil, não se considera poderoso.

Portanto, inserido no contexto da crônica, o trecho acima constrói o referente Lula, marcando-o pela sua falta de ação diante do governo.

No exemplo de número (37), pertencente ao mesmo texto em análise no momento, o jogo de instauração de referentes novamente levará à confirmação dos atributos até então relacionados a Lula – aqueles relativos à falta de ação e poder. O jogo será estabelecido entre o presidente e o ministro José Dirceu.

> 37. Dirceu é um animal político. Errando ou acertando, tem um projeto na cabeça, projeto antigo por sinal, pagou um preço por ele. Não tem o carisma de Lula, porém tem mais substância. O atual governo, no que fez de bom ou de mau até agora, tem a sua cara. Falta-lhe ainda coragem para realizar o que sempre sonhou. [grifo nosso] (CEC)

Numa comparação indireta entre Lula e Zé Dirceu, ao dizer que este “tem um projeto na cabeça”, o cronista sugere ao leitor que aquele não o tem, o que faz com que Lula seja visto negativamente. Desse modo, podemos notar que, por apresentar informações sobre um referente, o outro conseqüentemente é modificado. Outras oposições também podem ser inferidas, como as que organizamos no seguinte esquema:

LULA	DIRCEU
Tem carisma	Não tem carisma
Menos substância	Mais substância

Observemos como, nessa crônica, o que temos de positivo atribuído a Lula é apenas o carisma, enquanto a José Dirceu ficam o "projeto" e a "substância", elementos que, na atuação política, são considerados mais importantes.

Pelas duas últimas crônicas, percebemos que o aumento da visão negativa em relação a Lula está associado à imagem de José Dirceu, uma vez que é ele quem efetivamente age no governo.

Outro ponto que leva à crítica em relação ao presidente da República é a falta de compromisso com suas próprias palavras e promessas, assunto já presente em exemplos anteriores. Vejamos como esse assunto é tratado em "FHC, Lula e Vespasiano"[24].

No exemplo selecionado abaixo, temos a apresentação de Lula a partir do emprego do seu nome próprio. Nesse caso, o cronista se vale de uma comparação entre o presidente atual e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, sendo este introduzido no texto pela sigla de seu nome, como ficou conhecido, "FHC" ("Parece que FHC inaugurou um novo tipo de comunidade ideológica e política. Ao assumir o governo, recomendou que dele esperassem o contrário do que sempre prometera ao eleitorado. Mas justiça seja feita ao professor: ele dividiu sua biografia em antes e durante o poder. A ruptura entre o que escrevera e dissera fora causada pelo próprio poder".)

Observemos:

[24] Essa crônica traz como assunto a incoerência de Lula em relação às suas promessas feitas durante seu primeiro mandato, uma vez que ele mesmo negava o que havia prometido. Além disso, o cronista ironiza a comparação feita pelo presidente entre o bingo e a prostituição infantil (Cf. exemplo (40)). Tal texto foi publicado pouco tempo após a proibição, por parte de Lula, do funcionamento das casas de bingo no país, ocorrida em fevereiro de 2004.

> 38. Lula está levando adiante a mania, com um acréscimo precioso. Enquanto FHC negava o que afirmara antes de assumir o governo, Lula é mais completo, pois não apenas nega o que prometera antes de ser presidente, mas nega até mesmo aquilo que pensou e disse, já investido no cargo, senhor da chuva e do vento. [grifo nosso] (FLV)

A primeira atribuição de uma característica a Lula é feita pela oração de predicado nominal "Lula é mais completo", numa comparação entre ele e FHC. Entretanto, para explicar a sua atribuição de "mais completo" ao presidente, o cronista se serve de orações de predicado verbal, com o intuito de se referir à falta de palavra e à própria contradição de Lula, reforçando, assim, características negativas neste.

Para corroborar o caráter negativo atribuído a Lula, o autor dá exemplo de uma gafe realizada pelo presidente ao comparar o bingo à prostituição infantil, demonstrando a falta de coerência atribuída a tal referente:

> 39. Agora mesmo, numa de suas frases mais infelizes, ele comparou o bingo à prostituição infantil. Colocou num mesmo saco um dos mais sombrios escaninhos da sociedade (a prostituição de crianças) ao lado de uma modalidade de jogo que, disciplinada e operada honestamente, fica no mesmo plano das corridas de jóquei e das loterias exploradas pelo próprio Estado.
> Não faz muito, ele defendia os bingos, que em tese podem gerar receitas, aumentando as burras oficiais. Chegou mesmo a sugerir (não se sabe a quem, talvez a ele mesmo) que o dinheiro dos impostos vindos do jogo deveria ser aplicado nisso ou naquilo, não me lembro se no Fome Zero, na construção de presídios ou na pavimentação de estrada. Não importa. [grifo nosso] (FLV)

Além da incoerência de Lula marcada pelo fragmento acima, é importante destacar a associação ali presente. Essa associação é gerada a partir da âncora "Lula" retomada pelo pronome "ele", que leva à introdução de um novo referente, o qual se pressupõe fazer parte do conhecimento partilhado dos interlocutores desse texto, "o Fome Zero" (descrição definida).

O processo associativo baseia-se na pressuposição, por parte do autor, de que o "Fome Zero" – projeto assistencialista criado pelo presidente no seu primeiro mandato com o

objetivo de reduzir a fome no país – faça parte do conhecimento de mundo de seu leitor, visto que tal projeto, na época, era bastante tratado nos discursos presidenciais e na imprensa.

No contexto da crônica, o referente “o Fome Zero” é posto como uma das promessas presidenciais, entre elas: “a construção de presídios” e “a pavimentação de estradas”.

As promessas presidenciais ainda estão presentes na crônica “Ouvindo vozes”, por meio da qual Cony se serve novamente do jogo de instauração de referentes. Cabe dar destaque à freqüência do emprego desse recurso nas crônicas do autor.

Esse texto tem como introdução a seguinte frase: “Em tempos de crise, costuma-se ouvir vozes”. A partir de então, o cronista inicia um jogo de instauração de diversos referentes, sendo eles pertencentes a diferentes grupos: político, religioso, literário, histórico. Cada um desses referentes é ligado a uma determinada voz ouvida por ele: “o general Mourão Filho” e “a voz de Nossa Senhora Aparecida”; “Carlos Lacerda” e “uma voz que exigia providências para as instituições”; “Moisés” e “os mandamentos que nos guiam”; “Maomé” e “o arcanjo Gabriel, que lhe teria ditado pedaços do alcorão”; “Joana D’Arc” e “vozes pedindo que salvasse a França católica dos protestantes ingleses”; “Olavo Bilac” e “ouviu estrelas”; “o bardo Drummond de Andrade” e “um anjo dizer: ‘Vai Carlos, ser gauche na vida’”; e, por fim, instaura um outro referente – uma figura comum diante dos demais: “um primo que ouviu vozes”.

Depois do elenco de referentes, o cronista se instala na crônica, referindo-se à “voz de prisão” que diz já ter ouvido. Essa voz de prisão está relacionada à época da ditadura, na qual Cony sofreu as conseqüências de um momento em que a liberdade de expressão não era garantida. Além da “voz de prisão”, o autor termina seu texto com a seguinte frase: “E ouço Lula prometer maravilhas todos os dias”.

A partir da enumeração de vozes ouvidas, é interessante notar a natureza delas, pois essas vozes são postas de tal forma que podemos inferi-las como sobrenaturais, além de que

não devemos deixar de lado a relação entre vozes e crise já estabelecida na sentença introdutória da crônica.

Dessa maneira, com a frase final (“E ouço Lula prometer maravilhas todos os dias”), podemos observar, por associação entre os referentes instalados no texto, que Lula está interligado a características sobrenaturais devido às promessas de maravilhas em seu governo que, como postas no discurso, possivelmente não serão concretizadas. Além disso, há a correlação entre a voz de Lula, subentendida no texto, e o momento de crise que leva o cronista a também ouvir vozes, no caso, a do presidente.

Outro ponto negativo de Lula é introduzido pelo seguinte exemplo:

> 40. O principal jornal dos Estados Unidos garante que Da Silva tem tido problemas e que vem apelando para “bebidas fortes”, aquelas que são destiladas em alambiques de boa procedência e que não podem ser confundidas com a água que todos bebemos. (AVR)

Com esse fragmento, o autor marca o envolvimento de Lula com bebidas alcoólicas, o que se tornou motivo de vários comentários na imprensa, inclusive, como notamos pelo exemplo, na imprensa internacional. Sobre o contexto de publicação dessa crônica, já tratamos dele na nota de número 22, visto que o exemplo (19) foi retirado do mesmo texto.

Embora o cronista atribua os comentários ao jornal *New York Times*, ele acrescenta também pontos de vista próprios que nos demonstram a sua crítica em relação ao presidente. Notemos:

> 41. O “NYT” cita Leonel Brizola, companheiro de antigas jornadas de Da Silva. Com a rudeza típica de um gaúcho, que prefere chimarrão a bebidas destiladas ou não, o ex-governador do Rio teme que os neurônios de Da Silva comecem a ficar arruinados, o que no fundo é um elogio ao presidente, que é freqüentemente acusado de não ter neurônio algum para ser arruinado. [grifo nosso] (AVR)

Percebamos como, após se valer da expressão “Da Silva”, o autor retoma o referente Lula pela descrição definida “o presidente”, acompanhada pela oração relativa “que é freqüentemente acusado de não ter neurônio algum para ser arruinado”. Com isso, o autor remete à imagem criada socialmente sobre a falta de escolaridade e, até mesmo, de inteligência por parte do presidente da República, enfatizando, assim, uma visão negativa de Lula, já que está relacionado a bebidas alcoólicas e à falta de neurônios.

Já na crônica “A hora do grito”[25], a ênfase dada é ao estado de desorientação de Lula. Observemos:

> 42. Pressionado pelos últimos acontecimentos, sobretudo pelo escândalo Waldomiro, que lhe tirou pontos no índice de popularidade, o presidente da República, que já não sabia bem o que fazer para governar, parece totalmente desorientado diante dos reclames da sociedade, seja no que diz respeito ao desemprego, seja na questão agrária. [grifo nosso] (AHG)

Nesse trecho, o autor traz, antes mesmo da descrição definida “o presidente da República”, o emprego do pronome “lhe”, ou seja, o pronome se encontra em posição catafórica em relação ao referente.

Depois da categorização do referente, temos a sua transformação por meio da atribuição do estado de desorientação, posto pela expressão “totalmente desorientado diante dos reclames da sociedade”. Esse atributo é relacionado ao presidente da República pelo verbo de ligação “parece”, que é empregado pelo produtor do discurso com o intuito de apontar a impressão gerada a ele sobre a imagem de Lula. Isso se deve ao fato de termos como significados do verbo “parecer”, segundo o dicionário Aurélio: “ter aparência de”, “ser provável”, “ser da opinião”. É, portanto, imprimindo suas próprias sensações, que o cronista

[25] Publicada no mês seguinte ao primeiro escândalo do governo Lula, o caso Waldomiro Diniz, a crônica resgata a influência negativa gerada pelo caso de corrupção no PT a Lula, que teve perda de popularidade. Além disso, a crônica traz como assunto a reforma agrária, uma das promessas de Lula feita antes mesmo de entrar para o governo.

busca modificar o referente Lula e atribuir-lhe o predicativo do sujeito presente em tal predicação.

3.4. A intensificação de atributos negativos nas crônicas de 2005

Embora tenhamos, nessa seção, um número mais reduzido de crônicas, os recursos utilizados por Cony na construção referencial de Lula são de grande relevância para nossa pesquisa, tanto por serem esses recursos diferenciados em relação aos casos mais comuns de estratégias de progressão referencial, como por demonstrarem a intensificação de uma imagem de Lula desvalorizada nas crônicas de 2005.

Cremos que tal intensificação esteja ligada à influência do contexto social e político da época, uma vez que o gênero crônica está calcado nos fatos do cotidiano. Conforme já mencionamos brevemente na introdução do presente trabalho, o ano de 2005, para o governo Lula, foi marcado basicamente pelo escândalo do mensalão[26], no qual o pagamento de uma "mesada" era realizado a deputados em troca de apoio ao Congresso, além da formação de caixa 2 para campanhas eleitorais. Nesses casos, o ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, antes apresentado como "núcleo de poder e de ação", passa a ser acusado de ser o principal comandante desse esquema de corrupção.

Lula, diante de tais fatos, declarava ter sido vítima de traição, o que gerou dúvidas entre os brasileiros, visto que, como podemos notar até mesmo nas crônicas de Cony, José Dirceu era funcionário de confiança do presidente. Com isso, Lula também teve sua imagem denegrida, decepcionando, assim, o povo brasileiro. Em conseqüência dos fatos, tivemos o

[26] A respeito do escândalo do mensalão, ele surgiu, na época, como um efeito cascata, conforme nos diz Silva (2006, p.11). O início dos escândalos se deu com a revelação do conteúdo de uma fita em que Maurício Marinho, chefe de um departamento nos Correios, é filmado pedindo propina a empresários em nome do deputado Roberto Jefferson, presidente do PTB e importante aliado do governo. Em conseqüência, o deputado resolve denunciar o "mensalão", que levará ao aparecimento de muitos envolvidos, entre eles José Dirceu, Marcos Valério, Delúbio Soares e Duda Mendonça. Com isso, muitas figuras importantes acabaram por perder seus cargos.

resgate de um componente sempre arraigado no imaginário popular, o qual considera que "político é tudo igual", que todo político é corrupto.

Assim, acreditamos que a representação de Lula por Cony sofra transformações nas crônicas referentes a esse ano. No entanto, é importante reforçar que, apesar da influência do contexto sócio-político na produção das crônicas, não pretendemos jamais tomar os referentes como reflexo do mundo extralingüístico. Ao contrário, mantemos a perspectiva de que a construção do referente, enquanto um constructo sócio-cultural, é dada no discurso, em situação de interação.

A primeira das crônicas referentes ao ano de 2005 traz a negação de muitas características atribuídas a Lula nas crônicas iniciais – de 2004 –, o que marca uma transformação da imagem tida anteriormente sobre o presidente da República para a imagem representada nessas crônicas. Nessas, o autor enfatiza a decepção provocada por Lula em muitos brasileiros.

Vejamos o seguinte fragmento:

> 43. Não tendo votado em Lula nas últimas eleições (não votei em nenhum dos candidatos), critiquei aqueles que o julgavam despreparado para a presidência da República. A origem humilde, a falta de escolaridade e os erros gramaticais seriam irrelevantes diante da honestidade pessoal, da intimidade com os abrolhos da vida de operário e líder sindical, fundador de um partido, apoiado por intelectuais e universidades como a USP, por segmentos da Igreja e do empresariado mais progressista, pela quase unanimidade da classe artística. [grifo nosso] (OPN)

Nele, o autor introduz o referente por meio do nome próprio "Lula". Em seguida, o referente Lula sofre a pronominalização, passando ao estatuto de pronome pessoal do caso oblíquo "o", sendo, na seqüência, modificado pelo atributo "despreparado para a presidência da República", característica essa já presente em crônicas de 2004, como destacamos.

Essa atribuição é efetuada por meio de um predicado verbo-nominal, no qual temos, como núcleos, o verbo “julgar” e o predicativo do objeto “despreparado para a presidência da República”, que é relacionado a Lula a partir do pronome “o”, anafórico de “Lula”.

Depois, o cronista retoma algumas atribuições já feitas por ele em relação ao presidente em crônicas anteriores. Essa retomada se dá por meio das expressões nominais: “a origem humilde”, “a falta de escolaridade”, “os erros gramaticais”, “a honestidade pessoal”, “a intimidade com os abrolhos da vida de operário e líder sindical”. Além disso, Cony ressalta o apoio recebido por Lula de camadas relevantes da sociedade brasileira, a partir da expressão: “fundador de um partido, apoiado por intelectuais e universidades como a USP, por segmentos da Igreja e do empresariado mais progressista, pela quase unanimidade da classe artística”.

Com essa enumeração de atributos, o autor enfatiza características do presidente tidas como positivas, sendo elas produtoras de boas imagens do referente no passado. Assim, o autor faz alusão ao fato de essas qualidades serem, provavelmente, responsáveis por Lula ter atingido a presidência.

Em contraponto, Cony coloca em destaque a decepção gerada por Lula, em:

> 44. Não esperava melhores dias, mesmo assim consegui a façanha de ficar decepcionado com a sua atuação no poder, bem antes dos atuais escândalos de seu partido e de seu governo. (OPN)

Apenas pelo fato de o autor se colocar na crônica como “decepcionado com a sua atuação no poder” (referindo-se à atuação de Lula), já construímos uma visão negativa do presidente, que ainda se reforça pela presença de “os atuais escândalos de seu partido e de seu governo”.

E a frustração do cronista e, indiretamente, dos brasileiros é enfatizada pelo fragmento a seguir:

> 45. Numa campanha aparentemente limpa (sabe-se agora que foi suja como qualquer outra) chegou ao poder reservando-se ao papel de presidente da Nação, deixando a presidência do governo para companheiros que o ajudaram a manter a liderança dentro de seu partido. Deu no que deu. Pior ainda: custou a admitir a lambança da qual, também aparentemente, só tomou conhecimento agora. Ninguém, nem mesmo ele, acredita nisso. Realmente, não estava preparado para governar um país e muito menos uma nação. [grifo nosso] (OPN)

Com esse trecho da crônica, temos a retomada de imagens construídas anteriormente em outras crônicas. Nesse caso, o autor contraria o que já disse sobre o presidente em "Aqui e agora" ("Poucas vezes na história universal, um homem realmente do povo chega ao poder de forma limpa, insofismável, com o apoio explícito da maioria dos cidadãos e com o respeito obsequioso dos que não votaram nele"), e reforça a falta de ação e o despreparo de Lula diante do governo, conforme já presente em crônicas como "O ministro-monstro", "Cara e coragem" e "A hora do grito".

Assim, acreditamos que, diante da decepção gerada por Lula, o autor das crônicas acaba por inserir esse referente entre demais políticos considerados corruptos e demais acontecimentos catastróficos, como pode ser visto em "Verdades e Mentiras".

Nesse texto, há reflexões do próprio cronista sobre os acontecimentos ocorridos próximos à data da publicação da crônica, enumerando, num primeiro momento, alguns desses fatos da seguinte forma:

> No último fim de semana, tivemos doses que o lugar-comum chamaria de "cavalares": prisão de Paulo Maluf, entrevista do Severino, contas de Duda Mendonça no exterior, brigas no interior do PT, Robinho no Real Madri, enchente em Nova Orleans, quarto aniversário do atentado de 11 de Setembro e, para os meus lados, a vontade de torcer de agora em diante não mais para o Fluminense, mas pela Croácia (como um todo), que nos mandou Petkovic, um craque que compensa aquelas que mandamos para fora.

No entanto, depois, há a introdução de um novo referente, por meio de uma descrição indefinida, que será seguido de outros novos. Esses, juntos, terão grande relevância para a conclusão da crônica, conforme podemos observar no trecho a seguir:

> 46. Quem nunca chegará a lugar nenhum é um sujeito que prega diariamente o fim do mundo no largo da Carioca, das 9h às 14h, horário de expediente dos consulados aqui no Rio, que dão vistos para aqueles que desejam ir a algum lugar.
> Tenho atração por esses pregadores de rua. Eles dizem verdades que não leio nos jornais e, quando dizem mentiras, levantam o moral dos oprimidos e criam embaraços de consciência para os opressores.
> Daí concluo que é mais sensato elogiar a mentira e criticar a verdade, que tem muitos donos, tais e tantos que não merecem créditos.
> Tentei escrever uma crônica sem falar em Lula, Maluf, Severino, Duda Mendonça, enchente em Nova Orleans, etc, etc. Quase ia conseguindo. [grifo nosso] (VEM)

A primeira questão a ser desenvolvida sobre esse fragmento de crônica é a presença de um referente apresentado pela descrição indefinida grifada acima, que nos chama a atenção por seu modificador (oração relativa) conter informações especificadoras acrescentadas a esse referente, embora ele seja introduzido por um determinante indefinido e um nome-substantivo semanticamente vago (“sujeito”). A ele é relacionado o “lugar nenhum”, contrastado ao desejo de “aqueles” que pretendem chegar a “algum lugar”.

Essa oposição “lugar nenhum” e “algum lugar” é feita pelo cronista que, intencionalmente, busca realizar uma crítica ao seu país. Isso pode ser subentendido a partir da instalação do referente “consulados”, apresentado como capaz de garantir a algumas pessoas um lugar, no caso, o exterior. Desse modo, o autor deixa o estado de “lugar nenhum” ao local onde se encontra o sujeito descrito anteriormente, ou seja, o Brasil.

Além disso, o cronista, valendo-se de um hiperônimo, recategoriza o referente “um sujeito que prega diariamente o fim do mundo no largo da Carioca, das 9h às 14h, horário de expediente dos consulados aqui no Rio” em “esses pregadores de rua”, acrescentando-lhes a

ação de falar verdades. Esses referentes, por meio das orações de predicado verbal (“Eles dizem verdades que não leio nos jornais e, quando dizem mentiras, levantam o moral dos oprimidos e criam embaraços de consciência para os opressores”), podem ser compreendidos como referentes cujos atributos subentendidos são socialmente considerados positivos, afinal o ato de dizer verdades, em nossa sociedade, é tido como virtude. E esses referentes, além de dizerem verdades, ao dizerem mentiras, também são postos como virtuosos, pois suas mentiras são apresentadas como boas, uma vez que “levantam o moral dos oprimidos e criam embaraços de consciência para os opressores”.

Em seguida, com a conclusão do cronista de que “é mais sensato elogiar a mentira e criticar a verdade” e com o acréscimo do modificador do referente “verdade” – a oração relativa “que tem muitos donos” –, o cronista sugere que essas verdades com muitos donos, donos esses “que não merecem crédito”, não são tão verdadeiras quanto seus donos pretendem provar.

Com isso, ao declarar “Tentei escrever uma crônica sem falar em Lula, Maluf, Severino, Duda Mendonça, enchente em Nova Orleans, etc, etc. Quase ia conseguindo”, podemos entender que esses referentes, agora (re)instalados, são postos indiretamente no discurso como os donos de verdades que não merecem crédito.

Dessa forma, a figura de Lula, que nos importa nesse momento, é apresentada pelo seu nome próprio e traz consigo toda a relação sugerida pelo autor entre o presidente do Brasil e as declarações que ele diz serem verdade sobre os casos de corrupção, contemporâneos à crônica.

Relação semelhante a essa também ocorre na crônica a seguir, que traz um emprego pronominal bastante interessante, principalmente porque a fonte da anáfora não está explícita no texto. Dessa forma, só conseguimos compreender a referência de “ele” por meio do nosso

conhecimento a respeito do contexto sócio-político contemporâneo à crônica e pelas pistas deixadas no texto pelo autor.

Para facilitar a compreensão do emprego pronominal presente em “Considerações sobre a Máfia”, resolvemos transcrever o texto na íntegra.

> 47. O camarada entrou no táxi e ordenou ao motorista: “Depressa! Siga aquele carro antes que ele nos siga”. Pelo título que dei à crônica, ela seria mais uma das milhares que estão sendo produzidas pela mídia a propósito da crise de escândalos na vida nacional.
> Nada disso. É sobre a máfia mesmo. Mexendo em velhos papéis, descobri uma página do Leon Eliachar, um cairota (nascido no Cairo) que veio para o Rio aos dois anos de idade e aqui exerceu a profissão de humorista em livros, jornais e revistas. Morreu há uns dez anos, assassinado "in loco", literalmente com a mão na botija, por um marido ciumento que o surpreendeu transando com a mulher. (A mão e a botija, neste caso, são metafóricas).
> Nas considerações feitas pelo Leon sobre a Máfia, há achados que poderiam ser aplicados a qualquer tipo de máfia. Cito algumas:
> 1) Na Máfia, o cara vivo é o que consegue ficar vivo mais tempo; 2) Na Máfia, ninguém perde a cabeça, perde o corpo todo (ou o mandato); 3) As mortes provocadas pela Máfia ficam misteriosas porque todas as testemunhas desaparecem misteriosamente (evidentemente não é o caso do ex-prefeito de Santo André); 4) A Máfia é contra pena de morte; ela mata sem pena; 5) Na Máfia, é natural que ninguém morra de morte natural; 6) Precisa-se de capangas assessores: quanto piores as referências, melhor; 7) Guarda-costas eficiente é o que só leva tiros na barriga.
> Leon Eliachar falava da Máfia mesmo, a própria, sem qualquer alusão à política nacional, que, no tempo dele, já não era tão diferente assim da atual. Mas há uma preciosidade em suas considerações que é a mais importante e letal de todas: “Ninguém sabe quem é o chefão da Máfia... nem ele”.
> Esta última é de uma atualidade escancarada. Ou, para usar a palavra que está na moda, é de uma transparência dolorosa. [grifo nosso] (CSM)

Nessa crônica, embora, de início, o autor negue que seu assunto sejam os acontecimentos da vida política brasileira, no decorrer do discurso, é possível, a partir de conhecimento de mundo, reconhecer semelhanças entre a máfia apresentada e a “máfia” política, esta responsável por tantos escândalos no país. Essa semelhança acaba sendo marcada por meio de expressões parentéticas como “(ou o mandato)” e “(evidentemente não é o caso do ex-prefeito de Santo André)”, com as quais o cronista coloca um pouco de sua ironia em seu texto. Além disso, podemos notar que a seleção das considerações de Eliachar

sobre a Máfia, feita pelo autor, não foi aleatória, mas intencional, para que houvesse a aproximação entre políticos e mafiosos.

No entanto, o autor reforça que Leon Eliachar trata realmente da Máfia e não da política, embora mencione esta em seu texto, já criando uma possível aproximação por meio da frase: “Leon Eliachar falava da Máfia mesmo, a própria, sem qualquer alusão à política nacional, que, no tempo dele, já não era tão diferente assim da atual”. [grifo nosso]

Quando Cony lança a frase “Ninguém sabe quem é o chefão da Máfia... nem ele” e, em seguida, abre espaço para uma ponte entre as considerações de Eliachar e a atualidade, por meio da conclusão de sua crônica (“Esta última é de uma atualidade escancarada. Ou, para usar a palavra que está na moda, é de uma transparência dolorosa”.), ele – o cronista – deixa as pistas para que haja o preenchimento da referência de “ele”.

A partir do contexto social e político em que se tem a produção da crônica, podemos inferir a alusão feita pelo cronista ao caso de corrupção na vida política do Brasil, marcado principalmente pelo esquema do mensalão, no qual estava envolvido o chefe da Casa Civil José Dirceu, acusado pelo deputado Roberto Jefferson de ser o principal articulador. Sobre esse acontecimento, Lula dizia não ter conhecimento na época, o que gerou muitas desconfianças e comentários a respeito do presidente da República. Partindo desse contexto, Cony cria uma referência indireta entre o presidente da República e o chefão da Máfia, fazendo com que o emprego do pronome “ele” seja entendido ambiguamente. Os sentidos aludidos pelo pronome são de retomada do referente “o chefão da Máfia”, explícito no texto, e do referente “Lula”, implícito no contexto. Mas vale lembrar que, também pelo contexto, a descrição definida “o chefão da Máfia” pode, indiretamente, ser um elemento categorizador de Lula.

Outro caso de crítica ao presidente Lula pode ser notado no fragmento abaixo, em que o emprego do verbo “parecer” forma, junto ao verbo “ser”, uma locução verbal que ligará a

expressão “o bonzo-mor” ao referente Lula. Dessa forma, a expressão nominal definida “o bonzo-mor” funciona, no discurso, como atributo contribuinte para a construção referencial de Lula.

> 48. O bonzo-mor, por direito de função e gosto, parece que é o próprio Lula, que grita e amaldiçoa a oposição, a elite e, de quebra, os corruptos dos outros partidos que não o dele. [grifo nosso] (BEB)

Vale ressaltar, nesse momento, que o autor, por meio da intertextualidade mostrada a partir de “[...] hoje lembrarei uma cena de ‘Madama Butterfly’”, aproxima o presidente do Brasil da personagem da obra por ele referida, o bonzo. Essa semelhança é explicada pela oração relativa que acompanha a expressão nominal “o próprio Lula”. Em ambos os referentes relacionados há o ato de amaldiçoar o que lhe é tido como contrário aos seus princípios. Mas também é importante ressaltar que, por meio da oração relativa que acompanha Lula, temos subentendido o fato de ele não pertencer à elite e o fato de haver corruptos, não só em outros partidos, mas também no seu. Com isso, o autor ironiza o fato de o presidente não se voltar ao próprio partido e aos corruptos nele existentes, mas apenas aos problemas dos demais partidos políticos.

De forma geral, podemos concluir que, nas crônicas de 2005 selecionadas por nós para a constituição de nosso *corpus*, não encontramos a atribuição de características positivas ao referente Lula, como ocorrido nas crônicas de 2004, mas foram enfocados, principalmente, os atributos negativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esse estudo destacando as transformações pelas quais as concepções de referência e referente passaram e suas contribuições para a teoria da Referenciação. Em seguida, introduzimos a teoria sócio-cognitivo-interacionista que nos serviu como apoio para o desenvolvimento de toda a nossa pesquisa. Ao apresentarmos tal base teórica, com destaque para os processos de categorização e recategorização referencial, surgiu em nós uma reflexão sobre os processos de construção referencial, o que nos levou a considerar que não apenas as estratégias de progressão referencial podem atuar como recursos para a construção de referentes.

Foi a partir dessa perspectiva que incluímos em nosso trabalho a predicação – verbal e nominal –, considerando-a também como um dos recursos possíveis para modificar o referente no interior do discurso.

A respeito da predicação, notamos que, dependendo do tipo de predicado, ela poderá atuar com maior ou menor freqüência no processo de construção e transformação referencial. Por isso, efetuamos a divisão entre o predicado nominal e o verbal.

O primeiro, pela sua constituição, pode ser considerado como atributivo, já que seu núcleo é um predicativo do referente-sujeito da oração. Assim, diante da predicação nominal, teremos, comumente, a atribuição – no caso das orações afirmativas – de características ao referente ou a retirada – no caso das orações negativas – delas do mesmo. Dessa forma, o predicado nominal atua sobre o referente, modificando-o.

Já em relação ao predicado verbal, num primeiro momento, sentimos dificuldade em explicar como ele agia ou não na transformação de referentes, pois acreditávamos que isso dependeria essencialmente da natureza semântica do verbo. Não descartamos essa idéia totalmente; ao contrário, consideramos de grande relevância tal questão para essa dissertação,

principalmente porque notamos a recorrência de alguns verbos atuando na modificação referencial. No entanto, sobre esse ponto, cremos que não conseguimos explorá-lo como deveríamos, havendo ainda necessidade de um estudo mais aprofundado, que, por motivo de tempo, deixaremos para uma outra oportunidade de pesquisa.

Porém, para que o predicado verbal opere mudanças nos referentes, além da influência da natureza semântica do verbo, outro elemento exerce forte ação para que essas transformações ocorram: o contexto. Chegamos a essa conclusão por encontrarmos, em nosso corpus, casos em que um mesmo verbo, utilizado em contextos diferentes, foi visto por nós, em conjunto com seu complemento, ora como transformador do referente, ora não. Por isso, acreditamos que o predicado verbal, diferentemente do predicado nominal, tem maior dependência do contexto para atuar na construção referencial.

Quanto ao predicado verbo-nominal, mesmo não tendo tratado especificamente dele em nossas análises – já que não nos deparamos com um número expressivo de casos em que ele ocorra –, tomamo-no também como contribuinte na construção de referente, principalmente porque, assim como o predicado nominal, ele é atributivo, já que tem como núcleo um verbo e um predicativo, que pode ser do sujeito ou do objeto.

Diante das análises de nosso *corpus*, defrontamo-nos também com um outro recurso muito utilizado por Cony nas construções referenciais de suas crônicas. Embora não prevista pela literatura da área, incluímos tal estratégia, considerada por nós como contribuinte para a construção referencial, denominando-a de “jogo de instauração de referentes”. A partir de nossos dados, percebemos que, por meio do jogo de instauração de referentes, o autor, ao estabelecer semelhanças ou dessemelhanças entre diferentes objetos-de-discurso instaurados no texto, acaba por operar transformações nos mesmos.

Assim, podemos dizer que, em nosso *corpus*, há, além das estratégias de progressão referencial previstas pela teoria da Referenciação, outros recursos empregados por Cony na construção dos objetos-de-discurso.

Para a exposição tanto das estratégias de progressão referencial – sob a visão da teoria da Referenciação –, quanto da predicação e do jogo de instauração de referentes – também postos como contribuintes para a construção referencial –, servimo-nos, além dos conceitos apresentados pela nossa teoria de apoio, de exemplos retirados de nosso *corpus*.

Como tínhamos por objetivo principal as análises dos processos de construção do referente Lula, no Capítulo III, buscamos demonstrar como a referenciação de tal figura política era efetuada. A partir dos resultados de nossa pesquisa, pudemos observar que as estratégias referenciais – previstas pela literatura na área – mais utilizadas para se referir a Lula e retomá-lo foram a descrição definida e a pronominalização.

Dentre as descrições definidas utilizadas pelo autor, há a forte recorrência de “o presidente da República” ou “o presidente”, uma vez que é a posição sócio-institucional de Lula que o faz tão comentado nas crônicas de Cony.

Em relação à pronominalização, tivemos com maior freqüência a retomada do referente pelo pronome pessoal do caso reto “ele”. Claro que não podemos deixar de citar os empregos diferenciados de pronomes em nosso material de análise, que foram bastante relevantes para a referenciação de Lula.

Além dessas estratégias de progressão referencial, mencionamos também a freqüência do nome próprio empregado por Cony para se referir a Lula.

Em relação ao uso de nomes próprios, dissemos que não os consideramos como descrição definida, por não apresentarem características do objeto-de-discurso. No entanto, vale ressaltar que, no caso do nome próprio “Lula”, temos um nome que, por se referir a uma

figura pública, já é associado, a partir do contexto, à imagem de presidente da República e a demais informações tidas sobre ele.

Mas é importante enfatizar que esses são os recursos mais ocorrentes, havendo usos das demais estratégias de progressão referencial para a construção de Lula.

Todavia, tratando-se da recorrência, para as transformações operadas sobre o objeto-de-discurso de destaque nessa dissertação, notamos a efetividade da predicação como agente na construção do referente Lula.

Conforme já mencionamos no último capítulo, Cony, por ter como alvo de suas crônicas uma figura de importante cargo para o país e por ter seus textos publicados num jornal de grande circulação no Brasil, precisa zelar pela sua imagem e pela imagem do próprio jornal. Por isso, cremos que, ao invés de valorizar ou desvalorizar o referente por meio de descrições (in)definidas – que poderiam ser consideradas mais enfáticas –, o autor se vale da predicação como um subterfúgio que possibilite elogios e/ou críticas aparentemente menos incisivos.

O mesmo é o que acreditamos que aconteça com o jogo de instauração de referentes, já que o autor sugere as (des)semelhanças de forma indireta, restando ao interlocutor o restabelecimento delas.

Quanto às mudanças relacionadas à construção referencial de Lula, atentamos para a importância do contexto sócio-político-econômico representado nas crônicas de Cony, uma vez que, sob o nosso ponto de vista, é ele – o contexto – o responsável pela intensificação dos aspectos negativos atribuídos a Lula no decorrer das crônicas.

Percebemos que a maior parte dos atributos negativos está associada a acontecimentos políticos que levaram, de forma geral, a mudanças de opinião dos brasileiros em relação à imagem de Lula.

Nas crônicas de 2004, ressaltamos características positivas atribuídas a Lula, que poderiam ser tomadas como possíveis responsáveis por tal figura ter atingido o poder. O fato de ser visto como humilde, popular, carismático, provavelmente tenha levado os brasileiros a uma maior identificação com Lula, diferenciando-o de demais dirigentes vindos da elite. Até mesmo essa questão é enfocada em umas das crônicas de Cony, “Aqui e agora”.

No entanto, diante de escândalos surgidos durante seu primeiro mandato – o que é apresentado por Cony em seus textos –, temos o aumento de características negativas em Lula. Isso se deve ao fato de que a figura, antes vista como diferente de demais políticos, acaba por fazer parte, direta ou indiretamente, por meio de seus funcionários, de envolvimentos em casos de corrupção. Conseqüentemente, temos a decepção nacional representada no discurso de Carlos Heitor Cony.

Em síntese, esperamos que nossa pesquisa traga contribuições para demais trabalhos da área da referenciação, tanto por incluir a predicação – nominal e verbal – quanto o jogo de instauração de referentes como recursos que contribuam para a construção referencial. Além disso, vale atentarmos também para o fato de que, diferentemente dos estudos realizados na área, observarmos as transformações do referente Lula no decorrer de vários textos e não apenas em cada texto isoladamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D. et CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B. et CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 131-176.

APOTHÉLOZ, D., REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et strategies de designation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (eds.). *Du sintagma nominal aux objects-de-discours*. Neuchâtsh, Université de Neuchâtsh, p. 227 – 271, 1995. [Tradução livre de Mônica Magalhães Cavalcante]

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev.e ampl. 14º reimp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*; tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri, revisão do professor Isaac Nicolau Salun. – 2. ed. Campinas-SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

_____. *Problemas de lingüística geral II*; tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica de tradução de Eduardo Guimarães. Campinas-SP: Pontes, 1989.

BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser, ou A fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1983.

CARDOSO, S.H.B. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos.* Campinas-SP: Autores Associados, 2003.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B. et CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.177-190.

CORTEZ, S. L. Referenciação e ponto de vista: constituição de instâncias discursivas para orientação argumentativa na crônica de ficção. In: KOCH, I.G.V.; MORATO, E. M. et BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p.317-337.

CUNHA LIMA, M. L. Anáfora e Indefinido. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Unicamp, n. 44, 2003, p. 133-144.

_____. Referenciação e investigação do processamento cognitivo: o exemplo do indefinido anafórico. In: KOCH, I.G.V.; MORATO, E. M. et BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p.197-218.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B. et CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.191-228.

GIVÓN, T. *Syntax*: A functional-typological introduction. Amsterdam: John Benjamins, 1984. v.I.

HANKS, W. F. *Language and Communicative Practices*. Bouldier, CO: Westview Press, 1996.

_____. *Referential Practice: Language and Lived Space among the Maya*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

HAWKINS, J. A. *Definiteness and Indefiniteness*. A Study in Reference and Grammaticality Prediction. London: Humanities Press, 1978.

ILARI, R. Alguns problemas no estudo da anáfora textual. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M. et BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 103-124.

JAGUARIBE, V. M. F. O jogo da recategorização no texto poético. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (orgs). *Gêneros textuais e referenciação*. Fortaleza: Protexto – UFC, 2004. CD- Rom. ISBN 85-904864-1-9.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M. et BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.

_____.; MORATO, E. M. et BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M. et BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53- 101.

_____. et KOCH, I.G.V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A.S. et KOCH, I.V.G. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 381-399.

MONDADA, L. et DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B. et CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-52.

MÜLLER, A. L. P. et NEGRÃO, E. V. O uso do artigo definido antes do nome próprio em português: uma análise semântica. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos* (Anais do Seminário do IEL). Unicamp, n. 19, 1989, p. 530-540.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

OGDEN, C. K. et RICHARDS, I. A. *O significado de significado*. Um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. (tradução de Álvaro Cabral)

ROSCH, E. Principles of Categorization. In: ROCH, E. et LLOYD, B.B. *Cognition and Categorization.* Hillsdale, NJ., Lawrence Erlbaum: 1978.

SILVA, J. M. da. O governo Lula em revista: o jornalismo como fenômeno de descobrimento. (a cobertura de *Veja*). *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 29, abr. 2006.

SILVA, R. M. A da. *Discurso científico e produção coletiva do saber: a dimensão interativa da atividade acadêmico-científica*. Tese defendida em fev. de 2004, Recife. UFPE.

ZAMPONI, G. Estratégias de construção da referência no gênero de popularização da ciência. In: KOCH, I. G. V. MORATO, E. M. et BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 169-195.

ANEXO

CONY, C.H. Túnel no fim da luz. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 04 jan 2004, Opinião, p. A2.

Túnel no fim da luz

RIO DE JANEIRO - *Não me dei ao respeito de tentar um resumo de todos os recentes pronunciamentos do presidente da República no final do ano e no começo deste. Desconfio que ele não foi humilde nem pessimista. Em seus melhores momentos de campanha eleitoral, que foram muitos, ele nunca prometeu tanto a tantos.*

Em linhas gerais, todos os seus discursos e declarações poderiam ter um único refrão: há luz no fim do túnel. O túnel é o profundo buraco que ele chama de "herança maldita", túnel cavado por outros governos. A luz é ele quem promete e assegura. Olhando-se bem na treva atual, os bem-intencionados, os puros de coração poderão ver os minúsculos pontos luminosos que anunciam o esplendor do sol.

Nem todos pensam como ele. Para muitos, estamos em plena luz, radiosa luz que jorra de sua figura carismática, de seu passado glorioso, de sua lenda messiânica. O diabo é que, no final desta luz própria, que ele trouxe consigo de forma igualmente luminosa, adivinha-se a proximidade de um túnel, longo e tortuoso túnel, quando a fonte de energia que emana de sua pessoa estiver consumida pelos atos e fatos de seu governo. Até aqui, como nos minutos iniciais de uma partida de futebol (Lula gosta, usa e abusa de metáforas assim, parece que são as que melhor entende), ele não passou de um aquecimento, um estudo da tática do adversário. Botou em campo um time experimental, para dar início aos trabalhos, mas somente agora entrarão os titulares para valer.

Evidente que para não curtir um placar adverso nesses primeiros instantes, levar dois ou três gols de saída, ele plantou um trio que será o núcleo do time inteiro. E confia não apenas em Deus, a quem tanto invoca, e no povo que tanto o admira, mas no FMI, que continuará elogiando a sua atuação.

CONY, C.H. A degola dos inocentes. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 06 jan 2004, Opinião, p. A2.

A degola dos inocentes

RIO DE JANEIRO - *Houve tempo em que havia reis magos. Para falar a verdade, ainda existem reis e magos. A Espanha tem o rei Juan Carlos, e o Brasil tem o mago Paulo Coelho. O difícil é juntar os dois, a mistura não seria boa nem para o rei nem para o mago.*

Hoje é Dia dos Reis Magos. Discute-se há séculos se eram realmente reis e magicamente magos. O fato é que viram uma estrela no Oriente e foram, "cum muneribus", isto é, com presentes, adorar um menino que nascera numa manjedoura em Belém.

Apesar da estrela que os guiava, perguntaram onde ficava a tal manjedoura, pois queriam adorar um rei que acabara de nascer. E aí um outro rei, que nem era mago, mandou matar todas as criancinhas para não ter nenhum sucessor. Séculos depois, Rubens e outros pintores fizeram quadros alusivos ao episódio, que passou à história como a "matança dos inocentes". Mães descabeladas tentando salvar os filhos que iam ser degolados pelos esbirros de Herodes.

À primeira vista, tudo pode ser atribuído a tempos antigos, quando o poder era disputado na base da porrada. A humanidade civilizou-se, mas não tanto. É comum um rei fazer tudo para não perder seu reinado. E, mesmo nas democracias, há sempre aquele momento em que um presidente pensa não em degolar inocentes, mas em degolar possíveis sucessores, inocentes ou não.

Fala-se na reeleição do atual presidente. Armam-se esquemas táticos, de marketing e de finanças, para garantir mais um mandato para Lula. Governadores de dois Estados, Alckmin e Aécio, de São Paulo e de Minas respectivamente, com certa boa vontade poderiam ser considerados jovens, mas já estão crescidinhos e não chegam a ser inocentes de todo. Para chegarem lá, devem ter feito das suas.

Por sua vez, apesar de sua origem humilde, Lula tem agora alguma coisa de rei e de mago. Mais para mago do que para rei, porque está sempre prometendo um grande espetáculo que vai requerer, além de magia, bastante mandinga.

CONY, C.H. O ministro-monstro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 jan 2004, Opinião, p. A2.

CARLOS HEITOR CONY

O ministro-monstro

RIO DE JANEIRO - *Foram necessários 12 meses e alguns dias para que o presidente da República descobrisse o que estava faltando a seu governo: um ministro que fosse ministro dos demais, um núcleo de poder e de ação que fizesse a máquina funcionar, um super-ministro enfim.*

Independentemente do nome escolhido, a função é que intriga a nação. Afinal, compacta maioria do nosso povo votou em Lula para ser exatamente o núcleo do poder e da ação, chefiando os outros ministros, que não foram eleitos pelo povo, mas escolhidos a dedo por ele próprio.

Na prática, alguns titulares de pastas importantes, como a da Casa Civil e a da Fazenda, já funcionam como ministros especiais e detêm o controle da cúpula burocrática e financeira do governo. E o presidente, onde é que fica?

Na Líbia, estreitando relações comerciais com Gaddafi ? Na Festa da Uva, coroando a rainha da colheita e recebendo um boné alusivo à cerimônia? Soltando fogos de artifício no jardim do Alvorada, saudando o Ano Novo que trará o espetáculo do crescimento para todos nós? Muito simpático, mas efêmero como um busca-pé de festa junina.

No fracasso ou no sucesso, um governo tem a cara de seu presidente. Produzir, após 12 meses de trabalho, um ministro-ônibus, feito de pedaços dos outros, como um Frankenstein administrativo, é escamotear a função que foi delegada ao presidente.

Uma dupla no poder é como uma dupla na direção técnica de uma seleção de futebol. Lula entende do assunto, gosta sempre de usar imagens de seu know-how de torcedor dos nossos estádios.

Se as coisas não estão funcionando bem no setor social, não se deve culpar os ministros e os funcionários da área. A impressão causada pelo monstro fabricado nas retortas do governo é a de encontrar um bode expiatório que leve as porradas por aquilo que não der certo.

CONY, C.H. Cara e coragem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jan 2004, Opinião, p. A2.

CARLOS HEITOR CONY

Cara e coragem

RIO DE JANEIRO - *O Zé Dirceu está sendo vítima de uma choradeira geral. Ministros, ex-ministros e interessados nisso ou naquilo reclamam que o chefe da Casa Civil é quem está realmente mandando. Ora, pois, qual é a novidade nisso?*

Sempre que um presidente não está preparado para o ofício de governar, que despreza a papelada burocrática e os fuxicos da engrenagem política, o chefe da Casa Civil ocupa o espaço vazio. Despacha o expediente, faz o dever de casa. Foi assim com o marechal Dutra, que teve no professor Pereira Lira o seu fac totum, foi assim com Leitão de Abreu, Juvenal Portela e Golbery, que mandaram e desmandaram no vácuo deixado por presidentes sem apetite, como no caso de Figueiredo, que gostava mais de seus cavalos do que do povo.

Quando o presidente se encarna no poder, como Vargas, JK, Jânio, Collor e FHC, a figura do seu principal subalterno fica em segundo plano. Tanto Vargas como JK tiveram vários chefes da Casa Civil, mas nenhum deles mandava, eram contínuos de luxo. Jânio e Collor duraram pouco, mas, enquanto ocuparam a presidência, não transferiram para ninguém a função de governar, para o bem ou para o mal controlaram a máquina do poder —até que acabaram no brejo.

Lula adora o poder, mas detesta a política, sua frio quando tem de nomear alguém e sua mais frio ainda quando tem de demitir. Ama o poder, mas não se considera poderoso, prefere os penduricalhos do cargo, ver os elefantes da Índia e declarar as obviedades que não cheiram nem fedem.

Dirceu é um animal político. Errando ou acertando, tem um projeto na cabeça, projeto antigo por sinal, pagou um preço por ele. Não tem o carisma de Lula, porém tem mais substância. O atual governo, no que fez de bom ou de mau até agora, tem a sua cara. Falta-lhe ainda a coragem para realizar o que sempre sonhou.

CONY, C.H. FHC, Lula e Vespasiano. Folha de S. Paulo, São Paulo, 23 mar 2004, Opinião, p. A2.

FHC, Lula e Vespasiano

RIO DE JANEIRO - *Parece que FHC inaugurou um novo tipo de comunicação ideológica e política. Ao assumir o governo, recomendou que dele esperassem o contrário do que sempre prometera ao eleitorado. Mas justiça seja feita ao professor: ele dividiu sua biografia em antes e durante o poder. A ruptura entre o que escrevera e dissera fora causada pelo próprio poder.*

Lula está levando adiante a mania, com um acréscimo precioso. Enquanto FHC negava o que afirmara antes de assumir o governo, Lula é mais completo, pois não apenas nega o que prometera antes de ser presidente, mas nega até mesmo aquilo que pensou e disse, já investido no cargo, senhor da chuva e do vento.

A nação cobrou coerência de FHC, coerência entre o candidato e o governante, coerência que não houve. Mas, como presidente, ele se ajustou à nova linha e nela ficou até o fim.

O mesmo não está acontecendo com Lula. Agora mesmo, numa de suas frases mais infelizes, ele comparou o bingo à prostituição infantil. Colocou no mesmo saco um dos mais sombrios escaninhos da sociedade (a prostituição de crianças) ao lado de uma modalidade de jogo que, disciplinada e operada honestamente, fica no mesmo plano das corridas do jóquei e das loterias exploradas pelo próprio Estado.

Não faz muito, ele defendia os bingos, que em tese podem gerar receitas, aumentando as burras oficiais. Chegou mesmo a sugerir (não se sabe a quem, talvez a ele mesmo) que o dinheiro dos impostos vindos do jogo deveria ser aplicado nisso ou naquilo, não me lembro se no Fome Zero, na construção de presídios ou na pavimentação de estradas. Não importa.

Costumo lembrar o imperador Vespasiano: o dinheiro não fede. "Pecunia non olet." Ele tributou os mictórios de Roma. Certamente inspirado nele, Lula pensou em promover o anunciado "espetáculo do crescimento" com o dinheiro do bingo. Por que não com a prostituição infantil?

CONY, C.H. Casca de banana. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 mar 2004, Opinião, p. A2.

CARLOS HEITOR CONY

Casca de banana

RIO DE JANEIRO - *Há uma dose de ironia, sinistra ironia por sinal, nesta primeira crise do mandato de Lula. As turbulências dos primeiros meses provocaram mal-estar, fofocas, mentidos e desmentidos de praxe. Não passaram disso.*

Com o caso Waldomiro, que arrastou consigo o número 2 da atual nomenclatura, formou-se a primeira tempestade, que ainda não se transformou num furacão, mas fez estragos generalizados na imagem do PT e do governo.

Analisadas friamente, as trapalhadas do ex-assessor da Casa Civil, por mais condenáveis que sejam, e merecedoras de punição, apenas respingaram no todo poderoso titular daquele cargo, que parece ser o mais importante depois da Presidência.

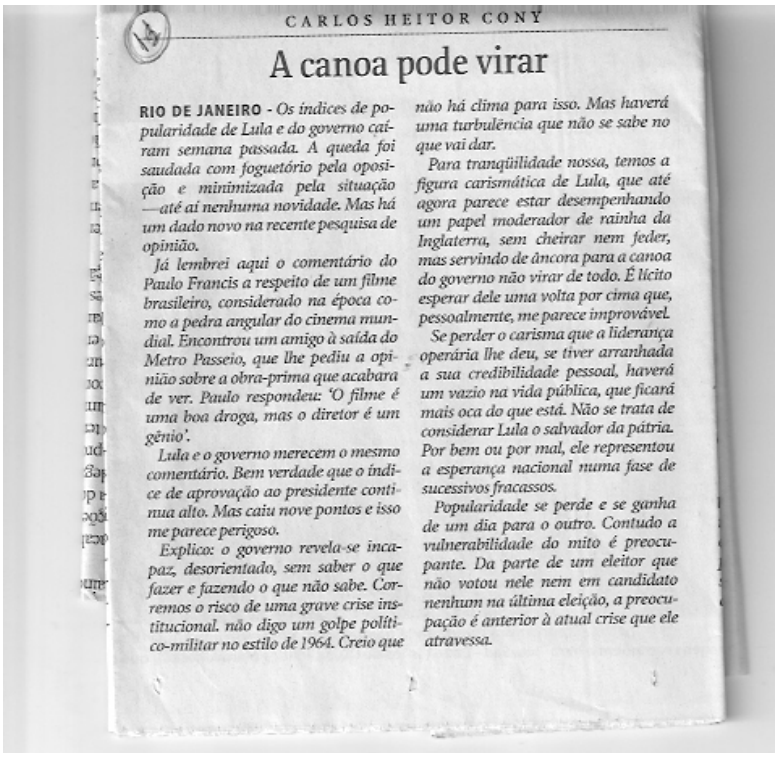
Mais cedo ou mais tarde, a menos que apareçam fatos novos e provados, o escândalo em si não tem proporções apocalípticas, resume-se na pisada de bola do Zé Dirceu, que devia ser mais rigoroso na escolha de seus homens de confiança.

Contudo, o episódio que atravessamos —e que parece longe de terminar— escancarou aquela suspeita de que grande parte do eleitorado mantinha a respeito da nova equipe que chegava ao poder: são homens preparados para governar um país com as características do nosso?

Acredito que ninguém duvida da probidade, das boas intenções e da garra de Lula e de sua principal equipe em realizar um bom governo, com o prometido espetáculo do crescimento, justiça social, fome reduzida a zero e outras maravilhas curativas para a nação enferma. Não foi por aí que surgiram receios e até mesmo um declarado medo de que as coisas poderiam não dar certo.

A ironia da crise atual reside justamente aí. Um caso de flagrante improbidade de funcionário do terceiro ou quarto escalão está alimentando a suspeita de que a turma lá de cima, tudo boa gente, não se preparou devidamente para enfrentar os desafios, as cascas de banana da vida política e administrativa do país.

CONY, C.H. A canoa pode virar. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar 2004, Opinião, p. A2.



CARLOS HEITOR CONY

A canoa pode virar

RIO DE JANEIRO - *Os índices de popularidade de Lula e do governo caíram semana passada. A queda foi saudada com foguetório pela oposição e minimizada pela situação —até aí nenhuma novidade. Mas há um dado novo na recente pesquisa de opinião.*

Já lembrei aqui o comentário do Paulo Francis a respeito de um filme brasileiro, considerado na época como a pedra angular do cinema mundial. Encontrou um amigo à saída do Metro Passeio, que lhe pediu a opinião sobre a obra-prima que acabara de ver. Paulo respondeu: 'O filme é uma boa droga, mas o diretor é um gênio'.

Lula e o governo merecem o mesmo comentário. Bem verdade que o índice de aprovação ao presidente continua alto. Mas caiu nove pontos e isso me parece perigoso.

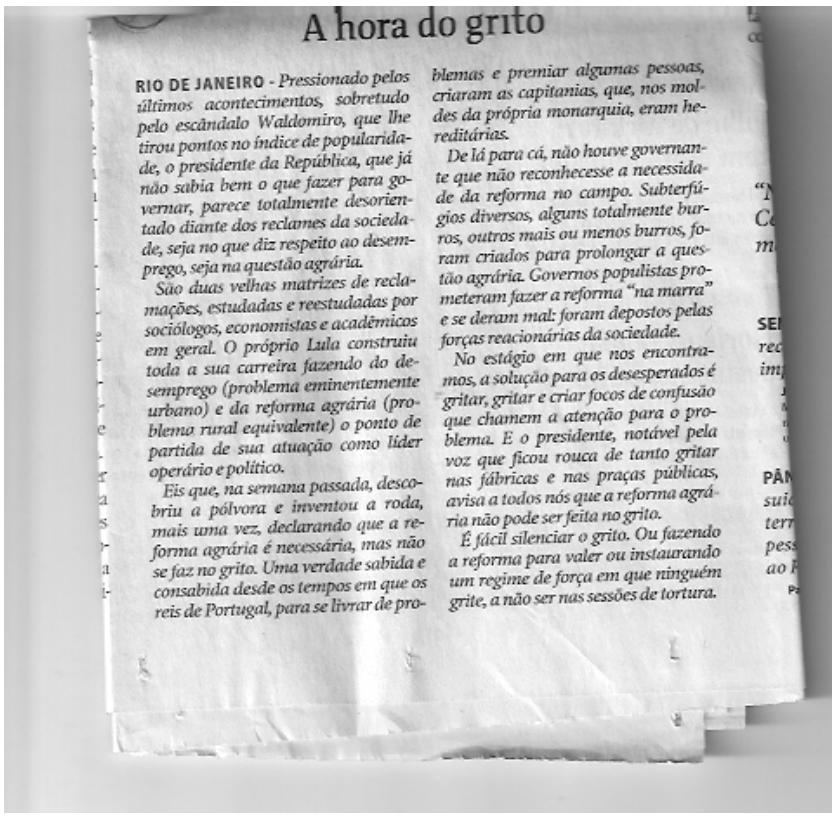
Explico: o governo revela-se incapaz, desorientado, sem saber o que fazer e fazendo o que não sabe. Corremos o risco de uma grave crise institucional. não digo um golpe político-militar no estilo de 1964. Creio que não há clima para isso. Mas haverá uma turbulência que não se sabe no que vai dar.

Para tranqüilidade nossa, temos a figura carismática de Lula, que até agora parece estar desempenhando um papel moderador de rainha da Inglaterra, sem cheirar nem feder, mas servindo de âncora para a canoa do governo não virar de todo. É lícito esperar dele uma volta por cima que, pessoalmente, me parece improvável.

Se perder o carisma que a liderança operária lhe deu, se tiver arranhada a sua credibilidade pessoal, haverá um vazio na vida pública, que ficará mais oca do que está. Não se trata de considerar Lula o salvador da pátria. Por bem ou por mal, ele representou a esperança nacional numa fase de sucessivos fracassos.

Popularidade se perde e se ganha de um dia para o outro. Contudo a vulnerabilidade do mito é preocupante. Da parte de um eleitor que não votou nele nem em candidato nenhum na última eleição, a preocupação é anterior à atual crise que ele atravessa.

CONY, C.H. A hora do grito. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 05 abr 2004, Opinião, p. A2.



A hora do grito

RIO DE JANEIRO - *Pressionado pelos últimos acontecimentos, sobretudo pelo escândalo Waldomiro, que lhe tirou pontos no índice de popularidade, o presidente da República, que já não sabia bem o que fazer para governar, parece totalmente desorientado diante dos reclames da sociedade, seja no que diz respeito ao desemprego, seja na questão agrária.*

São duas velhas matrizes de reclamações, estudadas e reestudadas por sociólogos, economistas e acadêmicos em geral. O próprio Lula construiu toda a sua carreira fazendo do desemprego (problema eminentemente urbano) e da reforma agrária (problema rural equivalente) o ponto de partida de sua atuação como líder operário e político.

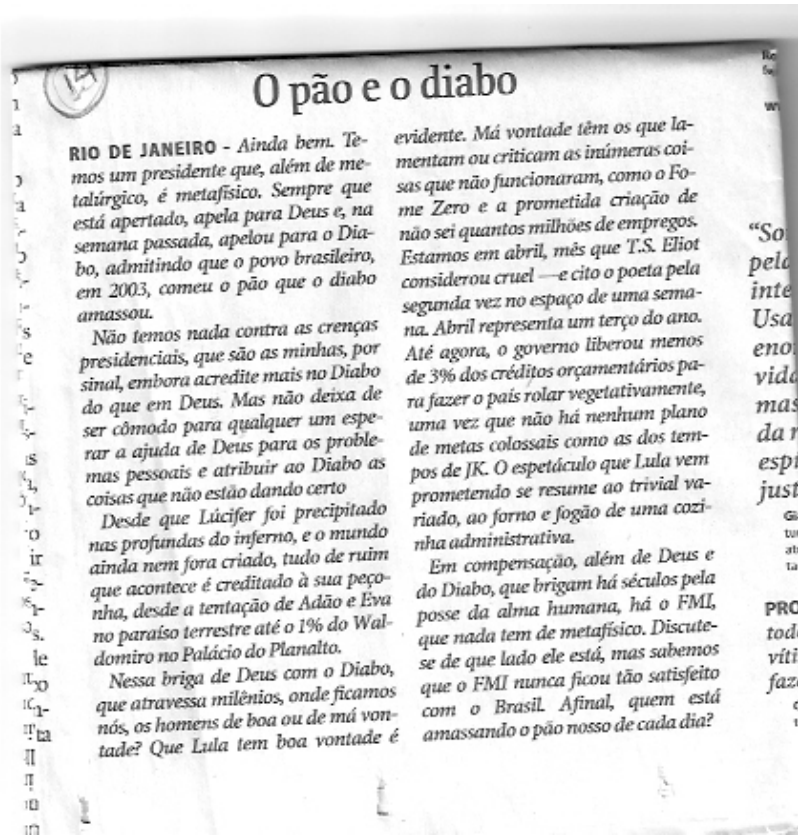
Eis que, na semana passada, descobriu a pólvora e inventou a roda, mais uma vez, declarando que a reforma agrária é necessária, mas não se faz no grito. Uma verdade sabida e consabida desde os tempos em que os reis de Portugal, para se livrar de problemas e premiar algumas pessoas, criaram as capitanias, que, nos moldes da própria monarquia, eram hereditárias.

De lá para cá, não houve governante que não reconhecesse a necessidade da reforma no campo. Subterfúgios diversos, alguns totalmente burros, outros mais ou menos burros, foram criados para prolongar a questão agrária. Governos populistas prometeram fazer a reforma "na marra" e se deram mal: foram depostos pelas forças reacionárias da sociedade.

No estágio em que nos encontramos, a solução para os desesperados é gritar, gritar e criar focos de confusão que chamem a atenção para o problema. E o presidente, notável pela voz que ficou rouca de tanto gritar nas fábricas e nas praças públicas, avisa a todos nós que a reforma agrária não pode ser feita no grito.

É fácil silenciar o grito. Ou fazendo a reforma para valer ou instaurando um regime de força em que ninguém grite, a não ser nas sessões de tortura.

CONY, C.H. O pão e o diabo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 abr 2004, Opinião, p. A2.



O pão e o diabo

RIO DE JANEIRO - *Ainda bem. Temos um presidente que, além de metalúrgico, é metafísico. Sempre que está apertado, apela para Deus e, na semana passada, apelou para o Diabo, admitindo que o povo brasileiro, em 2003, comeu o pão que o diabo amassou.*

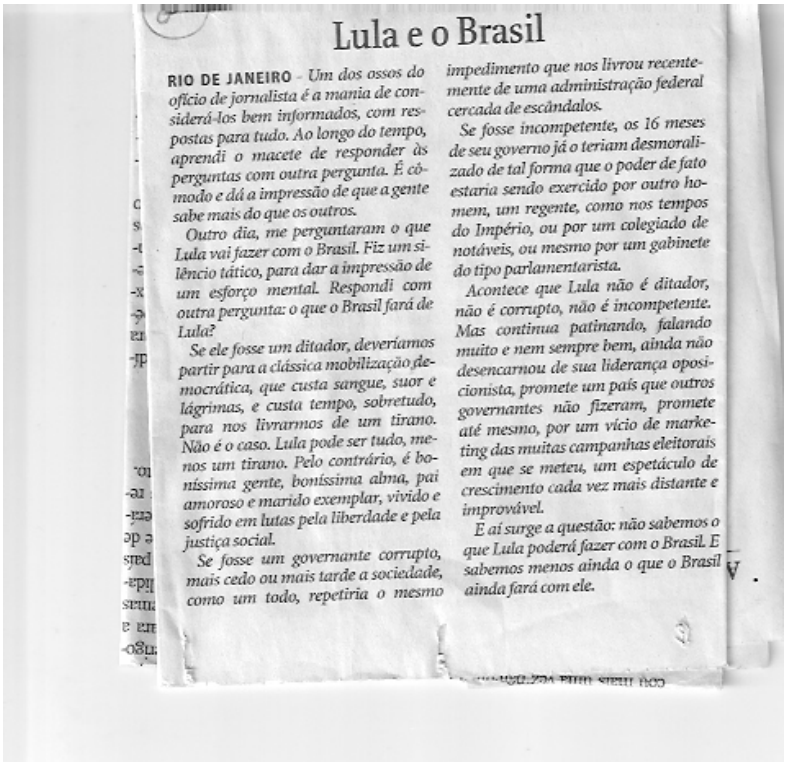
Não temos nada contra as crenças presidenciais, que são as minhas, por sinal, embora acredite mais no Diabo do que em Deus. Mas não deixa de ser cômodo para qualquer um esperar a ajuda de Deus para os problemas pessoais e atribuir ao Diabo as coisas que não estão dando certo

Desde que Lúcifer foi precipitado nas profundas do inferno, e o mundo ainda nem fora criado, tudo de ruim que acontece é creditado à sua peçonha, desde a tentação de Adão e Eva no paraíso terrestre até o 1% do Waldomiro no Palácio do Planalto.

Nessa briga de Deus com o Diabo, que atravessa milênios, onde ficamos nós, os homens de boa ou de má vontade? Que Lula tem boa vontade é evidente. Má vontade têm os que lamentam ou criticam as inúmeras coisas que não funcionaram, como o Fome Zero e a prometida criação de não sei quantos milhões de empregos. Estamos em abril, mês que T.S. Eliot considerou cruel —e cito o poeta pela segunda vez no espaço de uma semana. Abril representa um terço do ano. Até agora, o governo liberou menos de 3% dos créditos orçamentários para fazer o país rolar vegetativamente, uma vez que não há nenhum plano de metas colossais como as dos tempos de JK. O espetáculo que Lula vem prometendo se resume ao trivial variado, ao forno e fogão de uma cozinha administrativa.

Em compensação, além de Deus e do Diabo, que brigam há séculos pela posse da alma humana, há o FMI, que nada tem de metafísico. Discute-se de que lado ele está, mas sabemos que o FMI nunca ficou tão satisfeito com o Brasil. Afinal, quem está amassando o pão nosso de cada dia?

CONY, C.H. Lula e o Brasil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 abr 2004, Opinião, p. A2.



Lula e o Brasil

RIO DE JANEIRO - *Um dos ossos do ofício de jornalista é a mania de considerá-los bem informados, com respostas para tudo. Ao longo do tempo, aprendi o macete de responder às perguntas com outra pergunta. É cômodo e dá a impressão de que a gente sabe mais do que os outros.*

Outro dia, me perguntaram o que Lula vai fazer com o Brasil. Fiz um silêncio tático, para dar a impressão de um esforço mental. Respondi com outra pergunta: o que o Brasil fará de Lula?

Se ele fosse um ditador, deveríamos partir para a clássica mobilização democrática, que custa sangue, suor e lágrimas, e custa tempo, sobretudo, para nos livrarmos de um tirano. Não é o caso. Lula pode ser tudo, menos um tirano. Pelo contrário, é bonissima gente, bonissima alma, pai amoroso e marido exemplar, vivido e sofrido em lutas pela liberdade e pela justiça social.

Se fosse um governante corrupto, mais cedo ou mais tarde a sociedade, como um todo, repetiria o mesmo impedimento que nos livrou recentemente de uma administração federal cercada de escândalos.

Se fosse incompetente, os 16 meses de seu governo já o teriam desmoralizado de tal forma que o poder de fato estaria sendo exercido por outro homem, um regente, como nos tempos do Império, ou por um colegiado de notáveis, ou mesmo por um gabinete do tipo parlamentarista.

Acontece que Lula não é ditador, não é corrupto, não é incompetente. Mas continua patinando, falando muito e nem sempre bem, ainda não desencarnou de sua liderança oposicionista, promete um país que outros governantes não fizeram, promete até mesmo, por um vício de marketing das muitas campanhas eleitorais em que se meteu, um espetáculo de crescimento cada vez mais distante e improvável.

E aí surge a questão: não sabemos o que Lula poderá fazer com o Brasil. E sabemos menos ainda o que o Brasil ainda fará com ele.

CONY, C.H. Aqui e agora. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 abr de 2004, Opinião, p. A2.

Aqui e agora

RIO DE JANEIRO - *Não dá para entender. Poucas vezes na história universal, um homem realmente do povo chega ao poder de forma limpa, insofismável, com o apoio explícito da maioria dos cidadãos e com o respeito obsequioso dos que não votaram nele.*

No caso brasileiro, nossos dirigentes sempre saíram de camadas sociais privilegiadas e, nos pouquíssimos casos em que tivemos um presidente nascido na pobreza, como JK e Sarney, ao serem eleitos, já pertenciam de uma forma ou de outra à elite dominante.

Dificilmente teríamos na oferta eleitoral um candidato com a biografia de Lula, pau-de-arara, operário de carteirinha, homem dotado de fabulosa intuição e com um conhecimento dos problemas nacionais adquirido de baixo para cima, cumprindo um aprendizado político na própria carne, sem a necessidade de títulos e diplomas.

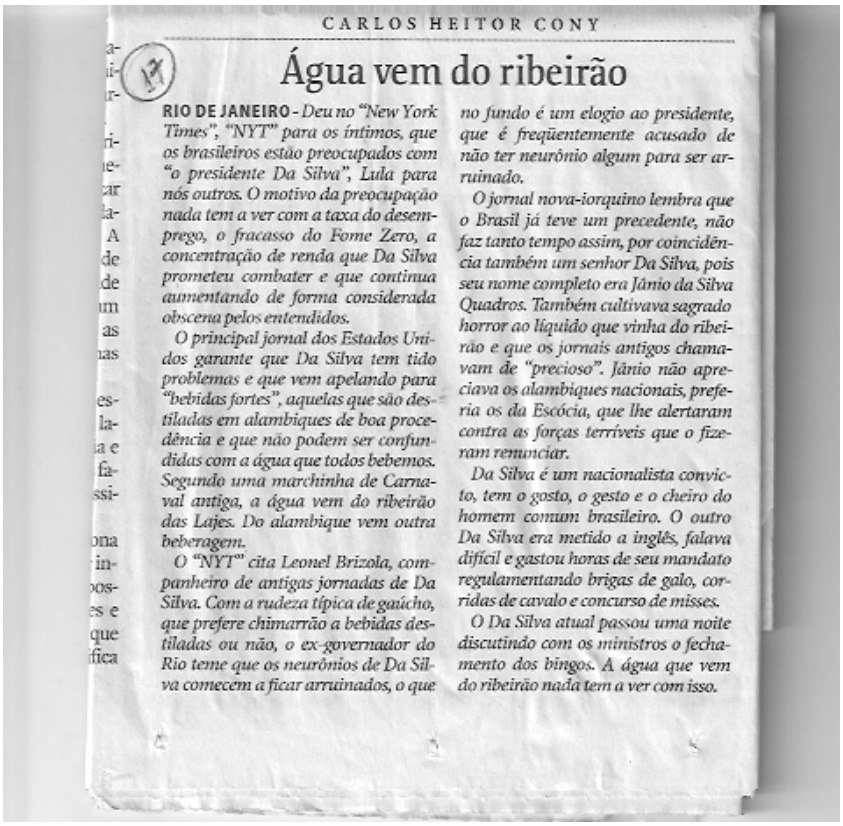
Houve poucos casos assim ao longo do tempo, e a citação de Lincoln talvez seja a mais obrigatória. O lenhador Abraham Lincoln tornou-se um estadista. Um dos pais da pátria, com lugar garantido no panteão da história.

Por que Lula não está dando certo? Na semana passada, comentei que Lula não é incompetente, não é corrupto e tem a melhor das intenções de fazer o melhor governo possível. Quem cruzou o Brasil tantas vezes, de alto a baixo, sentindo o cheiro e o aperto de mão de homens marginalizados ao longo de 500 e tantos anos?

Quem conhece a língua do povo melhor do que ele? Quem chegou ao poder cercado de tanta e tamanha esperança? Não precisou apelar para a liturgia de uma revolução, de um golpe de Estado. É evidente que teria de assumir compromissos discutíveis para compor um cenário de governabilidade —e, de certa forma, conseguiu isso, sem perda considerável de substância humana e política.

Um homem do povo chegou lá. E o lá nunca esteve tão longe do aqui e agora.

CONY, C.H. Água vem do ribeirão. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 mai 2004, Opinião, p. A2.



CARLOS HEITOR CONY

Água vem do ribeirão

RIO DE JANEIRO - *Deu no "New York Times", "NYT" para os íntimos, que os brasileiros estão preocupados com "o presidente Da Silva", Lula para nós outros. O motivo da preocupação nada tem a ver com a taxa do desemprego, o fracasso do Fome Zero, a concentração de renda que Da Silva prometeu combater e que continua aumentando de forma considerada obscena pelos entendidos.*

O principal jornal dos Estados Unidos garante que Da Silva tem tido problemas e que vem apelando para "bebidas fortes", aquelas que são destiladas em alambiques de boa procedência e que não podem ser confundidas com a água que todos bebemos. Segundo uma marchinha de Carnaval antiga, a água vem do ribeirão das Lajes. Do alambique vem outra beberagem.

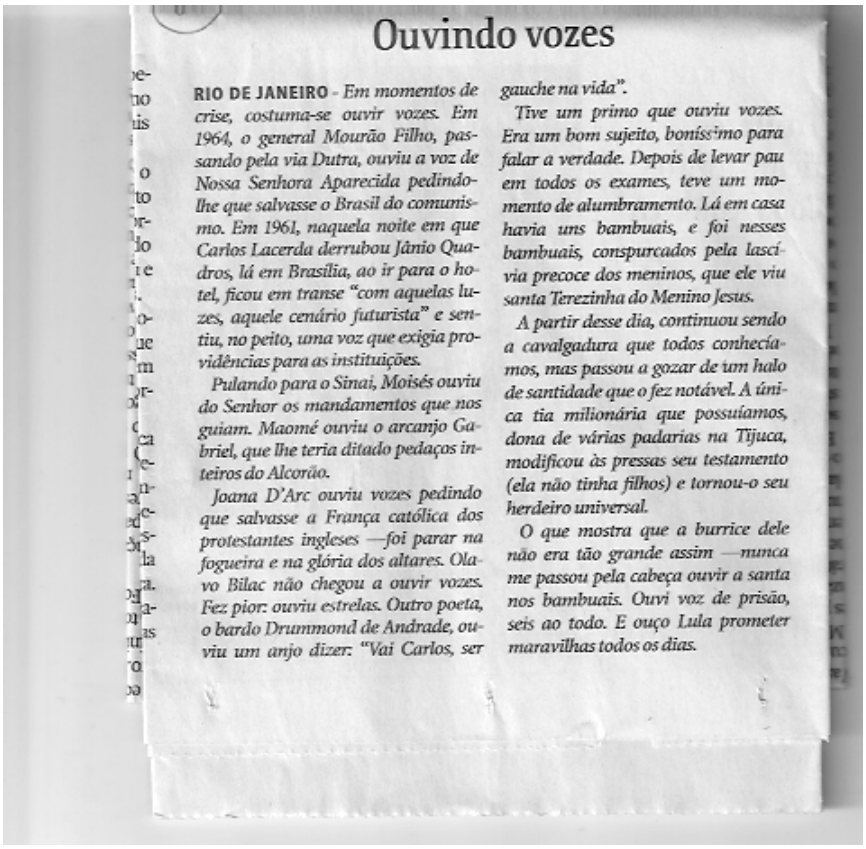
O "NYT" cita Leonel Brizola, companheiro de antigas jornadas de Da Silva. Com a rudeza típica de gaúcho, que prefere chimarrão a bebidas destiladas ou não, o ex-governador do Rio teme que os neurônios de Da Silva comecem a ficar arruinados, o que no fundo é um elogio ao presidente, que é freqüentemente acusado de não ter neurônio algum para ser arruinado.

O jornal nova-iorquino lembra que o Brasil já teve um precedente, não faz tanto tempo assim, por coincidência também um senhor Da Silva, pois seu nome completo era Jânio da Silva Quadros. Também cultivava sagrado horror ao líquido que vinha do ribeirão e que os jornais antigos chamavam de "precioso". Jânio não apreciava os alambiques nacionais, preferia os da Escócia, que lhe alertaram contra as forças terríveis que o fizeram renunciar.

Da Silva é um nacionalista convicto, tem o gosto, o gesto e o cheiro do homem comum brasileiro. O outro Da Silva era metido a inglês, falava difícil e gastou horas de seu mandato regulamentando brigas de galo, corridas de cavalo e concurso de misses.

O Da Silva atual passou uma noite discutindo com os ministros o fechamento dos bingos. A água que vem do ribeirão nada tem a ver com isso.

CONY, C.H. Ouvindo vozes. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jun 2004, Opinião, p. A2.



Ouvindo vozes

RIO DE JANEIRO - *Em momentos de crise, costuma-se ouvir vozes. Em 1964, o general Mourão Filho, passando pela via Dutra, ouviu a voz de Nossa Senhora Aparecida pedindo-lhe que salvasse o Brasil do comunismo. Em 1961, naquela noite em que Carlos Lacerda derrubou Jânio Quadros, lá em Brasília, ao ir para o hotel, ficou em transe "com aquelas luzes, aquele cenário futurista" e sentiu, no peito, uma voz que exigia providências para as instituições.*

Pulando para o Sinai, Moisés ouviu do Senhor os mandamentos que nos guiam. Maomé ouviu o arcanjo Gabriel, que lhe teria ditado pedaços inteiros do Alcorão.

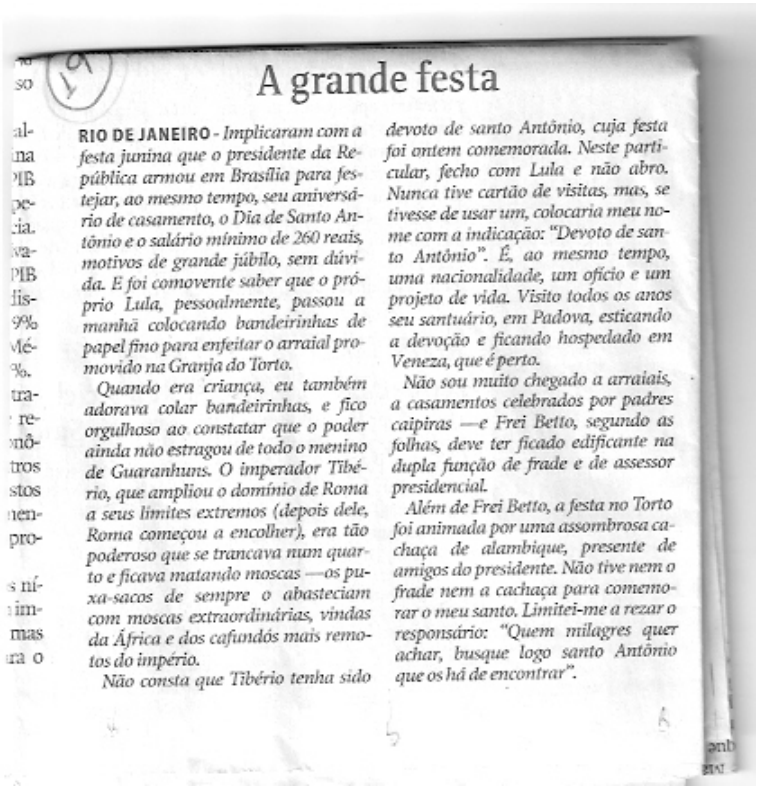
Joana D'Arc ouviu vozes pedindo que salvasse a França católica dos protestantes ingleses —foi parar na fogueira e na glória dos altares. Olavo Bilac não chegou a ouvir vozes. Fez pior: ouviu estrelas. Outro poeta, o bardo Drummond de Andrade, ouviu um anjo dizer: "Vai Carlos, ser gauche na vida".

Tive um primo que ouviu vozes. Era um bom sujeito, boníssimo para falar a verdade. Depois de levar pau em todos os exames, teve um momento de alumbramento. Lá em casa havia uns bambuais, e foi nesses bambuais, conspurcados pela lascívia precoce dos meninos, que ele viu santa Terezinha do Menino Jesus.

A partir desse dia, continuou sendo a cavalgadura que todos conhecíamos, mas passou a gozar de um halo de santidade que o fez notável. A única tia milionária que possuíamos, dona de várias padarias na Tijuca, modificou às pressas seu testamento (ela não tinha filhos) e tornou-o seu herdeiro universal.

O que mostra que a burrice dele não era tão grande assim —nunca me passou pela cabeça ouvir a santa nos bambuais. Ouvi voz de prisão, seis ao todo. E ouço Lula prometer maravilhas todos os dias.

CONY, C.H. A grande festa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun 2004, Opinião, p. A2.



A grande festa

RIO DE JANEIRO - *Implicaram com a festa junina que o presidente da República armou em Brasília para festejar, ao mesmo tempo, seu aniversário de casamento, o Dia de Santo Antônio e o salário mínimo de 260 reais, motivos de grande júbilo, sem dúvida. E foi comovente saber que o próprio Lula, pessoalmente, passou a manhã colocando bandeirinhas de papel fino para enfeitar o arraial promovido na Granja do Torto.*

Quando era criança, eu também adorava colar bandeirinhas, e fico orgulhoso ao constatar que o poder ainda não estragou de todo o menino de Guaranhuns. O imperador Tibério, que ampliou o domínio de Roma a seus limites extremos (depois dele, Roma começou a encolher), era tão poderoso que se trancava num quarto e ficava matando moscas —os puxa-sacos de sempre o abasteciam com moscas extraordinárias, vindas da África e dos cafundós mais remotos do império.

Não consta que Tibério tenha sido devoto de santo Antônio, cuja festa foi ontem comemorada. Neste particular, fecho com Lula e não abro. Nunca tive cartão de visitas, mas, se tivesse de usar um, colocaria meu nome com a indicação: "Devoto de santo Antônio". É, ao mesmo tempo, uma nacionalidade, um ofício e um projeto de vida. Visito todos os anos seu santuário, em Padova, esticando a devoção e ficando hospedado em Veneza, que é perto.

Não sou muito chegado a arraiais, a casamentos celebrados por padres caipiras —e Frei Betto, segundo as folhas, deve ter ficado edificante na dupla função de frade e de assessor presidencial.

Além de Frei Betto, a festa no Torto foi animada por uma assombrosa cachaça de alambique, presente de amigos do presidente. Não tive nem o frade nem a cachaça para comemorar o meu santo. Limitei-me a rezar o responsário: "Quem milagres quer achar, busque logo santo Antônio que os há de encontrar".

CONY, C.H. O país e a nação. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 ago 2005, Opinião, p. A2.

O país e a nação

RIO DE JANEIRO – Não tendo votado em Lula nas últimas elei- ções (não votei em nenhum dos candidatos), critiquei aqueles que o julgavam despreparado para a pre-sidência da República. A origem humilde, a falta de escolaridade e os erros gramaticais seriam irre-levantes diante da honestidade pessoal, da intimidade com os abrolhos da vida de operário e li-der sindical, fundador de um partido, apoiado por intelectuais e uni-versidades como a USP, por seg-mentos da Igreja e do empresa-riado mais progressista, pela quase unanimidade da classe artís-tica.

Não faço parte de nenhuma dessas faunas da sociedade. Não esperava melhores dias, mesmo assim consegui a façanha de ficar decepcionado com a sua atuação no poder, bem antes dos atuais escândalos de seu partido e de seu governo.

Sabia que Lula mantinha sua liderança entre as conflitantes alas do PT na base de um afastamento tático das divergências quase homicidas que marcam a traje-tória petista na vida sindical e política. Fatalmente levaria este afastamento para a presidência, acreditando que daria certo, não se mexe em time que está ganhando – ele aprecia as com-parações com o futebol, sempre em proveito próprio.

Numa campanha aparentemen- te limpa (sabe-se agora que foi suja como qualquer outra) chegou ao poder reservando-se ao papel de presidente da Nação, deixando a presidência do gover-no para companheiros que o aju-daram a manter a liderança dentro de seu partido. Deu no que deu. Pior ainda: custou a admitir a lambança da qual, também aparentemente, só tomou conhecimento agora. Ninguém, nem mesmo ele, acredita nisso. Realmente, não estava preparado para governar um país e muito menos uma nação.

CONY, C.H. Verdades e mentiras. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 set 2005, Opinião, p. A2.

Verdades e mentiras

Muita coisa acontecendo - e ao mesmo tempo. Um sinal dos tempos, um tempo que não deixa de ser chato, que não dá tempo para a gente ter tempo em pensar e se preocupar com outras coisas além do tempo.

No último fim de semana, tivemos doses que o lugar-comum chamaria de "cavalares": prisão de Paulo Maluf, entrevista do Severino, contas de Duda Mendonça no exterior, brigas no interior do PT, Robinho no Real Madri, enchente em Nova Orleans, quarto aniversário do atentado de 11 de Setembro e, para os meus lados, a vontade de torcer de agora em diante não mais pelo Fluminense, mas pela Croácia (como um todo), que nos mandou Petkovic, um craque que compensa aqueles que mandamos para fora.

Para falar a verdade, nem sei direito onde fica a Croácia, se é que ela existe mesmo. Durante anos, o romancista Campos de Carvalho e eu duvidávamos da existência da Bulgária e duvidávamos em vão. Pensávamos que ela fosse uma invenção do Jorge Amado, que tinha livros traduzidos em búlgaro. Jorge tinha e ainda deve ter traduções em servo-croata, não tenho certeza, mas acho que o Paulo Coelho talvez não tenha chegado lá -mas chegará um dia.

Quem nunca chegará a lugar nenhum é um sujeito que prega diariamente o fim do mundo no largo da Carioca, das 9h às 14h, horário de expediente dos consulados aqui no Rio, que dão vistos para aqueles que desejam ir a algum lugar.

Tenho atração por esses pregadores de rua. Eles dizem verdades que não leio nos jornais e, quando dizem mentiras, levantam o moral dos oprimidos e criam embaraços de consciência para os opressores.

Daí concluo que é mais sensato elogiar a mentira e criticar a verdade, que tem muitos donos, tais e tantos que não merecem crédito.

Tentei escrever uma crônica sem falar em Lula, Maluf, Severino, Duda Mendonça, enchente em Nova Orleans etc. etc. Quase ia conseguindo.

CONY, C.H. Considerações sobre a Máfia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 set 2005, Opinião, p. A2.

Considerações sobre a Máfia

O camarada entrou no táxi e ordenou ao motorista: "Depressa! Siga aquele carro antes que ele nos siga!". Pelo título que dei à crônica, ela seria mais uma das milhares que estão sendo produzidas pela mídia a propósito da crise de escândalos na vida nacional.

Nada disso. É sobre a máfia mesmo. Mexendo em velhos papéis, descobri uma página do Leon Eliachar, um cairota (nascido no Cairo) que veio para o Rio aos dois anos de idade e aqui exerceu a profissão de humorista em livros, jornais e revistas. Morreu há uns dez anos, assassinado "in loco", literalmente com a mão na botija, por um marido ciumento que o surpreendeu transando com a mulher. (A mão e a botija, neste caso, são metafóricas).

Nas considerações feitas pelo Leon sobre a Máfia, há achados que poderiam ser aplicados a qualquer tipo de máfia. Cito algumas: 1)Na Máfia, o cara vivo é o que consegue ficar vivo mais tempo; 2) Na Máfia, ninguém perde a cabeça, perde o corpo todo (ou o mandato); 3) As mortes provocadas pela Máfia ficam misteriosas porque todas as testemunhas desaparecem misteriosamente (evidentemente não é o caso do ex-prefeito de Santo André); 4) A Máfia é contra a pena de morte: ela mata sem pena; 5) Na Máfia, é natural que ninguém morra de morte natural; 6) Precisa-se de capangas assessores: quanto piores as referências, melhor; 7) Guarda-costas eficiente é o que só leva tiros na barriga.

Leon Eliachar falava da Máfia mesmo, a própria, sem qualquer alusão à política nacional, que, no tempo dele, já não era tão diferente assim da atual. Mas há uma preciosidade em suas considerações que é a mais importante e letal de todas: "Ninguém sabe quem é o chefão da Máfia... nem ele".Esta última é de uma atualidade escancarada. Ou, para usar a palavra que está na moda, é de uma transparência dolorosa.

CONY, C.H. Lula e a base. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 03 out 2005, Opinião, p. A2.

Lula e a base

Pouquíssimas vezes fui obrigado a concordar tanto e tamanhamente com o presidente Lula. Sua Excelência declarou, na semana passada, que é a favor da reforma política e, sobretudo, que é necessário, para início dos trabalhos, "moralizar a base".

Dou-lhe razão quando entendo que a base citada por ele é a própria base social, a sociedade como um todo, os indivíduos que a formam e formam a nação. Já dizia não sei quem: não adianta socializar a sociedade sem antes socializar o indivíduo. Trocando-se o "socializar" por "moralizar", dá na mesma.

Lendo a declaração presidencial com atenção, verifiquei que estava errado, mas o presidente também estava errado. A base a que ele se referia era a do Congresso. Vale dizer, a sua base, aquela que vota a favor dos interesses do seu governo e do seu partido. É outra coisa, ou melhor, é outra base.

Nos escândalos que traumatizam a vida pública, foram as cúpulas do PT e do PSDB, no atual e no anterior governos, que abriram as porteiras para a corrupção considerada a maior de nossa recente história.

Foi o pessoal de cima que descobriu a existência do chamado baixo clero na Câmara dos Deputados, a turma insatisfeita por diversas razões, preterida nas verbas, nos cargos, na exposição mínima e necessária à vida parlamentar. Descoberto o veio, foi por aí, preferencialmente, mas não exclusivamente, que a corrupção cavou o pretendido ouro das aprovações, desde as medidas provisórias mais catimbadas à emenda constitucional da reeleição e das privatizações.

Nada mudará (a não ser para pior) se não houver a reforma política em sua estrutura operacional e moral. Moral vem do latim, "mos, moris", no plural significa "costumes".

Mas a reforma em si não basta para sanear os costumes da política. Se moralizar é preciso, moralize-se a base, mas, antes de tudo, moralize-se aqueles que a corrompem.

CONY, C.H. Bonzos e bonzerias. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 out 2005, Opinião, p. A2.

Bonzos e bonzerias

Gosto de recorrer à ficção para comentar a realidade, sem explicá-la, é certo, mas para lembrar aquele trecho do Eclesiastes bastante citado, de que nada de novo existe sob o sol e que tudo é vaidade e aflição de espírito.

Ontem, lembrei Tartarin de Tarascon, hoje lembrarei uma cena de "Madama Butterfly". Pode parecer uma alucinação do cronista encontrar nexo entre o drama nacional que estamos vivendo com o drama da japonesinha que casou com um oficial da Marinha dos Estados Unidos.

Para casar, Cio-cio-san renunciou não apenas à tradição de seu país e de sua classe mas à própria religião, adotando a crença ocidental de seu provisório marido. Logo após o casamento, surge o tio dela, um bonzo ortodoxo e furibundo, amaldiçoando a sobrinha em seu nome, em nome da família e de todo o Japão com seus milênios de história. O bonzo tanto se exalta em sua abominação que Pinkerton, o oficial norte-americano e recém-marido, o expulsa gritando: em casa minha, nada de bonzos nem de bonzerias!

Pulando de Nagasaki, onde se desenrola a ópera de Puccini, para Brasília e para o Brasil em geral, o que temos de bonzos e de bonzerias não é mole. O bonzo-mor, por direito de função e gosto, parece que é o próprio Lula, que grita e amaldiçoa a oposição, a elite e, de quebra, os corruptos dos outros partidos que não o dele.

As bonzerias estão aí, na TV, nas revistas e nos jornais, variando de grau, mas não de gênero. Outro dia, dois bonzos iam se atracando no plenário da Câmara. Um bonzo movimenta-se nos bastidores, ameaçando uma bonzeria que o livre da cassação. Bonzos à espera de novas bonzerias estão aguardando hora e vez.

Na ópera acima lembrada, é impressionante a chegada do tio-bonzo, que, antes de entrar em cena, começa a gritar das coxias: "Abbominazione!". Aí entra uma diferença fundamental. Quem clama contra a abominação somos todos nós.